



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

JOSÉ AVENZOAR ARRUDA DAS NEVES

**HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE “O HOMEM QUE AMAVA OS
CACHORROS”**

**CAMPINA GRANDE – PB
JUNHO/2024**

JOSÉ AVENZOAR ARRUDA DAS NEVES

**HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE “O HOMEM QUE AMAVA OS
CACHORROS”**

Apresentação de tese de doutorado à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade como requisito de qualificação para prosseguimento da pesquisa sob a orientação do Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães.

Área de concentração: Literatura e Hermenêutica

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N514h Neves, José Avenzoar Arruda Das.
História e ficção no romance "O homem que amava os cachorros" [manuscrito] / José Avenzoar Arruda Das Neves. - 2024.
108 p.

Digitado.
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "
1. Literatura. 2. Ficção. 3. Romance. 4. História. I.
Título

21. ed. CDD 808

JOSÉ AVENZOAR ARRUDA DAS NEVES

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE “O HOMEM QUE AMAVA OS CACHORROS”

Apresentação de tese de doutorado à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade como requisito de qualificação para prosseguimento da pesquisa sob a orientação do Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães.

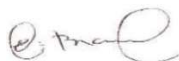
Área de concentração: Literatura e Hermenêutica

Aprovada em: 21/6/2024.

BANCA EXAMINADORA



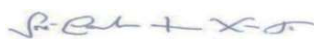
Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



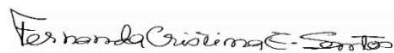
Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB) (membro interno)



Prof. Dr. Geam Karlo-Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB) (membro interno)



Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos
Universidade Federal do Amapá (PPGED-Unifap) (membro externo)



Prof.^a Dr.^a Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos
Universidade Federal do Amapá (PPGLET-Unifap) (membro externo)

RESUMO

Este trabalho analisa articulações e convergências entre história e ficção no romance *O homem que amava os cachorros*, de Leonardo Padura (2015), cotejando com a autobiografia de Leon Trotski, *Minha vida* (1969), e seu *Diário do exílio* (1980b), escritos por um personagem histórico que também é o personagem principal da narrativa apresentada como *corpus* literário desta pesquisa. Ademais, o trabalho utiliza a teoria da narrativa de Ricoeur (2010), apresentada na obra *Tempo e narrativa – o tempo narrado, A teoria do romance*, de Bakhtin (2018), *O romance histórico*, de Lukács (2011) e *O desafio biográfico*, de Dosse (2015), em diálogo com a fortuna crítica e a fundamentação teórico-filosófica da relação entre história e ficção na tradição literária. A pesquisa sobre o referido livro se justifica importante por ser uma retomada ao mesmo tempo do gênero romance histórico e do tema revolução. A pesquisa é essencialmente bibliográfica, para demonstrar que a obra pertence a um gênero singular de literatura e pode ser lida como romance histórico, romance político ou romance biográfico, como instrumento literário específico, como instrumento de reflexão social e revisão dos valores historicamente consagrados. Ao final, a pesquisa apresenta uma interpretação da obra como produção literária sobre o tempo atual, vista a partir de Cuba, numa perspectiva ainda revolucionária, mas sem dogmas ou ilusões que marcaram o tempo narrado na trajetória dos personagens históricos do livro. Parte do pressuposto que a realidade material determina as formas e a validação dos textos literários, especialmente os romances históricos e políticos, e que esse é o método para compreender o sucesso e importância do romance *O homem que amava os cachorros* como uma versão estilizada do fragmento de história sobre as lutas internas e externas da esquerda mundial, mas, sobretudo, como uma narrativa sobre o equilíbrio dinâmico entre história, ficção e revolução política e social.

Palavras-chave: ficção; história; Padura; literatura; Trotski.

ABSTRACT

This work aims to understand the articulation between history and fiction in the novel “The Man Who Loved Dogs” by Leonardo Padura (2015), juxtaposing it with Leon Trotsky's autobiography “My Life” (1969) and his “Diary of Exile” (1980b), written by a historical figure who is also the main character of the narrative presented as the literary corpus of this research. Furthermore, the work utilizes Ricoeur's narrative theory (2010), as presented in “Time and Narrative – Narrated Time”, Bakhtin’s “The Theory of the Novel” (2018), Lukács’ “Historical Novel” (2011), and Dosse’s “The Biographical Challenge” (2015) in dialogue with critical reception and the theoretical-philosophical foundation of the relationship between history and fiction in the literary tradition. The research presented, on the aforementioned book, is justified as important because it is a return to both the historical novel genre and the theme of revolution simultaneously. The research is essentially bibliographic, aiming to demonstrate that the work belongs to a unique genre of literature and can be read as a historical, a political or a biographical novel, as a specific literary instrument, as a tool for social reflection and a reassessment of historically established values. In conclusion, the research suggests an interpretation of the work as a literary production about the current time, viewed from Cuba, from a still revolutionary perspective, but without the dogmas or illusions that marked the narrated time in the trajectory of the historical characters in the book. It presupposes that material reality determines the forms and validation of literary texts, especially historical and political novels, and that this is the method to understand the success and importance of “The Man Who Loved Dogs” as a stylized version of a fragment of history about the internal and external struggles of the global left, but above all, as a narrative about the dynamic balance between history, fiction, and political and social revolution.

Keywords: Fiction; History; Padura; Literature; Trotsky

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender la articulación entre historia y ficción en la novela “El hombre que amaba a los perros” de Leonardo Padura (2015), yuxtapuesta con la autobiografía de León Trotsky “Mi vida” (1969) y su “Diario del exilio” (1980b), escritos por una figura histórica que también es el personaje principal de la narrativa presentada como el corpus literario de esta investigación. Además, el trabajo utiliza la teoría narrativa de Ricoeur (2010), tal como se presenta en “Tiempo y narrativa – Tiempo narrado”, la “Teoría de la novela” de Bakhtin (2018), la “Novela histórica” de Lukács (2011) y “El desafío biográfico” de Dosse (2015) en diálogo con la recepción crítica y el fundamento teórico-filosófico de la relación entre historia y ficción en la tradición literaria. La investigación presentada, sobre el libro mencionado, se justifica como importante porque representa un retorno tanto al género de novela histórica como al tema de la revolución simultáneamente. La investigación es esencialmente bibliográfica, con el objetivo de demostrar que la obra pertenece a un género único de literatura y puede ser leída como una novela histórica, una novela política o una novela biográfica, como un instrumento literario específico, como una herramienta para la reflexión social y una reevaluación de los valores históricamente establecidos. En conclusión, la investigación sugiere una interpretación de la obra como una producción literaria sobre el tiempo actual, vista desde Cuba, desde una perspectiva aún revolucionaria, pero sin los dogmas o ilusiones que marcaron el tiempo narrado en la trayectoria de los personajes históricos del libro. Parte del presupuesto de que la realidad material determina las formas y la validación de los textos literarios, especialmente las novelas históricas y políticas, y que este es el método para comprender el éxito y la importancia de “El hombre que amaba a los perros” como una versión estilizada de un fragmento de historia sobre las luchas internas y externas de la izquierda global, pero sobre todo, como una narrativa sobre el equilibrio dinámico entre historia, ficción y revolución política y social.

Palabras clave: Ficción; Historia, Padura; Literatura; Trotski.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 UM ROMANCE HISTÓRICO	11
2.1 As sutilezas na apresentação dos personagens	12
2.2 Ficção com realismo	20
2.3 Críticas ao romance	23
3 UM ROMANCE SOBRE AS FORMAS DE VIDA REVOLUCIONÁRIA NO SÉCULO XX	29
3.1 Uma reflexão sobre a vida, o medo e a dignidade humana	30
3.2 As tramas do século XX e suas consequências no século XXI	34
3.3 As polêmicas sobre o romance “O homem que amava os cachorros”	39
3.4 Um fragmento de história da esquerda mundial e suas lutas no período que vai da Revolução Russa de 1917 até o início do século XXI	44
4 A POLÍTICA, O ESPAÇO E O TEMPO	48
4.1 Literatura e realidade social	48
4.2 Os processos revolucionários como particularidades da realidade política e social	51
4.3 O perfil político e ideológico dos principais personagens	56
4.4 “O homem que amava os cachorros” como um romance político	59
4.5 A Revolução Russa e a vida em Cuba como referenciais de tempo e espaço	66
4.6 A força do tempo no romance	71
4.7 A verossimilhança da narrativa pelos elementos objetivos e subjetivos descritos ..	75
5 O EQUILÍBRIO ENTRE HISTÓRIA, FICÇÃO E BIOGRAFIA	83
5.1 O que une a história, a ficção e as biografias no romance	83
5.2 A história e a ficção presentes nos processos revolucionários e nas lutas internas na esquerda	88
5.3 A história e a ficção controladas pelo poder	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura, história e política admite muitas interpretações a depender do posicionamento do leitor diante da obra e do contexto em que a leitura é realizada, e isso acontece com a leitura do romance *O homem que amava os cachorros*, do escritor cubano Leonardo Padura (2015).

A narrativa é construída por meio do entrelaçamento da Revolução Russa, de 1917, da Guerra Civil Espanhola, de 1936, e da vida cotidiana em Cuba na contemporaneidade. A história e a ficção se entrecruzam nas trajetórias de seus personagens principais: o líder da Revolução Russa, Leon Trotski, o agente da polícia secreta soviética, Ramón Mercader, e o narrador cubano, Iván Cárdenas Maturell, esse último uma criação do autor.

Comparando a narrativa do romance com algumas obras históricas sobre os acontecimentos narrados e as biografias dos personagens reais, podemos verificar as tensões entre história e ficção que ele sustenta, assim como mostra a continuidade dos conflitos políticos e ideológicos que atravessam o tempo e chegam aos dias atuais. O romance cria um tempo e um espaço a partir das biografias dos personagens históricos e da autobiografia do narrador, o que nos demonstra que o autor da obra trabalha com fragmentos dos tempos em diálogo e contiguidade entre a ficção literária e os acontecimentos históricos. O fio condutor de toda a narrativa é uma crítica às ideologias em choque durante os grandes conflitos políticos, econômicos e sociais do século XX, mostrando a insustentabilidade de um sistema que, pretendendo ser racional, obscurecia a própria razão humana.

O romance revela algo mais que a história e a teoria política foram capazes de revelar sobre os impasses e os desafios herdados do século passado. O romance *O homem que amava os cachorros* é uma narrativa de história, de ficção e de política do passado e do presente. Também é a narrativa da angústia geracional de um tempo em que a humanidade deveria escolher entre irracionalidades postas à disposição das massas como roteiros de vida dos quais não se podia escapar, e esses roteiros persistem como imposição para diferentes povos.

Temos, assim, um romance que expõe fatos históricos dos quais é, ou pretende ser, contemporâneo, na medida em que sua narrativa funde o tempo presente com o tempo passado, aproximando as partes, as fases e o enredo de processos sobre acontecimentos políticos, muitas vezes narrados para revelar diferentes *nuances* de atos e gestos que simbolizam o exercício do poder na contemporaneidade.

Em cada texto concreto, seja ele declarado histórico ou literário, ou as duas coisas ao mesmo tempo, é necessário identificar as relações entre história e ficção, que acontecem

sempre com algum propósito do autor, sendo interpretadas também com algum propósito do leitor. As teorias sobre essa relação entre história e ficção na literatura remetem sempre às dificuldades de representação do real; daí que a literatura de ficção tanto complementa o que a ciência histórica não é capaz de fazer como explora as muitas potências daquilo que constitui a realidade. Surge então uma função social da literatura como organizadora da compreensão de um passado, sempre reescrito e reinventado, um passado que somente se revela na memória coletiva e que sempre admite novas revelações. Estabelecendo uma relação mais fluida entre história e ficção, a literatura mantém a história em construção, uma espécie de verdade sempre aberta às novas descobertas como acontece com todas as ciências.

Em tempos de extremismo político em todo o mundo, com repercussões desastrosas no Brasil, qualquer discussão banal entre a esquerda e a extrema direita coloca, no centro dos embates, argumentos referenciando Cuba, seja como atributos desastrosos ou como uma referência positiva. Nessa conjuntura, deparamo-nos com o rememorar da nossa própria trajetória de luta política em prol do sonho socialista, o que impulsionou o nosso interesse por uma literatura produzida em Cuba e que se configura como um fragmento histórico de tempos que se inter cruzam e a resistência ao fazer literário romântico que predominou como “promessas divinas de esperança” na América Latina, como sublinhou Antonio Candido (2000).

Nem céu, nem inferno, Cuba nos é apresentada pelo escritor cubano Leonardo Padura, em *O homem que amava os cachorros*, a partir de um encontro entre a ficção literária e a memória histórica, que nos permite compreender esse romance tendo a teoria da história como principal interlocutora do nosso trabalho. O que nos direcionou em construir uma pesquisa bibliográfica que usa, como recurso metodológico, a historiografia.

Ademais, é importante justificar que a escolha desse tema para uma pesquisa de doutorado se justifica, inicialmente, pela afinidade com o tema que esteve presente em toda a nossa trajetória de vida, na militância política e na formação em direito vinculada à luta por igualdade e pela garantia dos direitos humanos. E essa primeira justificativa determina a segunda, que é o contexto histórico-político em que nos encontramos, que retroalimenta certa descrença nos grandes projetos de transformação social e nos impele a buscar novas soluções que nos permitam continuar lutando por transformação mesmo diante dos escombros das utopias.

A partir disso, apresentamos um texto dividido em quatro capítulos, em que o primeiro tem como objetivo apresentar o romance de Leonardo Padura, a partir de suas formas, características e reflexões históricas e filosóficas sobre a vida e a estética revolucionária no

século XX. O segundo capítulo postula desenvolver uma reflexão filosófica sobre as formas políticas apresentadas no livro, a partir das contribuições teóricas de Antonio Candido (2000), Lukács (2011) e de Trotski (1969, 1980a, 1980b, 1981, 2017), que estabelecem uma relação entre literatura e revolução. No terceiro capítulo, seguimos com inquirições sobre o uso do tempo e do espaço para criar a verossimilhança da obra, dentro dos limites impostos à literatura diante dos efeitos da censura em Cuba, que repercute em *O homem que amava os cachorros*. Por último, interessa-nos apresentar a ficção histórica literária de Leonardo Padura como um gênero singular de romance, fundindo os gêneros de romance histórico, político e biográfico em uma única narrativa, fazendo um equilíbrio dinâmico entre história, ficção e revolução política e social.

Após cotejar os textos considerados históricos com os recortes históricos políticos do livro de Padura, destacando seus entrelaces e aporias, interessa-nos demonstrar como essas narrativas se engendram e se articulam formando um todo que é obra literária e obra histórica, romance e biografia, além de ser um manifesto político e ideológico, no sentido de marcar posição diante de um quadro marcado por rivalidades, antinomias e enfrentamentos. Trata-se de manifesto que é o possível para a literatura: de lidar com a densidade e complexidade do real, ao desenvolver as muitas facetas daquilo que consideramos marco ou evento histórico. Ademais, apontaremos as considerações de uma tese que abre novas leituras sobre o significado do romance histórico e político no atual contexto mundial.

2 UM ROMANCE HISTÓRICO

O romance *O homem que amava os cachorros* de Leonardo Padura (2015) se revela como uma obra singular que transcende as fronteiras tradicionais dos gêneros literários, assumindo, ao mesmo tempo, o papel de romance histórico e didático, proporcionando uma rica fonte de estudo para os interessados na literatura e na história do século XX. É um romance histórico que mergulha nas entranhas da complexa história do movimento comunista internacional, delineando seu nascimento, auge e declínio. A narrativa tece os fios intrincados da trama política e humana, revelando os destinos entrelaçados de três personagens principais: Lev Davidovich Bronstein, mais conhecido como Leon Trotski; Ramón Mercader, o homem que o assassina; e Iván Cárdenas Maturell, um escritor cubano contemporâneo.

A narrativa acompanha a vida de Trotski e seus desdobramentos políticos após a Revolução Russa de 1917. A precisão histórica na descrição dos acontecimentos, locais e personagens históricos contribui para a caracterização do romance como uma obra historicamente fundamentada.

A profundidade psicológica dos personagens é uma característica importante do romance. Iván, escritor cubano em busca de significado em sua vida, serve como uma espécie de narrador e ponto de vista para a história de Trotski e Mercader. Sua jornada de autodescoberta e suas reflexões sobre poder, lealdade e traição adicionam camadas de complexidade à trama.

Ao longo do romance, esses personagens se entrelaçam em uma teia de relações complexas e interdependentes, cada um lutando com questões internas enquanto navegam pelas turbulências da história. A profundidade psicológica desses personagens adiciona uma riqueza emocional e intelectual ao romance, elevando-o além de uma simples narrativa histórica para uma exploração mais ampla da condição humana e das complexidades do poder e da política por meio da experiência literária.

Ademais, o romance apresenta uma abordagem didática ao explorar e explicar de maneira acessível e envolvente os complexos eventos políticos e ideológicos que moldaram o curso da história russa e mundial. Através das interações entre os personagens, o autor fornece ao leitor uma compreensão mais profunda das dinâmicas políticas e ideológicas da época. O romance não apenas proporciona imersão emocional na experiência humana durante momentos críticos, mas também serve como ponte entre a ficção e a realidade histórica, oferecendo aos leitores oportunidade única de aprender e refletir sobre os eventos que

moldaram o mundo moderno, o início e o fim da hegemonia stalinista no movimento comunista internacional e as incertezas geradas a partir desse novo contexto.

2.1 As sutilezas na apresentação dos personagens

Logo na abertura do texto, marcada pela sentença “Descanse em paz” (Padura, 2015, p. 31), o autor prepara uma reflexão futura para o leitor e o faz perceber que não se trata da mera notícia do falecimento da esposa do primeiro narrador, Iván Cárdenas Maturell. Essa frase, carregada de simbolismo, adquire profundidade que se estende para além do âmbito pessoal. Ao lermos o romance, percebemos que, intencionalmente, o autor permite que a mesma sentença, “Descanse em paz”, possa ser interpretada como o fim do movimento comunista sob hegemonia do stalinismo. A abertura do romance sugere o epitáfio e os escombros da história monumental.

A morte da personagem fictícia Ana, esposa de Iván, adquire peso emblemático na trama. Seu falecimento não é apenas a perda de uma vida individual, mas simboliza o fim de uma era histórica. Ana se torna metáfora para a queda do idealismo e da utopia que impulsionaram o comunismo. Sua morte é ponto de inflexão, em que o otimismo inicial cede espaço para a sombra do desencanto.

O romance transcende os limites do romance histórico comum, pelo fato de trabalhar com diferentes temporalidades, reunir incessantemente memória histórica e ficção e desenvolver a possibilidade de retorno à história e à ideologia, oferecendo ao leitor amplitude de interpretação. É uma obra que, por meio de sua narrativa envolvente e personagens ricos, proporciona compreensão profunda e reflexiva sobre a trajetória do movimento comunista internacional e os eventos que levaram ao seu ocaso. A morte de Ana, simbolizando o fim de uma era, ressoa como eco melancólico da utopia perdida e das ilusões desfeitas.

O romance revela, aos poucos, uma intrincada teia de ficção que se entrelaça habilmente com elementos históricos, desafiando o leitor a navegar entre os limites do real e do imaginário. Ao contrário de muitas narrativas que exigem a escolha clara entre história e ficção, Padura (2015) constrói uma trama que se assume como ficcional desde o princípio, mas mantém tensão constante, permitindo que o leitor decida a cada episódio narrado.

O narrador principal estabelece poderoso paralelo entre sua própria trajetória de vida em Cuba, marcada por sonhos desfeitos, e o testemunho do colapso do chamado socialismo real. Essa abordagem cria uma narrativa que transcende a mera ficção, conectando-se com

eventos históricos reais. No entanto mantém a atmosfera de incerteza, desafiando o leitor a discernir onde termina a realidade e começa a ficção.

O narrador, ao acompanhar o declínio de sua esposa, tece uma metáfora eloquente sobre os ciclos da vida — o nascimento, a existência e a morte. Essa reflexão enriquece a trama. A dualidade entre a narrativa pessoal do protagonista e os eventos históricos fundamentais desafiam o leitor a explorar as interconexões entre a vida individual e a coletiva, a ficção e a realidade, o passado e o presente.

Já no primeiro capítulo, Iván adverte que, “no momento oportuno”, o leitor compreenderá “por que esta história, que não é a história da minha vida, embora também o seja, começa como começa” (Padura, 2015, p. 35). E aqui está a chave para a compreensão do romance e sua frase de abertura que faz uma espécie de resumo do livro. Trata-se de jornada literária que transcende os limites tradicionais dos romances históricos comuns, ao se apresentar também como uma perspectiva de encarar o mundo atual.

A narrativa prossegue dando as pistas do que vem pela frente, e o próprio apresentador, narrando a passagem de um furacão que foi batizado com o seu nome, “Ivan”, e que passaria necessariamente por Cuba, induz ao leitor pensar que algo muito sério e revelador está por vir. Diz Iván: “E já verão por que penso ter razões de sobra para acreditar que só um acaso retorcido pode ter determinado que aquele ciclone, um dos mais ferozes da história, tivesse o meu nome, justamente quando outro furacão se aproximava da minha vida” (Padura, 2015, p. 367-368).

Ao expressar que apenas um acaso retorcido poderia ter atribuído seu nome a um dos mais ferozes ciclones da história, o narrador sugere a relação entre os fenômenos meteorológicos de tipo ciclone, as reviravoltas na história humana e o que vai ser narrado. Anuncia que vai narrar alguma coisa nova, e isso é importante porque a história de Trotski, do seu assassino Ramon Mercader, da sua luta contra o stalinismo, e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e suas relações com Cuba são assuntos de ampla divulgação nos meios de comunicação de massa, e pouca emoção traria o anúncio de que vai ser contada mais uma vez.

A metáfora do ciclone é bem apropriada para o caso, pois é algo fora do controle humano. E a narrativa sobre esses elementos históricos do movimento comunista internacional vai ser feita a partir de Cuba, na visão de um escritor cubano, que viveu o período revolucionário, o período de estagnação e, agora, vive em um clima de maior liberdade literária, dentro de uma grande transformação política econômica e social cujo final ainda não foi revelado.

O narrador abre a perspectiva para uma reflexão sobre a interconexão entre a natureza e a vida humana, convidando o leitor a contemplar as complexidades do acaso e a busca por significado mesmo nos fenômenos aparentemente imprevisíveis, sejam eles naturais ou humanos. O furacão sempre revela algo, o novo ou o velho escondido, e dificilmente um ciclone repete o outro.

Quando o narrador apresenta Trotski aos leitores não o faz a partir da data do seu nascimento ou do seu ingresso na vida política, como a maioria das biografias apresentadas ao público, mas a partir do início de seu exílio da URSS. A abordagem do narrador ao apresentar Trotski aos leitores começando pelo momento de seu exílio visa contextualizar o declínio da utopia socialista na União Soviética. Ao destacar o exílio como ponto de partida, o narrador lança luz sobre um momento crucial na história do socialismo, marcando o afastamento de um dos líderes revolucionários do país que inicialmente almejava ser exemplo triunfante desse modelo de sociedade.

A decisão de começar a narrativa no momento do exílio sublinha a ironia e a trágica contradição na trajetória de Trotski. Enquanto os revolucionários russos aspiravam implementar a sociedade socialista, o próprio Trotski, um dos principais arquitetos desse movimento, encontrava-se exilado, afastado da pátria que deveria abraçar essa visão.

Ao situar Trotski no contexto de seu exílio, não apenas apresenta uma perspectiva biográfica, mas também indica que o exílio é simbolicamente o ponto de virada para o declínio das aspirações socialistas. O exílio de Trotski pode ser interpretado como sinal de que as promessas revolucionárias estavam sendo traídas ou distorcidas, transformando o ideal socialista em sistema que não podia mais acomodar suas próprias figuras centrais.

Essa abordagem é uma crítica à trajetória do socialismo na URSS, questionando o curso dos eventos que levaram a uma figura tão proeminente ser expulsa do próprio país que deveria exemplificar os ideais revolucionários. Ao escolher começar a narrativa a partir desse momento crucial, o narrador proporciona a visão singular que convida os leitores a refletirem sobre as contradições inerentes à busca da utopia socialista na prática política.

O romance apresenta o personagem de Ramón Mercader em momento decisivo de sua vida, lançando luz sobre sua jornada tumultuada em defesa das ideias stalinistas em formação. O autor escolhe estrategicamente o ponto em que Mercader é confrontado por sua mãe, obrigado a decidir entre renunciar a tudo em prol de suas convicções político-ideológicas. A causa político-ideológica deveria ou não ser colocada acima da vida? O que é uma vida sem uma boa causa para se defender? Quem define essa boa causa? São reflexões inerentes à apresentação de Ramón Mercader aos leitores.

Essa abordagem narrativa revela a conexão intrínseca entre os destinos dos principais personagens. Ramón Mercader, o narrador, Iván, que enfrenta a tragédia de sonho desfeito, simbolizado na morte de sua esposa, e o líder russo Trotski, exilado e distante de sua terra natal, estão interligados pelos desafios que a vida lhes impõe, e o curso das ideologias pode determinar, dependendo do desenvolvimento histórico que assumem. A trama se desenrola como teia intrincada, entrelaçando as escolhas políticas e ideológicas dos personagens com as ideias de avanços e retrocessos da sociedade humana, sob determinado ângulo de visão.

Os protagonistas são apresentados em cenário de crises e incertezas, espelhando as convulsões políticas e sociais de cada época. As tensões ideológicas e as mudanças abruptas nos destinos dos personagens principais refletem os tumultos vivenciados por aqueles envolvidos no movimento comunista internacional. A incerteza paira sobre eles, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de tramas intrincadas e revelações profundas sobre a natureza humana diante de dilemas políticos. Assim, o início do romance é uma narrativa que conecta os destinos dos personagens principais, lançando luz sobre a complexidade de suas vidas em meio a um contexto de transformações, incertezas e fervor político.

No romance *O homem que amava os cachorros*, cada protagonista desempenha o papel singular de representar um tipo político característico de sua época. A narrativa muitas vezes se torna um espelho, refletindo não apenas as tramas pessoais dos personagens, mas também as complexidades políticas e ideológicas do contexto histórico em que estão inseridos. Nesse sentido, os protagonistas não são meramente indivíduos, mas personificações de correntes de pensamento, ideologias e perspectivas políticas predominantes.

Ao explorar as motivações, dilemas e escolhas dos personagens principais, o romance proporciona uma compreensão mais profunda das questões políticas que moldam a trama. Seja um revolucionário, como Trotski, um agente da polícia política ou ideológica, como Ramón Mercader, ou o escritor desiludido com a política em seu país, como Iván, cada protagonista reflete e personifica um tipo político específico que se destaca naquele momento histórico.

Ao mergulharmos nos meandros do romance, somos convidados não apenas a conhecer as histórias pessoais dos protagonistas, mas também a compreender as *nuances* políticas que permeiam suas vidas. Cada personagem é testemunho vivo do intercâmbio constante entre a esfera individual e o cenário político mais amplo, enriquecendo a trama e proporcionando perspectivas que moldam o mundo fictício e, por extensão, o nosso próprio mundo.

Trotsky, o revolucionário que desafiou a burocracia no poder sob hegemonia do stalinismo, e Mercader, o homem que se tornou seu algoz, são moldados pelo autor com riqueza de detalhes e profundidade psicológica. O autor não apenas resgata fatos históricos, mas os reinventa, dando-lhes novos significados e interpretando o passado à luz de sua perspectiva literária.

A inserção de Iván, o narrador fictício, amplia ainda mais a complexidade do enredo. Ele atua como uma testemunha ocular da história, proporcionando ao leitor uma visão íntima e subjetiva dos eventos. Através desse narrador imaginário, o autor cria ponte entre o leitor e os protagonistas históricos.

Ao explorar a dualidade entre realidade e ficção, Padura (2015) desafia as fronteiras da narrativa histórica. Os personagens, mesmo os históricos ou reais, ganham nova vida nas páginas do romance. A imaginação do autor transcende os limites do factual, transformando o passado em terreno fértil para a expressão artística. Dessa forma, *O homem que amava os cachorros* não é apenas uma nova narrativa sobre a Revolução Russa e seus desdobramentos, mas também uma reflexão profunda sobre o poder da ficção para reinterpretar e reinventar a história.

O perfil de uma figura histórica como Trotsky é tão complexo que qualquer tentativa de descrevê-lo completamente tende a falhar em algum aspecto. Trotsky foi um homem cujas ações e ideais foram moldados por diversidade de influências, experiências e circunstâncias. Portanto qualquer narrativa sobre sua vida só pode oferecer visão parcial e muitas vezes distorcida de quem ele realmente era.

As biografias e obras literárias que tentam retratar Trotsky, apenas se aproximam do que seria a realidade. Elas oscilam entre a factualidade histórica e a interpretação romântica, dependendo da perspectiva adotada pelo autor. Em alguns relatos, ele é pintado como um herói revolucionário incansável, enquanto, em outros, é retratado como traidor ou mesmo tirano. Essas divergências refletem não apenas a complexidade da própria figura de Trotsky, mas também as diferentes agendas e pontos de vista de quem o analisa. O tempo mostra que as versões criadas pelo stalinismo, descrevendo Trotsky como traidor da revolução ou agente do imperialismo capitalista, como forma de desacreditar as ideias e a própria história de Trotsky, estão sendo sepultadas.

No romance *O homem que amava os cachorros*, o autor apresenta Trotsky como ser humano profundamente comprometido com uma causa política e ideológica, moldando sua vida em torno dela. Ele é retratado como alguém que sacrifica sua própria segurança e conforto em nome de um ideal maior, lutando incansavelmente por uma visão de sociedade

mais justa e igualitária. No entanto, mesmo nessa narrativa, sua humanidade é destacada, mostrando suas falhas e dilemas morais.

No romance, a figura de Trotski é esclarecida não apenas por meio de suas expressões e suas manifestações, mas principalmente pelos detalhes descritos no contexto em que ele é inserido. Padura (2015) não se limita a fornecer uma análise direta das condições ou atributos pessoais de Trotski; em vez disso, ele o apresenta como produto do ambiente político e social em que viveu, revelando sua complexidade por meio de suas interações e decisões.

Trotski é retratado como um tipo de revolucionário superior em relação aos seus contemporâneos, um homem cujas qualidades e capacidades se destacam mesmo em meio a uma época de fervor ideológico e tumulto político. Sua visão de mundo e sua dedicação à causa revolucionária o colocam em posição única, elevando-o acima dos outros líderes e ativistas de sua era.

No entanto, apesar de sua superioridade em muitos aspectos, Trotski continua sendo, essencialmente, produto de seu tempo. Ele é moldado pelas circunstâncias históricas e pelas ideologias predominantes da época, e suas ações são influenciadas pelos eventos que ocorrem ao seu redor. Mesmo com suas qualidades excepcionais, Trotski é reflexo do ambiente político e social em que vive, e suas escolhas são, em última instância, moldadas por esse contexto.

A representação de Trotski por Leonardo Padura (2015) destaca tanto suas características individuais quanto sua relação com o mundo ao seu redor. Ele é apresentado como revolucionário de destaque, cujas qualidades transcendem as de seus contemporâneos, mas que ainda é inegavelmente moldado pelo tempo e pelo lugar em que viveu. O Trotski de Padura (2015) é ser humano altamente capaz, inteligência rara, que optou pela ação política revolucionária como forma suprema de viver sua própria vida.

Quando o romance trata do segundo protagonista Ramón Mercader, o homem encarregado de assassinar Trotski a mando de Stalin, descreve um labirinto de mistérios cuidadosamente construídos pelo aparelho de Estado da URSS. Sua vida e seus feitos estão envoltos em um véu de segredos e manipulações, tecidos pela maquinaria política do regime stalinista para obscurecer os eventos e distorcer os fatos.

Não se pode ter certeza sobre muitos dos contextos da vida de Mercader, pois ele foi meticulosamente construído para apagar provas incriminadoras e encobrir suas verdadeiras motivações e conexões. O regime soviético criou um personagem enigmático e esquivo, cujo passado e intenções permanecem envoltos em sombras. Não deixa de ser algo carregado de

metáfora dentro do contexto ideológico massacrante como os regimes políticos conseguem criar sombras em torno da factibilidade, produzir dúvidas sobre trajetórias e perfis.

Mesmo diante dessas imensas dificuldades para apresentar e construir o perfil do personagem de Ramón Mercader, personagem com base em outro personagem, Leonardo Padura conseguiu uma proeza notável ao aproximar seu retrato no romance da figura histórica real. Padura mergulha nas profundezas da psique de Mercader, explorando a tensão entre o assassino frio e covarde que executou as ordens de Stalin e o fanático político ideológico que viu, no assassinato de Trotski, um ato justificável em nome de sua visão de mundo. Ao traçar os contornos desse personagem complexo, Padura nos leva a questionar as motivações por trás de seus atos e a confrontar a dualidade de sua natureza. Mercader emerge das páginas do romance como ser humano ambíguo e perturbador, cujas ações são impulsionadas por uma combinação de lealdade fanática e oportunismo cínico.

No romance *O homem que amava os cachorros*, os personagens de Leon Trotski e Ramón Mercader emergem como protagonistas que também personificam tipos políticos característicos da época em que se desenrola a narrativa.

Por um lado, Trotski é retratado como um destacado intelectual, imerso em debates políticos e sociais, que decide se engajar diretamente nas frentes de luta. Sua figura representa o arquétipo do intelectual militante do início do século XX, alguém cujo compromisso com suas convicções ideológicas o leva a enfrentar os desafios mais árduos em prol de suas crenças. O narrador nos mostra um Trotski convencido do seu destino final após sua determinação de romper com as políticas do stalinismo em implantação na URSS, fazendo o leitor aproximar-se do Trotski enquanto profeta a cumprir o seu destino, afastando-se daquele que morreu mantendo esperanças no futuro do socialismo. Diz o narrador:

Se a Revolução pela qual tinha combatido se prostituía na ditadura de um czar vestido de bolchevique, seria necessário nesse caso arrancá-la com raiz e tudo e semeá-la de novo, porque o mundo precisava de revoluções verdadeiras. Aquela decisão, estava ciente, o aproximaria ainda mais da morte que já o vigiava das torres do Kremlin. A morte, no entanto, podia ser considerada apenas uma contingência inevitável: Liev Davidovitch sempre pensara que as vidas de um, de dez, de cem, de mil homens podem e até devem ser devoradas se o turbilhão social assim o exigir para atingir seus fins transformadores, pois o sacrifício individual é muitas vezes a lenha que se queima na pira da revolução (Padura, 2015, p. 73).

Por outro lado, Mercader surge como o típico militante comunista fundamentalista da época, profundamente comprometido com as diretrizes do partido e disposto a seguir cegamente as ordens do comitê central. Sua caracterização revela a rigidez ideológica e a

devoção inquestionável à causa, sem espaço para questionamentos ou reflexões críticas sobre os rumos do movimento.

Apesar de suas características individuais bem definidas, Trotski e Mercader também personificam traços comuns a muitos militantes políticos daquele período. Ambos são representações vívidas das tensões e contradições que permearam o universo político e ideológico do início do século XX.

Tanto Leon Trotski quanto Ramón Mercader emergem como figuras mitificadas, cada uma exercendo um tipo diferente de fascínio sobre determinados públicos. Trotski é apresentado como ícone revolucionário, herói da luta proletária cujas ideias e ações inspiraram gerações de ativistas e intelectuais. Sua trajetória de vida, marcada por exílios, perseguições e confrontos políticos, o transformou em figura lendária, reverenciada por aqueles que compartilham de suas convicções socialistas e antistalinistas.

Por outro lado, Mercader é retratado como personagem enigmático e controverso, cujo papel no assassinato de Trotski o coloca em posição peculiar na imaginação popular. Para alguns, ele é visto como soldado obediente que sacrificou sua própria moral em nome de uma causa maior. Para outros, é vilão, instrumento cego da opressão stalinista, cujas mãos estão manchadas de sangue.

O leitor poderá encontrar pontos de identificação com um ou ambos os personagens, mesmo que seja necessário realizar pequenos ajustes na personalidade ou nas circunstâncias psicossociais. Os dilemas e aspirações dos protagonistas tocam o público com o qual o romance dialoga. Não há julgamento *a priori* sobre as atitudes deste ou daquele protagonista, mas uma narrativa cujo contexto histórico parece justificar cada uma das ações desses personagens.

O personagem Iván Cárdenas Maturell, o primeiro narrador do romance, emerge como símbolo representativo do povo cubano. Ele é apresentado como um homem de bondade inata, cujo destino parece estar entrelaçado com os caprichos da história, uma história que o destino conspirou para destruir. Sua jornada é permeada por tragédias pessoais e pela constante luta contra as adversidades que se impõem em seu caminho, refletindo, assim, as experiências de muitos cubanos que enfrentaram desafios semelhantes ao longo dos anos.

Iván é dotado de perspicácia aguda que lhe permite perceber tanto o fracasso do projeto revolucionário quanto as limitações do sistema capitalista atual. Ele representa uma voz de desencanto, alguém que reconhece as falhas do sistema vigente, mas que também rejeita a simples adesão a ideologias que se apresentam como melhores que aquelas sob o juízo do descrédito crescente.

Assim, Iván Cárdenas Maturell se destaca como figura emblemática, representando não apenas os desafios e as esperanças do povo cubano, mas também a busca incessante pela verdade e pela justiça como os pilares fundamentais para uma transformação autêntica e duradoura. Iván não é trotskista nem stalinista, mas um típico escritor cubano contemporâneo, indicando o papel da própria literatura: ser lugar amplo de reunião de vozes, embaralhando-as, redimensionando-as, criticando-as.

2.2 Ficção com realismo

No romance *O homem que amava os cachorros*, a narrativa é tecida com muito realismo, mergulhando os leitores em ficção que ecoa com os tons vívidos da história. Através da trama intrincada e das descrições detalhadas, o autor consegue criar a sensação de autenticidade que ressoa profundamente com a experiência do leitor.

O narrador, desde o início, impõe sua autoridade sobre os acontecimentos narrados, criando uma atmosfera de confiança e certeza na veracidade dos fatos apresentados. No entanto a história contada nem sempre reflete consenso entre os historiadores profissionais. Apesar da aparente objetividade do narrador, há espaço para interpretações divergentes e para a contestação dos eventos narrados, evidenciando, assim, a complexidade da história e sua interpretação.

A narrativa caracteriza uma obra que transcende os limites entre ficção e realidade, oferecendo aos leitores diálogos, contextos e eventos envolventes e, ao mesmo tempo, reflexões sobre a natureza da verdade histórica e a multiplicidade de perspectivas que moldam nossa compreensão do passado. Ela explora os interstícios e os vazios que a historiografia do caso, muitas vezes, não conseguiu preencher por completo. É nesse cenário que os diálogos assumem um papel de destaque, preenchendo lacunas e oferecendo uma perspectiva íntima dos personagens e da época em que se situam esses diálogos. Além de preencher vazios e lacunas, o romance projeta novas luzes sobre o que foi tornado objeto da historiografia, intervém, portanto, na interpretação dos fatos.

Padura (2015) usa os diálogos entre os personagens históricos para moldar o perfil de seus personagens de acordo com suas próprias visões e interpretações. Cada interação verbal é uma janela para a mente e a alma dos protagonistas, revelando não apenas o que foi documentado pela história, mas também as *nuances* e subjetividades que compõem o senso comum sobre a temática.

É importante reconhecer que essas representações podem ser filtros através dos quais o autor se livra dos limites impostos, pelo contexto em que escreve, às suas próprias perspectivas e opiniões. Nem sempre os diálogos refletem fielmente a verdade histórica; ao contrário, eles frequentemente refletem as interpretações e as imaginações do autor.

Os diálogos entre Ramón Mercader e seus instrutores do serviço secreto da URSS, para ajustar os detalhes do assassinato de Leon Trotski, parecem muito verossímeis, mas todos sabemos que são pura ficção do romance. Não há, nem poderia haver, registros com tão grande riqueza de detalhes. Mas é isso que engradece muito o romance, ou seja, a sua verossimilhança e sua riqueza de detalhes expressa nos diálogos.

A figura do narrador Iván é um elemento central para a credibilidade da narrativa. Sua postura crítica em relação aos acontecimentos narrados é um dos pilares que solidifica sua confiabilidade perante o leitor. Ao longo da narrativa, Iván se revela não apenas como um ouvinte dos personagens e um observador dos fatos, mas também como um analista perspicaz, capaz de questionar e desafiar as versões oficialmente aceitas da história. Sua postura crítica não apenas adiciona profundidade à trama, mas também confere uma camada de autenticidade à sua narrativa.

Além disso, a própria configuração do enredo, com Iván se encontrando com um ex-agente secreto soviético em Cuba, parece plausível dentro do contexto histórico e político em que se insere. O cenário da Guerra Fria, com suas intrigas internacionais e alianças secretas, oferece terreno fértil para a ocorrência de eventos tão extraordinários quanto o encontro descrito pelo narrador.

Nesse sentido, não há motivos substanciais para duvidar da veracidade ou da verossimilhança do que é descrito por Iván. Sua identidade como escritor cubano, juntamente com o contexto histórico e os elementos registrados na historiografia aceita como verdadeira no mundo contemporâneo, contribui para consolidar sua credibilidade como narrador.

O assassinato de Leon Trotski é um dos acontecimentos mais marcantes do século XX. Enquanto é de conhecimento público que Trotski foi brutalmente morto no México, em agosto de 1940, por Ramón Mercader, a mando de Stalin, é inegável que a forma como Padura (2015) reconta essa história é singular.

A narrativa construída pelo autor permite múltiplas leituras e interpretações, mergulhando nas complexidades políticas e psicológicas dos personagens envolvidos. No entanto, mesmo com essa riqueza de camadas narrativas, os fundamentos históricos do romance se mostram sólidos e coerentes quando confrontados com as biografias dos protagonistas e os documentos oficiais já publicados.

Ao entrelaçar a trama ficcional com eventos históricos reais, Padura (2015) oferece ao leitor uma perspectiva única sobre os bastidores do poder, os conflitos ideológicos e as consequências humanas desses embates políticos. A precisão com que ele retrata os acontecimentos, aliada à profundidade psicológica dos personagens e aos componentes históricos de cada contexto, confere ao romance uma autenticidade que desafia a história oficial. A narrativa faz o romance transcender o gênero literário, reafirmando o poder transformador da literatura.

O romance *O homem que amava os cachorros*, emerge como uma poderosa expressão de realismo humanista, especialmente situado em um contexto marcado pelo final da Guerra Fria. A narrativa transcende as fronteiras do tempo e do espaço, mergulhando nas complexidades da natureza humana em meio a um cenário político globalmente tenso.

O romance é um protesto veemente contra os horrores do stalinismo e suas consequências devastadoras para o movimento comunista internacional. O autor retrata vividamente como o idealismo libertário do movimento comunista internacional, que uma vez encantou e inspirou a juventude, foi distorcido e corrompido por uma ideologia que se revelou tão opressiva e desumana quanto os mais infames fundamentalismos religiosos, dogmáticos e políticos.

Através da história de figuras como Leon Trotski e Ramón Mercader, o romance expõe as feridas profundas infligidas pelo stalinismo não apenas na política, mas também na alma humana. A narrativa é, portanto, denúncia contundente desses males, enquanto simultaneamente oferece uma visão libertária e crítica que se recusa a se curvar ao autoritarismo, seja ele de natureza política, econômica ou filosófica.

Ao dizer não ao stalinismo sem se render ao liberalismo econômico ou filosófico, Padura (2015) desafia o leitor a repensar suas próprias convicções e a abraçar compromisso com a justiça, a liberdade e a solidariedade humana. *O homem que amava os cachorros* não é apenas obra de ficção, mas também manifesto apaixonado em defesa da dignidade e da esperança contra as forças do totalitarismo e da opressão.

A narrativa transcende a mera contação de histórias; ela se torna um espelho dos segmentos sociais da sociedade cubana e das ramificações do movimento comunista internacional. Através de uma estrutura narrativa complexa, alternando entre diferentes vozes e perspectivas, o autor consegue transmitir a amplitude dos acontecimentos e suas implicações em várias esferas da vida.

A utilização de múltiplas testemunhas e pontos de vista reflete a diversidade de experiências e interpretações dos eventos históricos. Cada personagem oferece sua própria

versão dos fatos, destacando, assim, a subjetividade inerente à percepção da realidade. Isso não apenas torna a narrativa mais envolvente, mas também ressalta a importância da empatia e da compreensão parcial de cada evento narrado.

Uma das complexidades da narrativa do romance é a disposição não linear dos capítulos, desafiando a lógica convencional da estrutura narrativa. Na tessitura narrativa de Padura (2015), os capítulos não seguem uma ordem cronológica linear, mas sim uma disposição que se assemelha a um quebra-cabeça intrincado. Cada capítulo focaliza um dos personagens principais, transportando o leitor através de diferentes períodos históricos e geográficos, desde o exílio de Trotski em diversos países à Guerra Civil Espanhola, em que Ramón Mercader atuou, aos anos de exílio de Trotski no México e aos tempos contemporâneos em Cuba.

O leitor é levado a uma jornada complexa, em que os eventos se desdobram em um intrincado jogo de perspectivas e tempos, que o desafia a reconstruir a trama e entender as motivações por trás das ações de cada personagem. O leitor é levado a acompanhar não apenas os eventos históricos que moldaram o século XX, mas também as complexas relações humanas que se desenvolvem ao longo do tempo. A narrativa permite que o leitor mergulhe nas mentes e nos corações dos personagens, compreendendo suas motivações políticas e dilemas morais em meio aos tumultos políticos e ideológicos da época.

2.3 Críticas ao romance

Apesar de todos os prêmios recebidos e do sucesso indiscutível do romance *O homem que amava os cachorros* a obra também foi alvo de muitas críticas, como era de se esperar pelo tema abordado e também pelo contexto político quando foi apresentado ao público. Mas a crítica também revela que o romance é muito adaptável aos diferentes contextos temporais, ou seja, não é apenas um romance sobre a crise político ideológica da esquerda, como alguns podem supor.

Certamente que o romance *O homem que amava os cachorros*, é uma obra enraizada na história e na política do século XX. No entanto sua relevância transcende esse contexto específico, pois aborda temas universais que ressoam em qualquer época e lugar.

A obra oferece uma perspectiva íntima sobre a natureza da devoção ideológica e suas ramificações na vida pessoal. Examina como o compromisso com uma causa política pode moldar as vidas das pessoas de maneiras complexas e muitas vezes destrutivas. Esse tema da

devoção cega e suas consequências trágicas é universal e pode ser encontrado em muitos contextos ao longo da história e em diferentes partes do mundo.

Embora situado principalmente na URSS, México e Cuba, os padrões de comportamento humano retratados por Padura (2015) têm ressonância global. A exploração dessas questões oferece uma chave através da qual podemos entender não apenas o passado, mas também o mundo contemporâneo, onde as lutas pelo poder e as consequências da ideologia ainda moldam nossa realidade.

A narrativa tanto pode ser vista como algo do passado ou como algo do presente. Pois as questões políticas e morais abordadas no romance continuam a ser relevantes nos dias de hoje, destacando a atemporalidade de sua mensagem.

Padura (2015) habilmente utiliza os fatos históricos como alicerces sobre os quais constrói uma realidade ficcional, estimulando a mente do leitor a mergulhar nesse universo complexo e a reconhecer sua persistência nos tempos contemporâneos. Tece uma narrativa que se desenrola em torno de eventos históricos marcantes, como a Revolução Russa, a ascensão de Stalin e o exílio de Leon Trotski, entrelaçando-os com a vida cotidiana de seus personagens fictícios. Ao fazer isso, ele não apenas oferece uma perspectiva envolvente sobre o passado, mas também estabelece paralelos convincentes com o presente.

O romance, ao construir esse complexo mundo imaginário, desafia os leitores a refletirem sobre a continuidade dessas questões históricas em nossa própria realidade. Através da jornada de seus personagens, o romance destaca temas universais, como poder, ideologia, traição e redenção, que ressoam além das fronteiras temporais, por assumir que essas vozes, de alguma forma, ainda ecoam em nossa sociedade contemporânea, moldando nossas vidas de maneiras sutis e não tão sutis. Em última análise, o romance de Padura (2015) não apenas transporta os leitores para um mundo imaginário no século passado, mas também os desafia a reconhecer a presença desse mundo ao seu redor. Ao fazer isso, ele nos lembra da importância de compreender o passado para entender o presente e moldar o futuro.

Há quem veja o romance de forma diferente, lançando até uma desconfiança sobre seus personagens, como analisa Neves (2019), em sua dissertação de mestrado. Diz a autora:

No caso de Iván ainda existe um agravante, pois “O homem que amava os cachorros” (2015) passa por diferentes países e diferentes décadas, então, ao relatar sua experiência, Iván acessa uma temporalidade que não é a do acontecimento, mas a de sua memória, estando sujeito às armadilhas decorrentes da passagem do tempo e do caráter irrepitível dos eventos. Não à toa, a dissertação de mestrado de Gabriel Lima “Ruínas de um sonho: Desilusão e Ressentimento em um Thriller Histórico de Leonardo Padura” (2016), chama atenção para uma leitura de Iván como um

narrador não confiável e desconfia das cartas escritas por Mercader que ele disse ter recebido (Neves, 2019, p. 103).

Nada mais comum em um romance histórico que essa tensão entre história e ficção, mas não devemos desconfiar do narrador se estamos diante de um romance, e não de um manual de história. A mistura de fato e ficção não diminui, de forma alguma, a magnitude dessa obra literária. Pelo contrário, essa abordagem desafia os leitores a questionar a própria natureza da verdade e a reconhecer a subjetividade inerente a qualquer narrativa histórica. Em vez de obscurecer sua importância, essa ambiguidade só amplifica a profundidade e a riqueza da experiência de leitura.

Nesse sentido Eagleton (2020), após explicar os diferentes tipos de narradores em uma obra literária, afirma o seguinte:

Uma narração onisciente em terceira pessoa é uma espécie de metalinguagem, significando que, pelo menos na literatura realista, ela não pode ser objeto de crítica ou comentário dentro da própria narrativa. Como esta é a voz da própria história, parece impossível chamá-la em questão. A única alternativa se dá quando uma narrativa se detém para refletir sobre si mesma. Um famoso exemplo ocorre em *Adam Bede*, em que George Eliot interrompe a história para inserir um capítulo no qual avalia certas questões do realismo, a natureza do personagem, a apresentação ficcional de gente simples etc. Este, por assim dizer, é o romance refletindo sobre o romance (Eagleton, 2020, p. 95).

Por esse ângulo, o narrador de *O homem que amava os cachorros* pode até ser questionado quando fala de si e da realidade cubana imediata. Todavia não é uma boa leitura dessa obra literária questionar o narrador pelas suas versões dos fatos históricos, pois ele mostra apenas uma forma de ver ou ler aquela realidade, e não a única possível.

Por mais que a narrativa do narrador Iván Cárdenas se pareça com as opiniões do autor, para quem já teve oportunidade de ler outras de suas obras, ou quem já leu algumas de suas entrevistas, não é possível criticar o narrador por esse viés. Iván é um tipo social cubano e, desde o começo da obra, se apresenta assim, não havendo margem para dúvidas de que esse tipo existe naquela sociedade, pelo menos, de um ponto de vista literário.

Nesta direção, Pires (2021) chega a uma conclusão do tipo social expresso no personagem do narrado de *O homem que amava os cachorros* muito mais realista e articulado com o conjunto da obra de Leonardo Padura. Diz ele:

Finalizando, o narrador Iván, mais que um personagem da ficção, é alguém que nos permite entender um pouco mais a complexidade da realidade cubana a partir da Revolução de 1959; do que significou – e ainda significa – o regime socialista na ilha; nos permite visualizar as disputas e nuanças existentes dentro da própria

esquerda ao longo do século XX; alguém que nos faz pensar em como o regime de Castro oscilou entre avanços e crises, trazendo, por um lado, uma série de benefícios para a maioria da população, diminuindo as desigualdades sociais, e, por outro, restringindo liberdades individuais e enfrentando graves crises econômicas; um sujeito que nos faz perceber como essas contradições estiveram presentes no cotidiano de toda uma geração (Pires, 2021, p. 101).

Para compreender a realidade política, econômica e social de Cuba, é fundamental contextualizar o significado da URSS, a Guerra Fria e as disputas de rumos dentro da esquerda mundial. Esse é, *grosso modo*, o tema do romance *O homem que amava os cachorros*.

Cuba, desde a Revolução de 1959, liderada por Fidel Castro, emergiu como um país cujo destino político e econômico esteve profundamente ligado aos acontecimentos globais, especialmente à dinâmica da Guerra Fria. A Revolução Cubana foi vista como um desafio ao domínio dos Estados Unidos da América (EUA) na América Latina, o que gerou tensões significativas. Nesse contexto, a URSS, como principal contraponto aos EUA, desempenhou papel crucial ao estabelecer relações estreitas com Cuba, fornecendo assistência econômica, militar e política.

A queda da URSS em 1991 teve repercussões dramáticas para Cuba. A economia cubana, fortemente subsidiada pela União Soviética, entrou em crise com o colapso dos laços comerciais e financeiros. Esse período, conhecido como o Período Especial, foi marcado por escassez de alimentos, cortes de energia e dificuldades econômicas generalizadas.

Além disso, a dissolução da URSS levou a uma reconfiguração das relações internacionais e da geopolítica global. Cuba, privada de seu principal aliado e suporte econômico, teve de buscar novas formas de se sustentar. Isso incluiu a abertura gradual ao turismo e ao investimento estrangeiro, bem como tentativas de diversificar sua economia.

As disputas de rumos dentro da esquerda mundial também influenciaram a trajetória cubana. Enquanto alguns defendiam um modelo socialista mais flexível, outros permaneciam fiéis ao stalinismo, sempre denominado de marxismo-leninismo. As ideias de Trotski sempre foram excluídas do debate interno em Cuba. Esse é também um tema abordado pelo narrador Iván Cárdenas.

Padura (2015) consegue captar esses elementos históricos, políticos, sociais e econômicos através dos olhos do narrador Iván Cárdenas, mostrando ao público um determinado ângulo de ver e ler essa realidade. Claro que isso não é a única forma possível de se ler o romance *O homem que amava os cachorros*, mas é a mais coerente com o conjunto de elementos trazidos pela narrativa.

Como diz Eagleton (2020),

Enquanto estamos nesse tema do realismo, vale observar um aspecto importante. Quando qualificamos uma obra como realista, não estamos dizendo que está mais próxima da realidade, em qualquer sentido absoluto, do que a literatura não realista. Estamos dizendo que ela se conforma ao que as pessoas de determinada época e local tendem a considerar como realidade (Eagleton, 2020. p. 132).

Temos aqui uma distinção crucial na compreensão do realismo na literatura, pois o que é considerado “real” em uma cultura ou período pode ser percebido como fantasioso ou distorcido em outro contexto. Portanto o realismo não é uma representação objetiva e imutável da realidade, mas sim uma construção social e cultural, moldada pelas crenças, valores e experiências compartilhadas de uma sociedade em particular.

Essa perspectiva ressalta a importância do contexto histórico e cultural ao analisar obras realistas. Conformer-se a um padrão de concepções de realidade de uma época significa aderir ou refletir as ideias, crenças e valores que são amplamente aceitos ou considerados como verdadeiros em uma determinada sociedade e período histórico.

Conformer-se a um padrão de concepções de realidade de uma época na literatura implica criar obras que se alinhem com as visões de mundo, valores e entendimentos predominantes sobre a natureza da existência e da experiência humana naquela sociedade e momento histórico. Esse é o caso do romance *O homem que amava os cachorros* quando trata da realidade cubana.

Eagleton (2020) ensina que analisar romance histórico com os mesmos critérios com os quais se analisa manual de história é inadequado do ponto de vista literário por diversas razões fundamentais. Em primeiro lugar, é essencial compreender que o propósito de um romance histórico não é meramente transmitir fatos históricos de forma objetiva e precisa, mas sim criar narrativa ficcional que se baseie em contexto histórico específico para explorar temas, personagens e dilemas humanos. Dessa forma, a preocupação primordial do autor não é necessariamente com a exatidão dos eventos, mas sim com a construção de uma trama cativante e significativa. E isso é bem cumprido por Leonardo Padura (2015).

É mais relevante examinar como o autor utiliza elementos históricos como pano de fundo para desenvolver sua narrativa e transmitir mensagens ou reflexões sobre a condição humana, a sociedade ou questões universais. Isso inclui considerar como os eventos históricos são interpretados, adaptados ou ficcionalizados para servir aos propósitos literários da obra.

Além disso, é importante reconhecer que a noção de verdade é altamente complexa e multifacetada, e pode variar dependendo do contexto e das perspectivas individuais. O

conceito de verdade não é apenas questão de fatos objetivos, mas também está sujeito a interpretações, visões e contestações. Portanto, enquanto a precisão factual é crucial na análise histórica, na literatura, a verdade dos fatos pode ser menos relevante do que a verdade emocional, psicológica ou simbólica transmitida pela obra.

No romance *O homem que amava os cachorros*, a narrativa se destaca não apenas por sua aderência aos critérios literários de realismo, mas principalmente pelo envolvimento do leitor com o desenvolvimento intrincado da trama e a profunda imersão nos contextos político e social da época em que a história se desenrola. Embora o romance possua características que se alinham ao realismo literário, como a representação fiel da realidade, o retrato vívido dos ambientes e a profundidade psicológica dos personagens, sua grandeza vai além desses aspectos formais. A narrativa conduz o leitor por um intrincado labirinto de conspirações, traições e ideologias, revelando os meandros do poder e os dilemas morais enfrentados pelos personagens em meio a um cenário marcado pela Revolução Russa, a ascensão e queda do comunismo e os ecos da Guerra Fria. Nesse contexto, cada personagem se torna parte de uma engrenagem maior, cujo movimento é impulsionado pelos fluxos e refluxos da história.

É esse mergulho profundo na complexidade das relações humanas e no jogo de forças políticas e sociais que torna a obra de Padura (2015) tão envolvente e memorável. O autor não se limita a simplesmente reproduzir a realidade, mas a recria de forma magistral, transformando-a em palco onde as questões mais prementes da condição humana são postas em xeque. Assim, enquanto a narrativa pode ser classificada como realista pelos critérios literários tradicionais, é sua capacidade de mergulhar nas intrincadas teias do poder e da ideologia, aliada à profundidade dos personagens e à riqueza de sua construção narrativa, que verdadeiramente a distingue e a torna uma obra marcante e inesquecível.

3 UM ROMANCE SOBRE AS FORMAS DE VIDA REVOLUCIONÁRIA NO SÉCULO XX

As tensões entre história e ficção já foram, e ainda são, objetos de estudos em vários territórios epistemológicos das ciências sociais, mas dificilmente encontramos, em uma obra literária, um entrelaçamento dessas duas matérias tão bem construído como o que nos apresenta Leonardo Padura em *O homem que amava os cachorros*. O leitor desse romance, mesmo avisado que está lendo uma obra literária, se encanta com a narrativa histórica e sua projeção no presente e percebe-se lendo uma tese sobre as encruzilhadas político-filosóficas diante da humanidade no século XXI.

A trama romancista narra as trajetórias do líder revolucionário russo Leon Trotski, do seu assassino Ramón Mercader e de um escritor cubano contemporâneo chamado Iván Cárdenas Maturell, esse último um personagem fictício. Esses personagens têm em comum o apego aos cachorros, inspiração para o título do romance, e uma relação direta com os acontecimentos políticos mais importantes do século XX, como a Revolução Russa, de 1917, a Guerra Civil Espanhola, de 1936, a Segunda Guerra Mundial e a Revolução Cubana, de 1959.

A obra coloca em discussão a relação entre o real e a fantasia na ação de pessoas que se dedicam a uma causa político-ideológica, sem diminuir a importância da ideologia no caminhar da humanidade, chamando a atenção para os riscos de perversão das melhores intenções ideológicas. A Revolução Russa de 1917, liderada por Lenin e Trotski, é vista como a mais importante tentativa de construir um mundo igualitário, libertário e solidário, ao mesmo tempo que é indicada como um exemplo em que a perversão da ideologia libertária venceu e se cristalizou em um movimento de fundamentalistas liderados por um autocrata no comando de um Estado poderoso. Mas o romance não consegue traçar linhas claras para separar o idealismo revolucionário do fanatismo e da obsessão pelo poder e permite ser lido como uma condenação a qualquer ideologia política, posto que, em qualquer delas, sempre haverá uma base idealista ou fundamentalista, a julgar pelos condicionantes do leitor.

A relação entre o que se considera fato histórico e aquilo que poderá ser considerado uma ficção literária fica sempre a critério do leitor, haja vista que, em qualquer romance do gênero histórico, essa relação não pode ser avaliada pelos critérios da historiografia dita científica. Como diz Certeau (2015),

Se, pois, o relato “daquilo que aconteceu” desapareceu da história científica (para, em contrapartida, aparecer na história vulgarizada), ou se a narração toma o aspecto de uma ficção própria de um tipo de discurso, não se poderia concluir daí o desaparecimento da referência ao real. Esta referência foi, ao invés, deslocada. Ela não é mais imediatamente dada pelos objetos narrados ou “reconstituídos”. Está implicada na criação de “modelos” (destinados a tornar os objetos “pensáveis”) proporcionados às práticas, pela confrontação com o que lhes resiste, o que os limita e exige outros modelos, finalmente, pela elucidação daquilo que tomou possível essa atividade inscrevendo-a numa economia particular (ou histórica), da produção social (Certeau, 2015, p. 56).

A construção da narrativa permite ao leitor fazer passeios do presente ao passado, voltar ao presente e até projetar o futuro, ora acompanhando o exílio de Trotski e os acontecimentos na Guerra Civil Espanhola, em que o assassino desse revolucionário foi recrutado pela polícia política de Joseph Stalin, ora se comovendo com a situação dos cubanos sob um regime autoritário e, agora, sem o apoio da extinta URSS. A própria extinção da União Soviética é um tema que permeia a obra, e, sem compromissos com qualquer explicação ou descrição do que aconteceu e como aconteceu, o narrador registra o fim do estado soviético como algo positivo, uma vez que permitiu romper uma cadeia de medo e terror que pairava sobre muitas pessoas, inclusive em Cuba.

A marcha dos acontecimentos e a maneira como são narrados sugerem uma reflexão sobre a possibilidade de destino das pessoas e das instituições. O fato de o autor ser um escritor de romances policiais também se mostra presente em *O homem que amava os cachorros*, inclusive com muitas articulações que forçam uma visão fatalista ou de destino que acompanha cada personagem. Claro que a biografia de Trotski e a do seu assassinato são de conhecimento público, mas daí não deriva, ou não deveria derivar, a conclusão de que o destino já estava traçado. Como todo bom escritor, Leonardo Padura deixa essa conclusão para o leitor.

3.1 Uma reflexão sobre a vida, o medo e a dignidade humana

O romance começa fazendo reflexão sobre a morte e questiona a possibilidade de ser ela um bem em determinados contextos:

— Descanse em paz — foram as últimas palavras do pastor. Se alguma vez essa frase batida, tão impudicamente teatral na boca daquele personagem, fez algum sentido, foi nesse preciso instante, quando os coveiros, com uma habilidade despreocupada, desciam pela cova aberta o caixão de Ana. A certeza de que a vida pode ser o pior dos infernos e de que, com aquela descida, desapareciam para sempre todos os lastros do medo e da dor invadiu-me como um alívio mesquinho e pensei se, de alguma forma, não estaria invejando a passagem final de minha mulher

em direção ao silêncio, pois estar morto, completa e verdadeiramente morto, pode ser para alguns o que há de mais parecido com a bênção daquele Deus com quem Ana, sem grande sucesso, tinha tentado envolver-me nos últimos anos de sua penosa vida (Padura, 2015, p. 31).

Esse início é o convite para uma leitura sobre o significado da vida, vista de ponto de vista materialista, e, assim, desenvolve-se a narrativa, sempre colocando em questão o valor da vida para quem se dedica a uma causa revolucionária. Os principais protagonistas do romance são militantes políticos que se filiam ao materialismo histórico, que colocam os interesses coletivos acima dos seus próprios interesses e, portanto, estão dispostos a sacrificar suas vidas pessoais em defesa de uma causa. A causa político-social é tudo para eles. A luta pela causa é a fonte da vida digna do ser humano, fora dela poderá até haver vida, mas não será digna de ser vivida.

A paixão dos protagonistas pela causa político-social a que se entregam é colocada em contraposição às suas vidas pessoais, ou seja, a narrativa mostra um constante confronto entre vida pessoal, às vezes, até íntima, com a vida social e política escolhida por eles. Mostra a face humana de Leon Trotski e Ramón Mercader em contraposição à face político-ideológica desses personagens, como se eles pretendessem ser máquinas políticas em defesa de uma causa, mas se vissem presos em seus corpos demasiadamente humanos.

Essa constante tensão entre a humanidade objetiva dos protagonistas e suas adesões à causa é reforçada em muitos diálogos e descrições feitas no romance. Tanto Trotski como Mercader passam por momentos de questionamentos sobre o sentido da vida e da causa que defendem. A indiscutível superioridade intelectual de Trotski não o afasta desse dilema também enfrentado pelo seu futuro assassino, nem o impede de fazer considerações sobre essa que, para ele, já deveria ser questão resolvida para qualquer revolucionário digno desse nome, pois qualquer ambição pessoal deve sempre ser subordinada a um ideal, ou seja, um revolucionário não pode admitir dilemas egoístas.

Isso está bem fixado quando Trotski recebe a carta de um casal de amigos franceses, na qual afirmam que sua liderança estava muito desgastada pela campanha caluniosa da máquina stalinista e que a sua influência já não significava muito em termos das disputas políticas naquele momento. A carta do casal sugeria que a luta de Trotski estava perdida e, portanto, o melhor a fazer era desistir e reconhecer a vitória ideológica do stalinismo. Ele reflete sobre a carta, demora a responder, mas, ao final, oferece veredito sobre o assunto, nos termos seguintes expostos por Padura:

Recebi hoje uma notícia que põe em relevo a mesquinhez de pessoas como vocês, que não passam de bolcheviques de salão, para quem a Revolução é um passatempo. Vocês, que não sofreram na própria carne a repressão, a tortura, o inverno nos campos de trabalho, têm a possibilidade de renunciar à luta quando esta não perfaz as vossas expectativas de êxito e protagonismo. Mas o verdadeiro revolucionário começa a sê-lo quando subordina sua ambição pessoal a um ideal. Os revolucionários podem ser cultos ou ignorantes, inteligentes ou limitados, mas não podem existir sem vontade, sem devoção, sem espírito de sacrifício. E, como para vocês essas qualidades não existem, agradeço-vos por terem se afastado tão diligentemente do meu caminho. L. D. Trotski (Padura, 2015, p. 81).

Essa definição de revolucionário na concepção de Trotski se mantém coerente em toda a narrativa, o que também está de acordo com os documentos históricos apresentados e até com aqueles não apresentados no romance. Ele foi devoto da revolução proletária, vinculou sua própria existência ao êxito ou ao fracasso da Revolução Russa e teve o mesmo fim que ela, ambos foram violentados e morreram, restando de cada um a história que é contada no livro.

Mais difícil foi identificar o que seria o pensamento do homem encarregado por Joseph Stalin de assassinar Trotski, uma vez que foi um ser construído para agir e deixar de existir, ou seja, não deixar rastros. Enquanto as biografias de Trotski, seus livros e suas ideias, mesmo que nem sempre concordantes, são bem conhecidas, pouca coisa se sabe, do ponto de vista documental e histórico, sobre Ramón Mercader, que assumiu várias identidades, deliberadamente apagava sua própria história e foi convencido pela máquina stalinista para ver a mentira e a desfaçatez como grande mérito de um militante revolucionário.

A transformação do homem Ramón Mercader em assassino frio, destituído de pensamento crítico, capaz de agir como cão de guarda contra qualquer pessoa, é metáfora do que o stalinismo foi capaz de fazer com as pessoas que a ele aderiram em todo o mundo, assim como o destino trágico dado a Trotski pelo stalinismo é também metáfora do que essa corrente doutrinária foi capaz de fazer com os sentimentos libertários presentes na Revolução Russa, de outubro de 1917.

Embora a narrativa apresente vários fundamentos para se compreender o personagem Ramón Mercader como um instrumento do stalinismo, que age quase sem consciência do que está fazendo, também há espaço para percebê-lo como ser capaz de fazer escolhas e que, deliberadamente, escolheu o lado da mentira e do assassinato como forma de fazer política. O destino de Mercader é, assim, uma deliberação do stalinismo apossado do Estado soviético, mas também escolha dele, claro que uma decisão tomada nas condições históricas do momento. No centro dessa decisão, está o desprezo pela vida das pessoas individualmente consideradas.

Quando o romance nos apresenta o personagem Ramón Mercader, ele o faz em circunstâncias que o posiciona como uma arma a ser usada por quem a possui, ou seja, pelo comando do Estado soviético. O diálogo entre Mercader e sua mãe, Caridad, não deixa dúvidas sobre a prevalência do interesse do estado soviético sobre a vida dos indivíduos. Ele pergunta para sua mãe o que o enviado de Moscou queria com ele, que estava numa das trincheiras da Guerra Civil Espanhola, e ela responde como se já soubesse dos planos secretos e das dificuldades para executá-lo. O autor expõe o seguinte diálogo:

— O que Kotov quer? — Insistiu, esquivando-se da resposta.

— Já disse, que você renuncie a tudo o que durante séculos nos disseram que era importante apenas para nos escravizar (Padura, 2015, p. 58).

Aqui, fica mais uma vez evidente o confronto entre a vida dos indivíduos e a devoção à causa política. Mais uma vez se coloca em discussão as diferenças e as semelhanças entre idealismo e fundamentalismo. Renunciar a tudo o que não esteja vinculado à luta, a tudo o que não seja importante para a grande causa estabelecida pelo Estado operário soviético é a condição para ser reconhecido como integrante do sistema stalinista de poder mundial que está a se iniciar. Ramón Mercader recebe a proposta. Aceitar ou não, naquelas circunstâncias, é decisão individual, cujo desfecho sabemos hoje e está narrado com muita criatividade no romance.

Em várias outras passagens, a obra realça esse dilema dos seus personagens entre escolher viver como uma pessoa normal dentro do sistema ou se rebelar contra esse sistema e enfrentar as consequências, arriscando a própria vida. Colocado de outra forma, o romance vai refletir sobre o apego à vida e relacioná-lo ao medo de perder o que se tem, por menor que seja esse patrimônio, e isso faz com que os comportamentos individuais sejam moldados pelo sistema dominante em todas as partes do mundo, mais especialmente nos sistemas de concentração do poder político nas mãos de um único grupo.

No início do livro, o narrador informa que não o escreveu antes da morte de sua esposa por medo. Medo de quê? Lendo a obra se percebe, ou, pelo menos, é uma das percepções possíveis de toda a narrativa, que se trata do medo da perseguição política, do medo de perder o mínimo que se tem, do medo de perder a própria vida. O romance é também uma denúncia sobre todos os sistemas que usam o medo como forma de controle das pessoas, mas reconhece que esse tipo de prática política é ainda dominante e vem se aperfeiçoando ao longo do tempo.

Nessa reflexão sobre o medo como projeto político dos setores dominantes, embora a narrativa seja específica sobre o sistema stalinista que dominou o movimento comunista no século XX, influenciando diretamente o regime cubano, que, apesar de ter feito uma revolução libertária, foi cooptado pelo sistema soviético da era stalinista e passou a operar a política do medo como forma de controle político-social, o romance pode ser interpretado como crítica a todos os sistemas autoritários, ou a mesmo qualquer sistema que se funda no medo como controle. Afinal, quem não tem medo de alguma coisa? Quem não está, de alguma forma, controlado ou submetido a algum tipo de medo? E, assim, longe de ser uma opção livre, é o medo que cria a obrigação de convívio social dentro de certas regras. O romance vai do particular ao geral e encanta pela sua narrativa sobre a vida em sociedades fortemente controladas pelos governos, pois é assim mesmo que a sociedade funciona. O medo é importante sentimento de controle do ser humano individualmente falando, é objeto de reflexão sociológica mais que uma simples observação de certos aspectos de determinado regime político.

O dilema sobre a vida e seu significado para os seres humanos é assim recolocado como escolhas socialmente condicionadas de cada personagem, que enfrenta seus medos ou a eles se rende, justificando suas escolhas sempre fazendo referência a uma espécie de valor maior contido nas causas político-sociais às quais está vinculado. Viver com medo não é digno de um revolucionário, pelo menos, no que diz respeito ao medo de perder a vida ou o mínimo vital. Mas há também, nas entrelinhas da narrativa, medo subjacente dos personagens, que é paralelo à vaidade, que é o medo de perder o prestígio ou o reconhecimento do qual desfrutam ou pretendiam desfrutar em determinados meios sociais, o que hoje poderíamos falar no medo de perder a reputação.

A autocrítica do primeiro narrador, Iván Cárdenas, por não ter escrito e publicado o romance sobre um tema tão importante para seu povo e para a humanidade, contrasta com as decisões dos outros personagens protagonistas, Trotski e Mercader, que se entregam a uma causa político-social desprezando ou minimizando outros valores que a vida tem. Isso fica bem evidente ao final da obra, quando o segundo narrador, Daniel Fonseca, aquele encarregado de publicar o romance escrito pelo primeiro, emite sua opinião crítica sobre a história narrada.

3.2 As tramas do século XX e suas consequências no século XXI

A obra *O homem que amava os cachorros* é uma narrativa sobre as lutas políticas do século XX, com ênfase nas lutas internas das correntes da esquerda internacional, mas, sobretudo, uma narrativa sobre as disputas de rumos para a humanidade numa grande encruzilhada histórica. Contudo essa encruzilhada continua a desafiar o presente, a humanidade ainda não se decidiu ou, se alguma vez se decidiu, sempre deixou em aberto outras alternativas, sempre deixou em aberto a possibilidade de escolher outro caminho diferente daquele que se trilha no presente, ou aquele pelo qual a maioria decidiu trilhar em determinado momento, até porque maioria e minoria são sempre voláteis.

O romance revira a história, mostra outras narrativas, abre os horizontes dos leitores sobre os grandes acontecimentos do século XX e os faz refletir como esse século passado nos influencia ainda hoje, especialmente como alguns caminhos foram deliberadamente obstruídos para impedir outros tempos de nascerem. Mas esses tempos nascentes não foram aniquilados, apenas ficaram ocultos aguardando o melhor momento de se mostrarem novamente para a humanidade.

Uma das mensagens mais significativas do romance é a possibilidade de repetição das tragédias do século XX pela falsificação das narrativas sobre os acontecimentos históricos, condenando ou louvando pessoas concretas que viveram e fizeram a história, invertendo papéis entre heróis e vilões, ocultando fatos ou criando ilusões sobre revelar algo que nunca existiu. Em várias passagens sobre o assassino Ramón Mercader, a narrativa é muito explícita sobre os desafios de se considerar verdadeira qualquer coisa, que se diga em detalhes, sobre esse personagem histórico. E isso é feito como exemplo para se perceber os milhares de agentes secretos que existiram e ainda existem no mundo e o papel desses personagens na árdua tarefa de ocultar fatos, mentir e construir narrativas falsificadoras dos acontecimentos reais.

Colocando Trotski no devido papel de vítima das mentiras e calúnias de Estado sob o comando de um autocrata, o romance enaltece a destreza de luta da vítima, ainda que já bastante enfraquecida pelo tempo e pelas circunstâncias do exílio, e faz isso comovendo os leitores sobre as dificuldades de se defender a verdade diante de mentiras oficiais. Diz a narrativa:

Liev Davidovitch compreendeu que era preciso se fazer ouvir ou estaria perdido para sempre. Até a mais grosseira das mentiras, dita repetidamente sem que ninguém a refute, acaba por se transformar em verdade. E pensou: querem silenciar-me, mas não vão conseguir. Utilizando a tinta invisível que Knudsen tinha conseguido fazer lhe chegar dentro de um frasco de xarope para a tosse, preparou uma carta para Liova na qual o mandava passar ao contra-ataque, enviando anexa uma declaração

dirigida à imprensa, onde refutava as imputações feitas contra si e acusava Stalin de ter montado o processo de agosto com o fim de reprimir o descontentamento que se vivia na União Soviética e de eliminar qualquer tipo de oposição, numa ofensiva criminosa iniciada com o assassinato de Kirov (Padura, 2015, p. 214-215).

Para o leitor não familiarizado com a história da Revolução Russa, é mais difícil perceber o realismo dessa narrativa, porém ela é compatível com várias narrativas consideradas históricas sobre os famosos processos de Moscou, quando o stalinismo organizou uma série de banimentos e fuzilamentos na antiga URSS, e, ao final de tudo, restou apenas o próprio Stalin como único sobrevivente do Comitê Central do partido que dirigiu a Revolução Russa. Sobre esses famosos processos de Moscou, afirma o historiador e biógrafo de vários líderes da época soviética, Robert Service:

Os grandes julgamentos de Moscou em 1936-1938 foram um desafio até para o otimismo de Trotski. Foram uma caricatura do procedimento judicial. Os réus eram submetidos à tortura física ou a maus-tratos psicológicos antes de serem levados a depor. Qualquer prisioneiro que resistisse era impedido de se apresentar e sumariamente executado. Os julgamentos lograram o que Stalin pretendia, no país e no exterior. À medida que cada grupo indiciado — de Kamenev e Zinoviev, em agosto de 1936, até Bukharin, em março de 1938 — foi confessando sua traição, muitos comentaristas ocidentais influentes inclinaram-se a acreditar no sistema judicial soviético. Entre as acusações figuravam o conluio com órgãos de inteligência estrangeiros e a conspiração para assassinar Stalin e restabelecer o capitalismo na Rússia. Os julgamentos incriminaram Trotski como conspirador ativo. O NKVD foi estimulado a fazer as mais extravagantes acusações contra ele. Só quando seu chefe, Nikolai Yejov, declarou ter provas de que Trotski tinha sido agente da Okhrana foi que Stalin rejeitou suas afirmações. Trotski reagiu vigorosamente às acusações, fornecendo detalhes sobre as mentiras absurdas que estavam por trás das provas oriundas dos tribunais de Moscou. Produziu inúmeros artigos no *Byulleten*. Seu filho Lêva fez o mesmo. Foi fácil apontar os erros referentes a épocas, lugares e indivíduos nas acusações expostas contra eles pelos promotores soviéticos. Trotski não tinha motivos para gostar de Zinoviev, de Bukharin ou mesmo de seu cunhado, Kamenev, mas dedicou-se a limpar o nome deles como revolucionários honrados. Logrou apenas um sucesso limitado em sua oposição à campanha de “falsificação stalinista”. Na esquerda política da Europa e da América do Norte havia muita simpatia pela URSS como a mais sólida força mundial contra o fascismo. Stalin era largamente admirado como um líder que tinha levado o crescimento industrial e a educação em massa a seu povo. A maioria dos antifascistas não queria questionar a solidez dos veredictos e admitiu que Trotski devia ser culpado das acusações (Service, 2017, p. 594-595).

O realismo da narrativa romanesca de Padura (2015) pode ser verificado em todas as passagens relevantes sobre a trajetória dos seus personagens principais, sempre com a leveza de obra literária para públicos conhecedores, ou não, da história. Mas o romance avança como profecia, algo que aconteceu, está acontecendo e poderá continuar a acontecer, pois o tempo da Revolução Russa não foi o tempo passado, mas o tempo presente, que se mostra visível em várias partes do mundo.

Não há descontinuidade histórica entre o que aconteceu nos tempos e nos espaços narrados no romance e o que ainda está acontecendo, com elementos de ruptura bem visíveis, mas são rupturas históricas que asseguram a própria continuidade dos tempos e espaços construídos pela atividade humana. São saltos qualitativos dentro da espiral evolutiva, e, assim, embora diferentes, há muito de continuidades em outros planos e dimensões. Não é difícil perceber que muito do que foi narrado continua a acontecer com outros personagens reais ou fictícios nos tempos de hoje, seja em regimes chamados comunistas, ou em regimes políticos ditos democráticos, ou até nos regimes sem definição ideológica precisa. É tudo questão de interpretação dos acontecimentos sob determinada ótica ética ou política.

Obviamente que um romance histórico sobre qualquer tempo sempre vai despertar contestações, mesmo que o autor repita muitas vezes que se trata de uma ficção. O problema é sempre posto sobre as posições políticas e ideológicas do autor e seus valores no momento da escrita de sua obra. Alguns não aceitam a narrativa, seja enquanto ficção, seja como componente histórico, ou simplesmente querem separar essas partes, como se isso fosse possível em um romance. Não é diferente com *O homem que amava os cachorros*.

Quando avaliamos essa obra como narrativa sobre os principais fatos políticos do século XX, isso não quer dizer que tratou de todos os fatos políticos relevantes, nem mesmo que se pretendeu tratar disso. O recorte feito aborda os acontecimentos dentro do movimento de esquerda internacional ou, mais precisamente, dentro da história do chamado movimento comunista no século XX, e isso é apenas um fragmento da história do século passado. As relações entre esse recorte histórico, temporal e espacial com os demais componentes da história não estão abordados, e seria por demais pretencioso que alguém pretendesse fazer um romance sobre toda a história do século XX, algo muito mais propício para os manuais ou compêndios de história.

O romance passa também a mensagem de que a história precisa ser revisitada, verificada, conferida e novamente narrada, para cumprir o seu papel fundamental de educar as novas gerações sobre os riscos de determinados modos de fazer a própria história. A capacidade de compreender e reinventar sua narrativa sobre o passado é exaltada como uma busca desesperada por um caminho digno para toda a humanidade. As lições do século XX são grandiosas a esse respeito. O romance mostra com clareza lapidar que o mundo real é muito maior do que qualquer ideologia possa imaginar, por mais complexa, por mais totalizante que se pretenda ser determinada forma de pensar.

O narrador relata suas dificuldades como escritor, até para conseguir informações essenciais sobre o tema do seu pretendo livro, porém faz a narrativa de forma a instigar os

novos escritores a produzirem bons livros. Iván Cárdenas se mostra como alguém que procura a verdade dos fatos, mesmo em condições de grandes restrições à liberdade de pesquisar. Com isso, age como um herói que pretende revelar ao seu povo a verdade e, assim, ajudar a entender por que vivem naquela situação de penúria. Diz o narrador:

Dedicara-me durante anos a seguir o rastro da pouca informação existente no país acerca do complô urdido em volta de Trotski e da época pavorosa, caótica e frustrante em que fora cometido o crime. Lembro da tensão exultante com que muitos procurávamos as poucas revistas da glasnost que durante aqueles anos de revelações e esperança entraram na ilha, até serem retiradas das tabacarias — para que não fôssemos ideologicamente contaminados por certas verdades sepultadas durante tantos anos, disseram os bons censores. Mas minha necessidade de saber mais, pelo menos um pouco mais, lançou-me numa busca obstinada e subterrânea de informação que me levaria de um livro a outro (arranjado com mais dificuldade que o anterior) e à constatação da ignorância programada em que tínhamos vivido durante décadas e da forma sistemática como tinham sido manipulados nossa credulidade e nosso conhecimento (Padura, 2015, p. 424).

Reforça-se a narrativa condenando a divisão do mundo em blocos estáticos, reforça-se a narrativa sobre o desastre que são as ideologias que pretendem fazer do mundo um modelo único de sociedade. Quando a vida é resumida à política e ao comércio, o resultado é sempre negativo para a ampla maioria da humanidade, considerada como espécie universal, muito embora possa ser plenamente benéfico para um pequeno grupo de países ou de pessoas.

O mundo não pode ser resumido à política nem ao comércio, nem aos dois quando combinados, por isso, o narrador principal mostra claramente que viver somente de política é sufocante, não é humano. Quando fala sobre a passagem do milênio e as dúvidas se esse momento ocorreria em 31 de dezembro do ano de 1999 ou em 31 de dezembro do ano de 2000, expressa sua decepção com uma sociedade que tenta resumir a vida a um sistema político. Diz Iván Cárdenas Maturell:

Trago à tona esse episódio, para muitos sem nenhuma importância e aparentemente alheio ao que estou contando, porque me parece que guarda uma metáfora perfeita: nesta altura não creio que haja muita gente que se atreva a negar que a história e a vida se encarnicaram traiçoeiramente contra nós, contra a minha geração e, sobretudo, contra os nossos sonhos e vontades individuais, subjugados pelos arreios das decisões inapeláveis. As promessas que nos alimentaram durante a juventude e nos encheram de fé, de romantismo participativo e espírito de sacrifício desmancharam-se ao vento enquanto nos acoassavam a pobreza, o cansaço, a confusão, as decepções, os fracassos, as fugas e as separações. Não é exagero dizer que atravessamos quase todas as etapas possíveis da pobreza. E também assistimos à dispersão de nossos amigos mais decididos ou mais desesperados, que optaram pela rota do exílio em busca de um destino pessoal menos incerto, que nem sempre o foi (Padura, 2015, p. 502).

Esse relato dramático sobre a vida na ilha de Cuba não está colocado de forma solta dentro da narrativa, porém plenamente vinculado ao que significou o século XX e seus conflitos mais globais, uma vez que esse drama é consequência de decisões políticas. E, nas entrelinhas do romance, é possível ler as consequências das decisões locais ou globais sobre determinados povos, pois, em um contexto de Guerra Fria entre as potências mundiais, Cuba sofreu embargo econômico severo dos países capitalistas, embargo esse que continua até os dias atuais sob o pretexto de suposta defesa dos direitos humanos.

As tentativas de sufocar o poder político local pela via do embargo, das sanções e da pressão internacional não têm sido eficientes do ponto de vista de resolver os problemas da humanidade, antes, pelo contrário, só tem servido para dividir ainda mais o mundo. O relato é apelo ao bom senso, pois, se por um lado, o poder local tem muita responsabilidade sobre esse estado de coisas denunciado, demonstrando claramente o fracasso do autoritarismo, por outro lado, mostra o fracasso do embargo econômico como forma de tentar interferir nas disputas internas. A combinação dos dois fracassos só tem levado ao aumento do sofrimento do povo cubano, sem alterar o jogo político interno ou externo à ilha.

A obra combina angústias e esperanças, e essa última está implícita na perspectiva de o ser humano não renunciar sua autonomia de pensar livremente, não aceitar a censura de pensamento, não aceitar modelos impostos de sociedade e formas de viver como um padrão universal, independentemente de qual seja a instituição pública ou privada que pretenda implantar tal modelo. O romance critica a realidade cubana e aponta responsabilidades, mas não desiste de apontar esperanças no futuro.

3.3 As polêmicas sobre o romance “O homem que amava os cachorros”

Um romance de grande impacto nos meios literários, acadêmicos e sociais é sempre merecedor de boas análises críticas, cada uma abordando determinados aspectos da narrativa romanesca, suas potencialidades e as possíveis leituras que podem ser efetivadas. O livro *O homem que amava os cachorros* já foi objeto de análises em diferentes meios de comunicação, rádio, jornais, revistas e programas de televisão, e de debates em canais de notícias especializados, como também de análise em teses e dissertações acadêmicas. Tudo isso demonstrando a importância da obra.

No jornal eletrônico *Esquerda Diário*, publicado em 7 de junho de 2018, um dos articulistas faz uma análise crítica do romance, indicando a qualidade da obra e elogiando o trabalho do autor, concluindo numa forma de diálogo e fazendo uma contraposição à ideia

expressa na narrativa de que o stalinismo e o trotskismo desprezavam a vida das pessoas comuns. Diz o texto:

Já com o nome do seu segundo e último pseudônimo no livro, Daniel Fonseca Ledesma, Padura expõe um novo desfecho niilista, afirmando que Trotsky, Stalin e todos os que participaram do movimento comunista, de forma indistinta, teriam ignorado “as pessoas em geral”, dando a entender que em muitos casos sequer chegaram a pensar alguma vez nelas. Conclui afirmando que ele e tantas outras pessoas não pediram para “fazer parte dessa história” (ou seja: fazer parte da “história do socialismo”).

Da parte de Stalin e dos stalinistas é certo que não houve sensibilidade e sequer um único pensamento nas pessoas comuns. Da parte de Trotski e das centenas de militantes da oposição de esquerda torturados e mortos pelo aparato não devemos ter dúvidas de que não apenas tinham, como colocaram as suas vidas em prol destas pessoas. Também podemos responder a Padura dizendo que nós e tantas outras pessoas do mundo não pedimos para fazer parte da história da sociedade capitalista, mas, no entanto, fazemos, de forma totalmente arbitrária e contra a nossa vontade (Berton, 2018).

A pesquisadora Bruna Tella Guerra (2019), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estudou o romance de Padura com a finalidade de verificar as relações entre a narrativa da obra e os limites da produção intelectual em Cuba, especialmente quanto ao grau de interferência dos órgãos públicos no conteúdo das publicações. Para ela, o tema é muito atual, pois *O homem que amava os cachorros* expõe certa visão da esquerda quanto à sua própria história e, também, quanto às suas perspectivas para o futuro.

Depois de argumentar sobre negociação entre o autor e as lideranças políticas cubanas, em um ajuste que permite publicar críticas ao próprio regime político local, mas sem extrapolar certos limites, diz a pesquisadora:

Em um congresso do qual participei durante o doutorado, ao apresentar algo da primeira parte desta tese, o professor debatedor afirmou que o assunto trazido cheirava a mofo. A Guerra Fria estava acabada. Uma professora, por sua vez, afirmou que as esquerdas deveriam continuar se afirmando sobre discursos anacrônicos e, eventualmente, fictícios, diante do contexto político que se desenrolava diante dos nossos olhos. Por falas como essas, me questionei diversas vezes sobre a validade desta pesquisa. Estaria eu prestando um desserviço? (Guerra, 2019, p. 185).

Em seguida, faz balanço de como as disputas políticas na América Latina estão polarizadas entre discursos de extrema direita e discursos de esquerda ao ponto de Cuba, ainda em crise e em transição lenta para um sistema de economia de mercado, ser referência para se analisar as perspectivas dessa região e seu peso no mundo. A pesquisadora conclui que

desmistificar certos discursos é imperativo. Isto é, entender como os intelectuais cubanos se desentenderam ou negociaram com o poder no decorrer do tempo pode ser essencial nesse processo. O caso de Leonardo Padura, trazido por esta tese, parece significativo da complexidade política que o envolve, sobretudo porque as esquerdas que o aclamaram no Brasil desconhecem ou ignoram o que foi/tem sido a história intelectual revolucionária. Sendo assim, lamento, professor, mas o tema é mais atual que nunca (Guerra, 2019, p. 185).

Outro pesquisador, Gabriel Cordeiro dos Santos Lima (2017), faz uma abordagem do romance na qual argumenta que a obra faz parte do processo de integração de Cuba ao mundo pós-moderno e ao sistema mundial do capitalismo tardio. Fundamenta sua abordagem através de uma análise dos narradores do romance, bem como do seu autor nos momentos em que diretamente se pronuncia, tentando provar que se trata de uma busca para explicar a situação de Cuba e sua perspectiva de integração à nova ordem mundial através de uma nova narrativa da história política do século XX. Diz o pesquisador, em forma de conclusão, que

É certo que o momento histórico não lhe oferece grandes perspectivas, mas se aferrar de maneira otimista aos limites do possível certamente fará com que *O homem que amava os cachorros* se torne uma obra datada em um futuro onde seu país engrosse o caldo periférico de outras nações caribenhas, atualmente relegadas à condição de neocolônias fornecedoras de matéria prima e exportadoras de *commodities* e ativos financeiros — isso para não falar dos inúmeros problemas gerados em Cuba pela indústria do turismo predatório (Lima, 2017, p. 107).

Indiscutivelmente, *O homem que amava os cachorros* suscita muitas polêmicas, seja pela sua relação com a história, seja pela sua relação com a política ou a filosofia nesse contexto histórico. Contudo se limitar a fazer essas análises sobre o romance não extrai dele o melhor que oferece aos leitores, muito embora o fato de suscitar polêmicas dessa natureza já seja um dos seus méritos.

A condenação às ideologias autoritárias não é senso comum, uma vez que nem todas as pessoas acreditam em soluções democráticas para os conflitos e, muito menos, em possibilidade de o mundo melhorar sem necessidade do uso da violência e inclusive dos assassinatos. Basta deslocarmos as análises para os fins pretendidos pelos diversos autoritarismos existentes ou que já existiram para se mudar o grau de sua refutação. Ainda hoje, existem muitas pessoas se declarando de esquerda e avaliando que o assassinato de Trotski foi um ato de um revolucionário, e não de um terrorista remunerado, contratado por um Estado autoritário. Tudo pode ser justificado em nome da causa. Mas qual causa? Aí se encontra a chave para se entender o livro de Leonardo Padura e as polêmicas que desperta.

Não há dúvidas de que o romance toca em alguns elementos significativos do discurso da esquerda no século XX, expondo-os e criticando-os, mas é igualmente possível ler a obra

reafirmando elementos também significativos do discurso da esquerda sobre o sonho de igualdade, liberdade e democracia como horizontes a serem conquistados.

A condenação aos métodos violentos para a conquista e a manutenção do poder não pode ser criticada como algo ingênuo ou sem fundamentação na história real da humanidade. O uso da violência nunca foi algo simples de ser tratado, seja na legislação, nas obras históricas ou nas obras literárias. O que justificaria o assassinato de Leon Trotski? O que justificaria os processos de Moscou e suas penas de morte? O romance revela que ainda hoje há quem não queira enfrentar esses problemas que, diga-se de passagem, não são problemas da esquerda ou da direita, mas problemas éticos da humanidade.

O romance refuta a velha tese de que a violência se justifica pela luta de classes, que o progresso humano será fruto de atos violentos e que a revolução socialista será necessariamente violenta. Todas essas hipóteses são polêmicas, nunca defendidas abertamente, salvo raras exceções, mas sempre estão por trás das diversas justificativas da violência como prática concreta.

O confronto entre o stalinismo e todas as demais correntes de esquerda não stalinistas deixou marcas profundas no século XX, pois o controle absoluto dos estados que ficaram fora do bloco capitalista, incluindo Cuba, e outros estados fora do Leste Europeu fez com que o stalinismo se autodeclarasse como a única força capaz de enfrentar o capitalismo ou que ninguém seria capaz de enfrentar o capitalismo sem uma aliança com o stalinismo. Hoje, sabemos do resultado, mas essa hipótese transformada em dogma absoluto de uma parcela da esquerda, fez uma distorção imensa em toda a produção intelectual anticapitalista no século XX e até hoje.

O romance coloca seus personagens no meio das disputas políticas e ideológicas entre o trotskismo e o stalinismo, mostrando como o stalinismo conseguiu vencer essa disputa, com muitos fatos e narrativas similares ao que aconteceu e ainda acontece nas disputas político-ideológicas nos tempos antigos e atualmente. Por isso, é uma narrativa que se propõe universal e encanta os leitores.

Em muitos romances que envolvem disputas dentro das cortes, das famílias reais, das repúblicas, populares ou não, podemos encontrar lutas fratricidas em que um dos lados, ou todos os lados envolvidos, adotam práticas imorais ou amorais ao critério do julgador. Heróis e vilões ganham uma roupagem histórica, mas não são totalmente reais nem totalmente ficção. Não há originalidade em *O homem que amava os cachorros* nesse particular. A originalidade está nas conexões que a narrativa traça entre os personagens e os projetos políticos que se pretendiam universais, algo similar a uma disputa de natureza religiosa, com seus deuses, seus

infernos e seus céus, seus padres e pastores, manipulando a fé em sonhos e utopias. O compromisso do romance histórico não é com a história ou com a ficção, mas com a possibilidade de permitir novas interpretações dos acontecimentos, como diz Lukács (2011):

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional – lei que em um primeiro momento parece paradoxal, mas depois se mostra bastante óbvia – que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações, mesmo observadas superficialmente, são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial (Lukács, 2011, p. 60).

Exigir do romance a adesão a esse ou aquele projeto político-ideológico é pedir desvio literário para melhor se adaptar à política. Claro que uma obra como *O homem que amava os cachorros*, feita e distribuída em Cuba nos dias atuais, deve ter sido ponderada para se equilibrar entre regras e limites do contexto político local, mas isso não é o essencial. Do mesmo modo, exigir do romance que contenha diretrizes para um futuro de Cuba é algo totalmente descabido como crítica literária.

Muita coisa está narrada em grau e detalhes que somente uma combinação bem-feita entre história e ficção poderia produzir. Caberá aos leitores fazerem suas interpretações e colocar suas próprias doses de ficção e realidade no enredo, bem como suas próprias ideologias e certezas no perfil de cada personagem criado. O desafio de viver como revolucionário admite altas doses de subjetividade, pois as formas de vida revolucionárias são muitas e não cabem em um único romance. Vilão ou herói, caberá ao leitor decidir com as informações passadas pelo autor. O livro *O homem que amava os cachorros* narra apenas uma parte das formas de vida revolucionárias destacadas no século passado, e, como em todo romance histórico, a narrativa articula história e ficção como arte literária, deixando as doses de cada uma dessas perspectivas desenvolvidas nos personagens para observação e verificação do leitor. Eis um dos segredos do sucesso literário da obra. A narrativa emociona tanto pela sua autenticidade histórica quanto pela sua verossimilhança com a realidade política, econômica e social do presente.

O romance desafia historiadores, políticos e jornalistas a revisarem alguns dos seus dogmas e, ainda mais, desafia o leitor comum a entender essa terrível conexão entre a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, o assassinato de Leon Trotski e tantos outros acontecimentos com tudo o que estamos vendo acontecer no presente. Inclusive a semântica

usada é também uma mescla de termos do século XX com termos do século XXI, o que, às vezes, passa a impressão de algo já superado, o que é sempre corrigido pelo narrador quando se refere ao seu presente vivido já no século XXI.

O ritmo da narrativa, sua estrutura de capítulos em que se alternam as trajetórias dos principais personagens, coisa que permite ao leitor fazer leituras da obra a partir de suas próprias expectativas, torna sua compreensão muito mais fluida e leve, mesmo para um romance longo sobre um tema já conhecido. A construção dos personagens, históricos e fictícios, é tão bem elaborada que desperta aquela sensação típica de confusão entre o que é real e o que é ficcional.

Certamente que o Trotski do romance não é mesmo da vida real, assim como acontece com seu assassino Ramón Mercader. Mas quem poderia descrever com total fidelidade esses personagens históricos? Dependendo da fonte consultada, os papéis de heróis ou vilões se invertem, e isso não é diferente nas obras consideradas históricas ou aquelas consideradas literárias, por isso, não se pode julgar *O homem que amava os cachorros* sob o único prisma de ser mais ou menos fiel aos acontecimentos históricos que descreve. Um romance que tem o poder de reabrir as discussões sobre a história e o cotidiano das vidas envolvidas em processos revolucionários traumáticos, bem como ainda permitir projeções para o futuro político da humanidade, já traz elementos suficientes para ser considerada uma obra de importante relevância para a história e a literatura.

3.4 Um fragmento de história da esquerda mundial e suas lutas no período que vai da Revolução Russa de 1917 até o início do século XXI

O romance *O homem que amava os cachorros* pode ser considerado um fragmento de história da esquerda mundial e suas lutas no período que vai da Revolução Russa de 1917 até o início do século XXI. Essa obra literária não se limita a uma simples narrativa ficcional, mas sim apresenta uma trama complexa e profundamente enraizada no contexto histórico e político desses eventos.

Ao longo do romance, o autor aborda diversas temáticas relacionadas à esquerda mundial, analisando criticamente a trajetória do comunismo e do socialismo no século XX. Através das perspectivas de seus personagens, Padura (2015) nos leva a uma viagem pelos eventos históricos mais significativos e polêmicos desse período, como a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, a ascensão do stalinismo e a queda da URSS.

Um dos personagens centrais do livro é Leon Trotski, figura emblemática da Revolução Russa, segundo líder do movimento de massas que derrubou o regime czarista e, posteriormente, líder da oposição ao regime de Stalin. O autor retrata, de forma vívida, os conflitos internos do movimento comunista, as traições e as disputas de poder que marcaram essa época. Através do olhar de Trotski e de outros personagens, o leitor é confrontado com as complexidades e dilemas da esquerda, suas contradições ideológicas e os desafios enfrentados pelos revolucionários.

Outro personagem central é o assassino de Trotski, o espanhol Ramón Mercader, que foi recrutado na Guerra Civil Espanhola, treinado pela polícia política stalinista e, finalmente, enviado ao México para executar um dos crimes mais emblemáticos da violação dos direitos humanos pelo regime que se instalou na antiga URSS após a morte de Lenin.

Além disso, *O homem que amava os cachorros* também nos apresenta uma visão crítica sobre os desdobramentos do socialismo no século XXI. O autor faz uma análise profunda dos efeitos da queda do bloco soviético e da crise do socialismo, refletindo sobre as consequências políticas e ideológicas desse período. Padura (2015) questiona a trajetória da esquerda e seu relacionamento com a democracia, abordando temas como a corrupção, a burocracia e a desilusão política que marcaram essa fase.

Além do contexto histórico, o romance também explora questões fundamentais como a natureza do poder, a luta pela liberdade e o preço da ideologia. Através de narrativa envolvente e bem construída, Padura (2015) oferece visão panorâmica da esquerda mundial e suas lutas ao longo do século XX, permitindo ao leitor compreender as tensões, as contradições e os dilemas que moldaram esse movimento político.

O romance se aproxima da definição de esquerda construída por Bobbio (1995) ao escrever alguns ensaios para mostrar que ainda faz sentido falar em direita e esquerda e que essa distinção é relevante quando se trata de discutir igualdade e desigualdade social no atual contexto político, econômico e social. Diz Bobbio:

Com estas referências e situações históricas pretendo simplesmente reafirmar minha tese de que o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de “esquerda”, e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, , mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais (Bobbio, 1995, p. 110).

É inegável que o igualitarismo tem sido ideia central nas correntes políticas e sociais de esquerda ao longo da história. A busca por maior igualdade social, econômica e política é

bandeira comum entre essas correntes e tem sido um dos principais motores das lutas e dos movimentos de esquerda em todo o mundo. A promoção da justiça social e a redução das desigualdades têm sido objetivos importantes dessas correntes políticas.

Além disso, a ênfase na valorização do que torna as pessoas iguais, como direitos básicos, oportunidades de acesso a educação, saúde e trabalho, também é característica marcante das ideias de esquerda. A busca por sociedade mais inclusiva, em que todos tenham condições igualitárias de desenvolvimento e participação, tem sido constante nas lutas e nos discursos de esquerda.

No entanto surgem dúvidas ao considerar a afirmação de Bobbio (1995) sobre a não utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo. A ideia de igualdade plena em todos os aspectos é de fato uma utopia e dificilmente alcançável na prática. O próprio conceito de igualdade pode ser interpretado de diferentes formas, e a busca por equidade e justiça social muitas vezes envolve reconhecer e lidar com as diferenças entre as pessoas.

Nesse requisito sobre as relações entre a igualdade e o respeito às diferenças das pessoas, o romance lança crítica, bem fundamentada, aos regimes políticos de orientação stalinista, que buscavam uma espécie de ser humano padrão, sob o argumento de que isso seria a defesa da igualdade. Outras correntes de esquerda, especialmente o trotskismo, reivindicavam a autonomia das pessoas e dos movimentos sobre aquilo que se considera dentro do âmbito pessoal. Esse debate trazido pelo romance, em diversas passagens, como, por exemplo, quando trata da autonomia da arte e do suicídio do poeta Maiakovski, como também nas discussões sobre arte travadas entre os personagens André Breton e Leon Trotski sobre surrealismo (Padura, 2015), é muito importante para registrar que a visão de igualdade social não é unânime na esquerda e foi um dos elementos ideológicos que levaram esse revolucionário a fazer oposição ao regime stalinista instalado na URSS. Nesse sentido, a narrativa registra a seguinte conversa:

Naquelas conversas, Breton defendia a necessidade de fazer uma distinção fundamental: os intelectuais de esquerda que tinham vinculado seu pensamento à experiência soviética cometiam um erro grave de conceito, porque não dava no mesmo marchar ao lado de uma classe revolucionária e na retaguarda de uma revolução vitoriosa, sobretudo quando essa revolução era representada por um novo estrato decidido a estrangular a criação artística com uma mão totalitária... Mas, apesar das acusações aos stalinistas, seu próprio afastamento do Partido não era uma ruptura com a revolução e menos ainda com os operários e suas lutas, dizia. Sua grande controvérsia com Liev Davidovitch girou então em torno de um conceito que ambos consideravam necessário estabelecer com clareza e sobre o qual a posição do exilado era terminante e não negociável: “Tudo é permitido na arte”. Ao ouvi-lo, Breton tinha sorrido e mostrado estar de acordo, mas só se acrescentassem uma precisão essencial: tudo, desde que não atente contra a revolução proletária. Breton recordou que o próprio Liev Davidovitch o dissera dessa forma, e o exilado

esclareceu que, quando escrevera *A revolução traída*, a deformação estética na União Soviética atingira níveis alarmantes, mas os acontecimentos dos últimos três anos acabaram por romper o dique. Se era inevitável que uma revolução proletária atravessasse já não um período termidoriano, mas um terror que negava sua própria essência, não tinha o direito de impor condições à liberdade artística: na arte, tudo tem de ser permitido, insistiu, ao que o francês voltou a acrescentar: menos atentar contra a revolução proletária; esse era o único princípio sagrado (Padura, 2015, p. 367-368).

Nada mais verossímil que esse diálogo apresentado por Padura (2015), tratando-se de um encontro entre Trotski e Breton, discutindo sobre arte e revolução. É de conhecimento público que esses personagens históricos travaram um importante debate, que resultou em um manifesto sobre a arte e a revolução, publicado posteriormente em forma de livro. No Brasil, foi publicado, em 1985, pela Editora Paz e Terra, sob a denominação de *Por uma arte revolucionária independente*, em formato de brochura.

O romance *O homem que amava os cachorros* mostra, de forma ampla, a história das lutas ideológicas dentro das correntes de esquerda, mantendo uma estética literária que permite ao leitor entender o quanto foi rico, de um ponto de vista intelectual, o período narrado pela obra. Mesmo que também mostre as partes mais desagradáveis dessas lutas, como as traições, os métodos policialescos e o assassinato de Trotski como o clímax de uma tragédia anunciada.

4 A POLÍTICA, O ESPAÇO E O TEMPO

4.1 Literatura e realidade social

A literatura tem uma relação intrínseca com a realidade social, pois é um reflexo e uma expressão da sociedade em que é produzida. A obra literária muitas vezes reflete as preocupações, os valores, as experiências e as questões sociais vividas pelos autores em determinado momento histórico e contexto social.

Todas as pessoas, especialmente os escritores, são influenciadas pelas condições sociais e culturais do momento histórico em que vivem, e essas influências se manifestam em suas obras de diferentes maneiras. A literatura pode abordar temas como desigualdade, discriminação, injustiça, política, questões de gênero, conflitos sociais e outros aspectos da realidade social, e, mesmo quando trata de temas aparentemente estranhos à realidade social, ainda assim, se bem examinada, a obra humana reflete essa realidade de algum modo.

Mas a obra, qualquer que seja, não é só reflexo da sociedade ou da realidade social, pois há também o componente da criação, e até de tentativa consciente de mudar a realidade. Aqui, podemos perceber a grande contribuição da ficção artística, pois ela reflete mais uma criação e uma vontade que um determinante social, ou seja, a ficção possui uma autonomia própria. Embora as obras literárias estejam enraizadas na realidade social, elas transcendem essa realidade de várias maneiras. A ficção permite aos autores criar mundos imaginários, personagens fictícios e histórias que podem se afastar da realidade imediata, ou mostrar essa realidade em outra perspectiva.

Através da ficção, os escritores têm a liberdade de explorar situações hipotéticas, universos alternativos e personagens que não existem na realidade. Essa liberdade criativa permite que eles abordem questões sociais de forma indireta, metafórica ou simbólica. Através da construção de narrativas fictícias, os escritores podem explorar ideias complexas, transmitir emoções e transmitir mensagens de maneiras que vão além do discurso direto sobre a realidade social.

Antonio Candido (2000) ensina que as obras literárias são, de fato, resultado da interação do autor com a realidade que o cerca. No entanto não podemos afirmar que elas expressam necessariamente a média de pensamento da comunidade em determinado período. A literatura é uma forma de expressão artística individual e cada autor tem sua perspectiva única, visão de mundo e experiências pessoais que influenciam sua escrita.

Enquanto algumas obras podem refletir o pensamento dominante ou as preocupações sociais predominantes de uma época, outras podem ser contrárias à opinião pública. Os escritores têm a capacidade de desafiar, questionar e subverter as ideias e os valores estabelecidos. Eles podem apresentar perspectivas alternativas, críticas sociais e visões provocativas que vão além da opinião pública vigente.

Essas obras que parecem contrárias à opinião pública podem desafiar normas, provocar reflexões e estimular debates sobre questões sociais. Muitas vezes, são justamente essas obras que têm um impacto significativo e duradouro na literatura e na sociedade, influenciando a forma como as pessoas pensam e se relacionam com determinados temas.

Como diz o crítico literário Antonio Candido Mello e Souza,

Não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido a sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar a ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (Candido, 2000, p. 128).

É importante lembrar que a literatura não é reflexo direto e simplificado da opinião pública de uma época. Ela pode ser influenciada pela opinião pública, mas também pode ir além dela, oferecendo novas perspectivas, desafiando convenções e explorando territórios desconhecidos. A literatura pode refletir variedade de vozes e pontos de vista, inclusive os marginalizados ou menos ouvidos. Portanto a literatura pode ser reflexo não apenas da opinião pública majoritária, mas também de vozes dissidentes, minorias ou grupos sociais subalternizados.

Tomando como referência a obra de Candido (2000), podemos dizer que, embora a literatura seja influenciada pelo contexto social em que é produzida, também é importante reconhecer que a arte literária é moldada por variedade de fatores, como a cultura, a história, as experiências individuais e as influências literárias. A literatura pode transcender as fronteiras temporais e culturais, dialogando com diferentes realidades e permitindo-nos acessar perspectivas diversas. Diretamente pelas palavras do autor:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis

pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel (Candido, 2000, p. 7).

Entendemos que a literatura é uma forma de expressão artística que transcende os limites das circunstâncias sociais e psicológicas dos seus criadores, mas também não podemos duvidar da importância desses fatores em qualquer análise crítica da obra. Claro que a literatura abrange temas universais e questões existenciais que ultrapassam as experiências individuais e os fatores contextuais, mas devemos ter ponderação adequada sobre todos esses elementos em análise de obra literária.

O livro *O homem que amava os cachorros* é do gênero romance histórico e também do gênero romance político. Nesse caso, sua relação com a realidade acontece de forma muito específica, pois se baseia nos grandes acontecimentos políticos, econômicos e sociais de determinado período histórico. Essa relação com a realidade confere ao romance histórico uma força singular, tornando-o uma ferramenta poderosa para explorar e compreender os eventos passados e suas influências na sociedade.

Uma das características distintivas do romance histórico é a sua capacidade de transportar os leitores para diferentes épocas, recriando cenários, personagens e contextos históricos de forma envolvente. Ao fazer isso, o gênero oferece uma experiência imersiva que permite ao leitor vivenciar e compreender os eventos históricos de maneira mais profunda e emocional.

Ao explorar esses grandes acontecimentos, o romance histórico pode fornecer *insights* sobre as complexidades das mudanças políticas, econômicas e sociais que moldaram a sociedade em determinado período. Por meio das narrativas e dos personagens fictícios, o gênero permite que os leitores examinem os efeitos dessas mudanças nas vidas individuais e nas relações sociais, bem como nas estruturas de poder e nas dinâmicas culturais.

Além disso, o romance histórico desempenha um papel importante na preservação e na transmissão da memória coletiva. Ao retratar eventos históricos e destacar as vidas das pessoas comuns afetadas por eles, o gênero mantém viva a história, reavivando o interesse pelas narrativas passadas e resgatando vozes e perspectivas que podem ter sido negligenciadas pelos registros históricos convencionais.

No entanto a força do romance histórico não se limita apenas à compreensão do passado. O gênero também tem a capacidade de se renovar em resposta a grandes mudanças na sociedade. Em momentos de transformação social significativa, como revoluções, guerras ou transições políticas, o romance histórico pode desempenhar um papel crucial na reflexão sobre os eventos em curso.

Através da narrativa mesclando realidade e ficção desses momentos históricos, o romance histórico pode estimular o debate, a reflexão crítica e a compreensão das dinâmicas sociais e políticas que levaram a tais mudanças. Ele pode abordar questões contemporâneas por meio da lente do passado, fornecendo uma perspectiva ampliada e enriquecedora sobre as causas e as consequências dos acontecimentos históricos.

Lukács (2011) expõe que o romance histórico é ferramenta de disputa política e ideológica na sociedade, ou seja, narrativa que busca fazer ajuste de contas com o passado. O autor diz que

Vemos que todos os problemas do romance histórico atual, tanto os de forma quanto os de conteúdo, estão concentrados na questão do legado. Todos os problemas e valores estéticos nesse campo são determinados pela luta para liquidar o legado político, ideológico e artístico do período do capitalismo decadente, para renovar e dar continuidade às transições dos grandes períodos de progresso da humanidade, do espírito da democracia revolucionária, da grandiosidade artística e do caráter popular do romance histórico clássico (Lukács, 2011, p. 402).

Como podemos perceber nessa passagem, Lukács (2011) enfatiza a importância de reconhecer o legado político, ideológico e artístico do romance histórico clássico, bem como a necessidade de renovar e dar continuidade a essas tradições para enfrentar os desafios do presente. Ele coloca o romance histórico como forma literária que pode ser revitalizada para expressar os valores da democracia revolucionária e da grandiosidade artística e, assim, manter sua relevância e popularidade. Para Lukács (2011), o romance histórico busca fazer uma espécie de ajuste de contas entre passado e presente.

Uma das singularidades de *O homem que amava os cachorros* é estimular esse ajuste de contas com as narrativas sobre as lutas internas nas correntes políticas da esquerda internacional no período de existência da URSS, sob a hegemonia do stalinismo e seus sucessores. A obra questiona o legado histórico e artístico de um período, pelo menos, na forma narrada pelos produtores culturais dentro desse movimento e, especialmente, os viventes em Cuba.

4.2 Os processos revolucionários como particularidades da realidade política e social

No livro *Literatura e revolução*, Trotski (2007) analisa as complexas relações entre escritores e o processo revolucionário que se desenvolveu na Rússia no início do século passado. O problema da vinculação das ideias literárias com as ideias revolucionárias foi colocado como algo inerente ao desenvolvimento da sociedade, que somente seria resolvido

em outro contexto histórico, ou seja, a forma literária não poderia ser separada da forma revolucionária, mas uma não determina automaticamente a outra.

Trotsky (2007) defende a objetividade literária como critério para avaliar politicamente uma obra e sua relação com os acontecimentos políticos e sociais. Avalia que os artistas têm usado suas habilidades para capturar as emoções e os dilemas da sociedade em que vivem. Nas revoluções, eles encontraram uma fonte inesgotável de inspiração para expressar suas opiniões e questionar os valores estabelecidos. Poetas e escritores, com sua capacidade de transmitir mensagens por meio de palavras, têm o poder de influenciar a opinião pública e despertar o senso crítico da sociedade.

Trotsky argumenta que há uma fase de transição na arte entre a arte burguesa, que está em declínio, e uma nova forma de arte que ainda não surgiu. Ele diz que: “Entre a arte burguesa que agoniza em repetições ou em silêncios e a nova arte que ainda não nasceu criou-se uma arte de transição, que se liga mais ou menos organicamente à Revolução, embora não represente a arte da Revolução” (Trotsky, 2007, p. 63).

Trotsky não está afirmando que o pensamento artístico não tem autonomia em relação à política, mas sim destacando a conexão íntima entre arte e revolução em um determinado período histórico. Ele reconhece que a arte pode refletir e ser influenciada por mudanças sociais e políticas, especialmente durante períodos de transformação revolucionária. No entanto ele também enfatiza que a arte possui suas próprias leis e formas de expressão e não deve ser subjugada ou reduzida a um mero instrumento político.

Em seu livro *Como ler literatura*, Terry Eagleton (2020, p. 9) chama a atenção para a impossibilidade de separar a análise política da análise literária em uma determinada obra, bem como afirma que “é impossível levantar questões políticas ou teóricas sobre textos literários sem ter alguma sensibilidade à linguagem deles”.

Por esse raciocínio, podemos dizer que a análise política de uma obra literária requer compreensão da maneira como a linguagem literária constrói significados e representa questões políticas. Através de metáforas, símbolos, estruturas narrativas e técnicas literárias, a literatura pode explorar e comentar sobre a política de maneiras complexas e sutis. A análise política de uma obra literária precisa considerar esses elementos estéticos e interpretá-los em relação ao contexto político e social em que foi produzida.

O romance *O homem que amava os cachorros* apresenta abordagem notavelmente objetiva ao tratar do movimento comunista no século XX e da Revolução Cubana. Por meio de uma narrativa cuidadosamente construída, Padura (2015) oferece aos leitores uma visão imparcial, certamente não neutra, dos eventos históricos que cercam esse período crucial da

história, fazendo uma análise dos precedentes políticos e históricos que permitiram o desenvolvimento da Revolução Cubana tal como a conhecemos hoje.

Desde o início, fica evidente que o autor busca apresentar os fatos de maneira precisa e distanciada de qualquer viés ideológico. Ele não se posiciona como defensor ou crítico da revolução sem fundamentar sua opinião com base em fatos objetivos, pois faz sua narrativa como um contador de histórias imparcial que se dedica a trazer à tona diferentes perspectivas e pontos de vista.

Não há glorificação nem demonização das figuras históricas. Ele expõe as contradições internas dos personagens, mostrando suas motivações complexas, suas dúvidas e até mesmo seus erros. Essa abordagem permite aos leitores, compreensão mais profunda das circunstâncias históricas e humanas que moldaram o movimento comunista no século XX.

O romance nos oferece perspectiva mais abrangente dos eventos, ao mesmo tempo que nos envolve com narrativas e personagens cativantes. Através da ficção, podemos explorar as motivações, os desejos e os conflitos internos dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos históricos. Isso nos ajuda a compreender melhor suas decisões e ações, fornecendo uma dimensão humana que muitas vezes fica de fora dos relatos estritamente históricos.

Obviamente que o romance desafia certas narrativas históricas moldadas em um ambiente de lutas políticas e ideológicas dentro do comunismo internacional, especialmente a luta do assim chamado stalinismo para acabar com o trotskismo. Pois essas narrativas foram intencionalmente produzidas para glorificar o primeiro e demonizar o segundo, são mesmo de difícil classificação como obras históricas.

Claro que o stalinismo sofreu também duro combate das narrativas liberais produzidas no chamado Ocidente, principalmente após o início da Guerra Fria. Contudo a questão abordada no romance *O homem que amava os cachorros* não é propriamente como a historiografia tratou as disputas entre o stalinismo e o trotskismo, mas como isso foi tratado dentro das entidades vinculadas ao marxismo internacional, pois aí restou estabelecida a hegemonia do stalinismo que, para se fortalecer e até mesmo para se apresentar como o único representante da tradição de lutas revolucionárias, criou uma narrativa fundamentalista sobre o estado soviético e a figura de Stalin.

O biógrafo Robert Service descreve essa situação da seguinte forma:

Dando seguimento à sua ascensão na política, Stalin conseguiu que reivindicações importantes fossem feitas em seu nome. Surgiram biografias autorizadas, cada uma mais hagiográfica que a outra. Um relato grandioso, escrito por titeres do Comitê Central do partido e editado anonimamente por Stalin, foi publicado em 1938. O texto o apresentava como um gênio contemporâneo do comunismo mundial; a

tendência crescente era descrevê-lo em pé de igualdade com Lenin como líder partidário, expoente da teoria marxista e estadista global. Essa imagem foi acatada no Ocidente por comentaristas impressionados com o progresso industrial e educacional da URSS na década de 1930. A partir de 1941, quando o país entrou na luta contra a Alemanha nazista, o louvor a Stalin só aumentou. A revista Time o elegeu o Homem do Ano, cuja tenacidade levara seu país ao triunfo militar (Service, 2022, p. 21).

O romance *O homem que amava os cachorros* é, em certo sentido, uma contraposição às narrativas stalinistas que ainda estão fixadas na memória de muitos que participaram das lutas políticas do século XX como a verdade a ser assumida e respeitada. Por essa razão, algumas críticas foram publicadas tentando diminuir a importância da narrativa desse livro, mas sem fundamentos consistentes, seja porque é uma obra literária e não histórica no sentido científico do termo, seja porque a narrativa não se contrapõe aos fatos, mas os esclarece ou os relata de outra maneira.

O romance não se enquadra especificamente em uma vertente trotskista ou stalinista. No entanto é importante ressaltar que é impossível abordar o assassinato de Trotski sem fundamentar minimamente as razões por trás desse evento e as responsabilidades de Stalin.

O autor apresenta uma abordagem literária complexa ao explorar a vida de personagens envolvidos no assassinato de Trotski e, embora não se alinhe explicitamente a uma vertente política específica, é inegável que ele busca retratar os eventos históricos com perspectiva crítica e investigativa. Ele apresenta diferentes pontos de vista e perspectivas ao longo da narrativa, permitindo que o leitor compreenda a complexidade do contexto histórico em que esses eventos ocorreram. Ao explorar o passado e os personagens envolvidos no assassinato, o autor também examina as motivações pessoais dos personagens e as consequências emocionais e psicológicas desses eventos históricos e busca não apenas fornecer visão histórica mais abrangente do assassinato de Trotski, mas também oferecer reflexão sobre os perigos do extremismo político e a capacidade humana de cometer atos extremos em nome de ideologias.

O narrador revela como as fontes de informações sobre as ideias de Trotski e também sobre as motivações para o seu assassinato eram tratadas em Cuba naqueles tempos de hegemonia stalinista, e faz isso sem muito esforço, pois não só tudo o que relata é verossímil, como ainda pode ser constatado em alguns relatos dos que visitam a ilha. Diz o narrador Iván Cárdenas:

Naqueles anos quase ninguém na ilha, pelo menos que eu conhecesse, sentia o mínimo interesse por Trotski ou pelo trotskismo, entre outras razões porque tal interesse – se é que surgia ou ressurgia em alguém tão enlouquecido que o revelasse

– só podia acarretar complicações de todo tipo. E muitas. Se ouvir alguma música ocidental, acreditar em qualquer deus, praticar ioga, ler determinados romances considerados ideologicamente nocivos ou escrever um conto de merda sobre um coitado que sente medo podiam significar um estigma e implicar até mesmo uma condenação, meter-se com o trotskismo teria sido como pendurar uma corda ao pescoço, sobretudo para aqueles que se moviam no mundo da cultura, do ensino e das ciências sociais (Padura, 2015, p. 258).

Esse ambiente hostil ao conhecimento que o romance descreve como sendo em Cuba no final do século XX, mas que cabe para muitos outros países, próprio dos fundamentalismos, constrói narrativas populares e memórias que até o tempo tem muitas dificuldades para removê-las, ainda que baseadas em mentiras escandalosas. A essas narrativas, contrapõem-se as descobertas históricas, mas também as narrativas literárias que, com suas perspectivas libertas de certas amarras normativas, conseguem mostrar outros campos de visão. O romance *O homem que amava os cachorros* é uma dessas obras literárias que constroem novos campos de visão sobre o passado, especialmente sobre os acontecimentos revolucionários do século XX. Não estamos aqui a desmentir tudo o que foi dito de forma diferente do que está relatado na obra de Leonardo Padura sobre o assassinato de Trotski e a degeneração do movimento comunista em um fundamentalismo de tipo stalinista, isso certamente seria repetir o que o stalinismo fez e ainda faz, mas é muito importante mostrar como esse romance é um grande alerta sobre a apologia dos líderes em geral.

As pessoas muitas vezes julgam, condenam ou absorvem pessoas ou obras sem fazer avaliação crítica dos seus conteúdos por uma série de razões nem sempre explícitas. As pessoas, em muitos casos, se alinham a narrativas e as repetem por entenderem que elas expressam ideias ou valores semelhantes aos seus, mesmo que não sejam fundamentados em fatos ou princípios éticos. A hegemonia do stalinismo sobre os partidos de esquerda no âmbito internacional propiciou ambiente hostil ao pensamento crítico em geral, exatamente o ambiente narrado no romance como sendo uma realidade Cubana no século XX. A obra mostra que a Revolução Cubana foi profundamente afetada pelo fenômeno do stalinismo e nada sugere que não haveria outro caminho a seguir.

Considerando o realismo literário como uma busca pela representação objetiva e verossímil da realidade, a partir das condições históricas e sociais em que os personagens estão inseridos, a obra de Leonardo Padura se mostra muito realista. Ela destaca a importância de retratar as contradições e os conflitos sociais, bem como as consequências desses aspectos na vida das pessoas, mas isso não elimina uma visão particular do escritor. Como diz Lukács (2011),

No que diz respeito à visão de mundo, a complexidade dessa situação expressa-se no fato de escritores importantes, que reproduzem a realidade com realismo, fazerem amplas concessões às teorias céticas e agnósticas da classe burguesa da época. É claro que não se pode interpretar de modo simples e linear a interação entre a visão de mundo de um escritor e sua produção. Mas, na maioria dos casos, essa visão de mundo não escapa de ter certa influência sobre a produção, o tipo de realismo, a confiança depositada no próprio talento inventivo para reproduzir a realidade com realismo etc. (Lukács, 2011, p. 312-313).

O romance não nega a importância nem as conquistas da Revolução Cubana e muito menos a importância e as conquistas, em prol da humanidade, das lutas e revoluções, realizadas ou tentadas, sob a bandeira do comunismo. Mas faz isso de forma crítica, avaliando os custos, os preconceitos e os problemas que foram criados no mundo a partir desse movimento ou de sua degeneração no modelo stalinista.

Uma leitura possível e muito importante do romance é caracterizá-lo como recorte das lutas revolucionárias, pois, nesses períodos, as divergências dentro das correntes da esquerda são muito mais aguçadas. A narrativa é muito contínua e cria seu próprio tempo, porém sabemos que os períodos efetivamente revolucionários, ou seja, os dramas revolucionários são períodos relativamente curtos e seguidos por longos períodos de calma social.

Porém a narrativa é tão apaixonante que o leitor permanece preso nela como se tudo fosse no mesmo ritmo, como se a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola e os dramas do povo cubano no início do século XXI, após a derrocada da URSS, estivessem acontecendo simultaneamente. O talento do autor mostra esses tempos e esses espaços fortemente interligados, mostra que uma das chaves para se compreender o assassinato de Trotski pode ser encontrada a partir da realidade vivida hoje em Cuba. Esse estilo narrativo permite ao autor fazer as críticas sobre o presente vivido em Cuba parecerem com as críticas que os historiadores estabeleceram sobre o stalinismo como uma burocracia que desviou o curso da revolução e perverteu a utopia de uma sociedade igualitária.

4.3 O perfil político e ideológico dos principais personagens

Além do amor por cães, os três personagens principais de *O homem que amava os cachorros* têm em comum o envolvimento em processos revolucionários e suas experiências relacionadas a esses eventos históricos. Eles compartilham o contexto histórico da Revolução Russa e suas consequências, principalmente a influência da Revolução Russa na Guerra Civil Espanhola e na Revolução Cubana.

Trotsky, um dos protagonistas, desempenhou papel central na Revolução Russa e foi um dos principais líderes ao lado de Lenin. No entanto ele acabou sendo excluído e perseguido pelo partido comunista de Stalin, o que o levou a um exílio forçado e, finalmente, à sua morte.

Ramón Mercader, o outro protagonista, é um personagem histórico, militante do partido comunista espanhol convertido em agente secreto da polícia política soviética no regime de Stalin, e sua história está intimamente ligada aos eventos direcionados pelo novo Estado soviético. Ele participou da tentativa de Revolução Espanhola e foi fortemente pressionado pelas circunstâncias políticas da época. A narrativa sobre esse personagem explora a repressão política e a violência associada à luta revolucionária.

Iván Cárdenas Maturell, o narrador e o terceiro personagem principal, é um personagem fictício. Ele compartilha a experiência de viver sob um regime autoritário, sendo reprimido e censurado. Através de suas memórias, ele retrata a opressão política e as consequências de ideologias revolucionárias quando se degeneraram em Estados autoritários.

O que une Trotsky, Ramón Mercader e Iván nesse romance vai além do amor por cães. Eles estão conectados por sua participação em processos revolucionários, sua luta contra regimes autoritários e as consequências pessoais e políticas dessas experiências. A obra explora as complexidades históricas, ideológicas e emocionais desses eventos, conectando os personagens através de suas narrativas e visões sobre a revolução. São personagens que experimentam, de forma particular, as lutas políticas, que constroem visões de mundo e acabam prisioneiros dessas visões.

A Revolução Russa de 1917, a Guerra Civil Espanhola e a Revolução Cubana têm algumas semelhanças em termos de contexto histórico e ideologia, mas também apresentam diferenças significativas, e isso é expresso nas características de cada um dos personagens principais do romance.

A Revolução Russa de 1917 resultou na derrubada do regime czarista e na ascensão do Partido Bolchevique, liderado por Lenin. O objetivo principal era estabelecer uma sociedade socialista baseada nos princípios do marxismo. A revolução resultou na criação da URSS, que se tornou o primeiro Estado socialista do mundo. A morte prematura de Lenin permitiu o surgimento e hegemonia do stalinismo no partido revolucionário, que alterou o curso da revolução e deu início a construção de um estado autoritário.

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) teve várias correntes políticas envolvidas, incluindo republicanos, fascistas e anarquistas. Os republicanos, liderados pelo governo eleito, eram um movimento diversificado, mas muitos de seus membros eram socialistas,

comunistas e anarquistas. Eles se opuseram ao levante militar liderado pelo general Francisco Franco, que tinha o apoio dos fascistas e monarquistas. Embora a República Espanhola tenha buscado uma transformação social e uma sociedade mais justa, nem todos os grupos republicanos tinham uma visão socialista estrita. A guerra resultou na vitória de Franco e no estabelecimento de um regime fascista na Espanha.

A Revolução Cubana ocorreu entre 1953 e 1959 e teve como objetivo a derrubada do regime ditatorial de Fulgencio Batista. Os líderes da revolução, incluindo Fidel Castro e Che Guevara, eram influenciados por ideais socialistas e buscavam estabelecer uma sociedade socialista em Cuba. Após a vitória da revolução, o governo cubano implementou reformas radicais, incluindo a coletivização da agricultura, a nacionalização de empresas e a adoção de um sistema político socialista, mas acabou sendo atrelado ao estado soviético diante do cerco e pressões dos EUA.

Trotsky, Ramón Mercader e Iván Cárdenas representam esses tempos e espaços construídos por esses processos políticos e sociais, cada um cumprindo o seu papel como agente, real ou hipotético, na construção de uma utopia chamada de socialismo e cada um, a seu modo, participando da crise e desencanto com essa utopia. O romance mostra que a decepção e a revisão de posições são reações naturais quando as consequências e limitações dessas lutas se tornam evidentes.

No entanto é importante destacar que a narrativa de Padura (2015) constrói um modo de ver essas decepções como algo que não pode levar à apatia ou à rejeição completa do engajamento político e social. Para o autor é necessário aprender com as experiências passadas, entender as *nuances* da política e continuar buscando formas de promover mudanças positivas e construtivas na sociedade. A autocrítica, a análise crítica e a busca contínua por ideal mais justo são fundamentais para um engajamento político mais informado e eficaz.

Cada um dos personagens principais é mostrado em sua forma humana, sem aquela *performance* formal que os manuais de história costumam mostrar. Trotsky vive dia e noite envolvido com sua ideia de revolução mundial do proletariado, mas é também o pai que sente o sofrimento dos filhos, o esposo que busca sempre se reconciliar com a esposa, o amante que se deixa levar pelos encantos de uma artista.

Ramón Mercader é assassino frio e calculista, treinado para matar em nome de uma causa que nem sabe se é sua, mas também é o filho que quer atender aos pedidos da mãe. E, ainda, o amante que sofre a ausência de sua amada, o homem reflexivo sobre os

acontecimentos que ajudou a moldar, um ser pensante sobre os erros que uma prática ritualística de adoração ao líder o fez cometer.

Iván é o crítico amargurado do regime que ajudou a criar, um escritor envergonhado de seu próprio medo. Embora tenha o privilégio de ser o último a falar e se dar ao direito de avaliar sem ser avaliado, reconhece sua incompetência pessoal em lidar com realidade que se impõe para além de suas próprias forças.

São personagens bem verossímeis, ou tipos de pessoas que existiram e ainda existem em todos os lugares, claro que nem sempre exercendo os protagonismos dos que foram retratados no romance. Esse realismo da obra impressiona e a faz de fácil compreensão por todos os leitores, até os que desconhecem a história das lutas políticas e ideologias do século XX ou, mais precisamente, as lutas internas e externas dos partidos e organizações de orientação marxista ou do comunismo internacional.

Os personagens principais têm em comum o amor pelos cachorros, a participação em processo de lutas políticas em defesa do socialismo e um final que se contrapõe aos seus sonhos de origem. Mas o mais importante e significativo é que eles têm em comum o realismo de personagem, pois são tipos concretos de pessoas no tempo e no espaço onde se desenvolve a narrativa da obra.

O perfil político e ideológico de Leon Trotski retratado no romance mostra uma pessoa dedicada à causa revolucionária, que a coloca acima de suas pretensões ou interesses pessoais, e esse parece ser também o perfil do seu assassino Ramón Mercader. Contudo há dois elementos que os colocam em inteira oposição, quais sejam: o primeiro é o fato de Trotski ser intelectual brilhante, escritor e elaborador de teses políticas universais, enquanto seu assassino era apenas policial cumpridor de ordens; o segundo é que Trotski entendia a causa revolucionária como a busca por uma sociedade plural, na política, na arte e no modo de ser das pessoas, enquanto o seu assassino entendia a causa revolucionária como a busca por uma sociedade padronizada e controlada por poder central comunista nos moldes pensado pelo stalinismo.

4.4 “O homem que amava os cachorros” como um romance político

O romance político é gênero literário particular muito utilizado como instrumento dos escritores quando desejam narrar acontecimentos políticos, econômicos e sociais relevantes em suas obras literárias. Um romance político pode apresentar crítica social, questionar o *status quo* ou explorar diferentes visões e ideologias políticas. Ele pode retratar as tensões e

dilemas enfrentados pelos personagens em meio a um ambiente político hostil ou mostrar como eles lutam por mudanças e reformas.

Para Irving Howe (1998), o romance político pode ser definido da seguinte forma:

O romance político — tenho em mente sua forma ideal — é peculiarmente uma obra de tensões internas. Para ser um romance, deve conter a representação usual de comportamento e sentimento humanos; ainda assim, deve também absorver em seu fluxo de movimento os blocos duros e talvez insolúveis da ideologia moderna. O romance trata de sentimentos morais, paixões e emoções; tenta, acima de tudo, capturar a qualidade da experiência concreta. A ideologia, entretanto, é abstrata como deve ser e, portanto, provavelmente recalcitrante sempre que seja feita uma tentativa para incorporá-la ao fluxo de impressões sensuais do romance. O conflito é inevitável: o romance tenta confrontar a experiência imediata e íntima, enquanto a ideologia é, por natureza, geral e abrangente (Howe, 1998, p. 7).

O romance não só expõe os fatos marcantes das lutas políticas e ideológicas dentro da esquerda, como também gera perguntas essenciais sobre elas. Como uma luta por liberdades pode ser desviada a tal ponto de gerar regime totalitário? Como as pessoas que se declaram livres e conscientes dos seus deveres para com a humanidade podem ser convertidas em fanáticos enlouquecidos ao ponto de considerar o questionamento ao regime político como uma ameaça?

Em seu livro *A revolução traída*, Trotski (1980a) procura dar explicação ao que aconteceu com a Revolução Russa e por que o stalinismo, em tese, contrário às ideais centrais da revolução e com uma prática autoritária, acabou vencendo e se consolidando. Diz ele:

O historiador da URSS não poderá deixar de concluir que a política da burocracia dirigente foi contraditória nas grandes questões e caracterizada por uma série de ziguezagues. A explicação ou a justificação destes ziguezagues pela “mudança de circunstâncias” é visivelmente inconsistente. Governar é, pelo menos numa certa medida, prever. A ação de Stalin de modo algum previu os inevitáveis resultados do desenvolvimento que, por várias vezes, a prostraram. Ela reagiu por meio de reflexos administrativos, criando a posteriori a teoria das suas reviravoltas, sem se inquietar com o que ensinara na véspera. Os incontestáveis fatos e documentos obrigam igualmente o historiador a concluir que a oposição de esquerda fez, a respeito das evoluções em curso no país, uma análise infinitamente mais justa e previu com maior exatidão o seu curso posterior.

Esta afirmação parece, à primeira vista, contraditória pelo simples fato de ter sido a facção do partido menos capaz de prever a que alcançou incessantes vitórias, enquanto o grupo mais perspicaz caminhava de derrota em derrota. Esta objeção, que por si mesma se apresenta ao espírito, só é convincente para quem, ao aplicar o pensamento racional à política, mais não vê que um debate lógico ou uma partida de xadrez. Ora, a luta política é, no fundo, a dos interesses e das forças, não dos argumentos. A qualidade dos dirigentes de modo algum é indiferente aos êxitos dos combates, mas não é o único fator nem mesmo o decisivo. Os campos adversários exigem, por outro lado, chefes à sua imagem (Trotski, 1980a, p. 63).

Essa explicação de que a vitória ou derrota de uma luta política depende muito pouco da qualidade dos líderes e de suas análises tem bom fundamento em exemplos históricos e até recentes, mas é sempre contestada ou ignorada pelos vencedores, que, via de regra, se atribuem qualidades especiais.

As razões que moveram as lutas políticas internas no partido dirigente da Revolução Russa e seus reflexos em todo o mundo, sobretudo a luta entre o stalinismo e seus opositores, ainda hoje são controversas dentro e fora do chamado campo da esquerda. A avaliação dessa explicação de Trotski depende de diferentes perspectivas e interpretações sobre a luta política na URSS e sobre as dinâmicas entre Stalin, ele e outras facções do partido. Alguns podem concordar com a análise dele e considerar suas críticas válidas, argumentando que a burocracia dirigente e a abordagem de Stalin foram prejudiciais para o desenvolvimento da revolução. Outros podem ter uma visão mais crítica em relação a Trotski e à oposição de esquerda, argumentando que sua análise era falha ou que outros fatores além dos líderes foram determinantes para os resultados da luta política.

No passado remoto ou no presente contemporâneo, vamos encontrar milhares de exemplos nos quais os líderes mais capazes, e com ideias mais claras e avançadas no tempo, perderam e até foram massacrados por líderes aparentemente medíocres. Seguindo o mesmo raciocínio, e ainda falando da Rússia, Trotski complementa:

Se a Revolução de Fevereiro conduziu ao poder Kerenski e Tseretelli, não foi por estes terem sido “mais inteligentes” ou “mais hábeis” que a camarilha governante do Czar, mas sim porque representaram, pelo menos temporariamente, as massas populares revolucionárias insurgidas contra o antigo regime. Se Kerenski pôde obrigar Lenin a ir para a ilegalidade e atirou para a prisão outros chefes bolchevistas não foi porque as suas qualidades pessoais o fizessem superior, mas porque a maioria dos operários e dos soldados, durante esses dias, ainda seguia a pequena burguesia patriota. A “superioridade” pessoal de Kerenski, se este termo não se encontra deslocado, residia precisamente em não ver mais longe que a grande maioria. Por sua vez, os bolchevistas venceram a democracia pequeno-burguesa, não graças à previsão dos seus chefes, mas devido a um reagrupamento das forças, tendo por fim o proletariado conseguido arrastar contra a burguesia o campesinato descontente (Trotski, 1980a, p. 63-64).

Essa chave explicativa aberta por Trotski para os conflitos dentro das correntes de esquerda e os possíveis resultados conjunturais, em parte como justificativa para sua derrota política e em parte como motivação para seus seguidores não abandonarem à luta, é também utilizada pelo autor do romance *O homem que amava os cachorros* em algumas passagens, quando narra as avaliações íntimas de Trotski sobre os acontecimentos que envolviam o Estado soviético com os países vizinhos nos preparativos para a guerra. Vejamos:

Naquele instante, Liev Davidovitch era um homem com a alma angustiosamente dividida. Algum dia, disse para consigo, se reconhecerá que foram os erros dos revolucionários, mais que o empenho dos imperialismos, que atrasaram as grandes mudanças da sociedade humana. Mas, mesmo com essa convicção e depois de tantas infâmias, baixeiras políticas e crimes de todo o tipo, ele continuava a acreditar que a defesa da União Soviética contra o fascismo e o imperialismo constituía o grande dever dos trabalhadores do mundo. Porque Stalin não era a União Soviética, muito menos o representante do verdadeiro sonho soviético. Envergonhava-o, pelo que isso significava para o ideal socialista, saber que, depois de invadir a Polônia, Stalin impunha ali a ordem soviética com a mesma fúria com que Hitler exportava a ideologia fascista. Aquela exportação grosseira do modelo soviético para a Polônia e para a Ucrânia ocidental traria a desmoralização dos operários europeus, ao verem o oportunismo político do stalinismo. Por outro lado, os habitantes daquelas regiões invadidas, vítimas históricas dos impérios russo e germano, já teriam certamente se interrogado sobre que diferença existia entre um invasor e o outro, e Liev Davidovitch não se admiraria se, rapidamente, muitos daqueles povos chegassem a considerar os nazis seus libertadores do jugo stalinista (Padura, 2015, p. 406).

Nada mais atual que essas passagens anteriormente transcritas, mas o romance vai além disso em sua narrativa das lutas políticas e ideológicas dentro da esquerda e revela como o direito à informação e à liberdade de expressão é violado em nome da causa. As dificuldades para se obter informações confiáveis ou de, pelo menos, ter a opção de verificar outras fontes, eram detalhadamente construídas e aplicadas pelos que chegaram ao poder em nome da igualdade e da liberdade.

O narrador, Iván Cárdenas, descreve sua luta pela busca de informações confiáveis sobre a história que está contando, se transforma em uma espécie de detetive a procura da verdade dos fatos ou, pelo menos, de outras versões além das versões oficiais que, no essencial, constituem uma única versão.

Lança, assim, crítica bem fundamentada ao que acontece em todos os regimes autoritários, ou seja, os regimes que adotam a censura aos textos e obras, como regra para conduzir a sociedade no chamado caminho do bem na ótica das autoridades do governo. Diz Iván:

Dedicara-me durante anos a seguir o rastro da pouca informação existente no país acerca do complô urdido em volta de Trotski e da época pavorosa, caótica e frustrante em que fora cometido o crime. Lembro da tensão exultante com que muitos procurávamos as poucas revistas da glasnost que durante aqueles anos de revelações e esperança entraram na ilha, até serem retiradas das tabacarias — para que não fôssemos ideologicamente contaminados por certas verdades sepultadas durante tantos anos, disseram os bons censores. Mas minha necessidade de saber mais, pelo menos um pouco mais, lançou-me numa busca obstinada e subterrânea de informação que me levaria de um livro a outro (arranjado com mais dificuldade que o anterior) e à constatação da ignorância programada em que tínhamos vivido durante décadas e da forma sistemática como tinham sido manipulados nossa credulidade e nosso conhecimento (Padura, 2015, p. 424).

Aqui fica exposta uma das feridas mais evidentes e ainda abertas das lutas políticas e ideológicas internas da chamada esquerda mundial, ou seja, as narrativas sobre o impacto do stalinismo no mundo e sua política de sufocamento das vozes discordantes.

A narrativa do romance faz o leitor refletir sobre as disputas de poder não apenas enquanto luta de classes, mas dentro das próprias classes, e não apenas as disputas entre partidos diferentes, mas dentro de cada partido, ou seja, uma das grandezas da obra é exatamente colocar o leitor para pensar fora das convenções tradicionais da política, fora dos modelos que atribuem a cada época um certo modelo de luta política, mas estimulando cada um a ver melhor que a narrativa sobre essa temática tem muito de atemporal.

Mostrar que as lutas entre as correntes de esquerda não estão enquadradas numa ética superior, que os regimes de esquerda podem ser democráticos ou autoritários, que a censura não é apenas invenção da direita não é um posicionamento político contra o regime cubano, mas posicionamento sobre o que há no mundo.

O romance é profundamente crítico aos regimes políticos de partido único, partindo de ideal democrático em que o pluralismo partidário é frequentemente considerado um princípio fundamental da governança democrática, promovendo a diversidade política, a representação de diferentes ideologias e a participação dos cidadãos no processo político. No entanto pode-se argumentar que o chamado pluralismo partidário é, na prática, abstração não realizada em muitos países, onde apenas alguns poucos partidos conseguem sobreviver e exercer poder significativo, mas isso não invalida a boa crítica expressa na obra.

Claro que o romance se passa em Cuba, o narrador é cubano e a crítica à falta de liberdade em Cuba e as responsabilidades do regime político local não poderiam deixar de fazer parte da narrativa, mas isso não autoriza colocar o autor como mais um crítico do regime cubano. Pelo contrário, ele consegue mostrar as dificuldades do povo cubano e as influências do stalinismo no regime político local, mas não deixa de ressaltar a importância das conquistas da revolução. Em uma de suas entrevistas, quando perguntado o que deseja para seu país, ele é direto e específico sobre isso e diz:

Desejaria que, nessa sociedade, certos níveis de justiça social que foram atingidos em Cuba, fossem mantidos, e que nela existisse a fraternidade de que falamos. Gostaria que existisse uma democracia verdadeira, uma democracia no sentido exato da palavra. Onde cada cidadão tenha direito de tomar suas decisões, de decidir sobre sua própria vida e de decidir sobre a vida coletiva em um convênio social, que é o que se forma em uma sociedade onde, sem dúvida, a maioria deve governar. Tomara que esse seja o modelo ao qual chegemos em Cuba (Padura, 2014).

Nessa mesma entrevista, ele descreve o romance *O homem que amava os cachorros* como uma narrativa histórica que fala da utopia do socialismo e como essa utopia foi pervertida. Diz ele:

É um livro com muitos propósitos, mas acho que um é fundamental: falar do que foi a utopia socialista do século 20 e sobre como o stalinismo perverteu essa utopia. Por isso, utilizo o personagem de Leon Trotsky como protagonista da história. Como o leitor fica sabendo antes de começar a ler, o romance conta o assassinato de Trotsky cometido por Ramón Mercader. Para isso, tive de fazer um trabalho muito árduo, montando a história para que o leitor que conhecer o clímax do livro ainda se sinta atraído pela história e queira continuar lendo. O jogo da relação entre o que podia ter ocorrido, e que na mente de Trotsky e nas de outros comunistas da época ocorreu de fato, a sociedade igualitária, e o que acabou ocorrendo e levante à desintegração da União Soviética, que desabou por si mesma, é nisso que se baseia o interesse deste romance (Padura, 2014).

Assim, podemos dizer que *O homem que amava os cachorros* é, sobretudo, um romance político, uma narrativa sobre a política da esquerda no século XX e seus resultados. Ele aborda temas e questões políticas de forma central na trama e na caracterização dos personagens, bem como explora os sistemas políticos, as relações de poder, as ideologias e os conflitos sociais.

Quando o autor diz que a União Soviética caiu por problemas políticos e não por problemas de ordem econômica ou social, como muitos querem dizer para demonstrar uma suposta superioridade do capitalismo, temos certeza de que a narrativa não é condenação ao socialismo e uma exaltação ao capitalismo, pois, nem de longe, com isso, se parece. Na URSS, foram a burocracia estatal, a falta de participação popular direta e a concentração de poder nas mãos do Partido Comunista que levaram à distorção do socialismo originalmente proposto.

Algumas vezes o autor expõe claramente sua visão política e seus pontos de vista sobre o poder por meio da narrativa, do estilo de escrita ou até mesmo dos personagens e dos narradores, Iván Cárdenas e Daniel Fonseca, que funcionam como porta-vozes de suas ideias. Em outras passagens, a posição do autor em relação ao poder é mais sutil e fica nas entrelinhas dos diálogos entre os personagens, nas descrições de eventos ou nas situações apresentadas. Essa abordagem permite uma abertura para diferentes interpretações e estimula o engajamento ativo do leitor na compreensão das questões políticas apresentadas.

A crítica do romance não se dirige à política em geral, mas à política desenvolvida e praticada pelos partidos de orientação stalinista, geralmente chamados de partidos comunistas. A prática política dos partidos de orientação stalinista, ao longo da história, teve um impacto significativo na coesão das correntes de esquerda. O stalinismo, que se autodeclarou

comunista, buscou eliminar qualquer outra alternativa que pudesse concorrer com ele dentro desse campo ideológico.

Uma das características centrais do stalinismo foi a busca pelo controle absoluto do Partido Comunista, o que implicou a supressão de divergências internas e o estabelecimento de uma linha política única. Stalin e seus seguidores acreditavam que essa unidade era necessária para garantir a consolidação do poder e avançar em direção à construção do socialismo em um único país, a URSS. Ainda existem muitos militantes de esquerda que pensam assim.

Essa postura de intolerância política e eliminação de outras correntes de pensamento na esquerda teve graves consequências para o movimento. Os partidos stalinistas adotaram uma abordagem dogmática, rejeitando qualquer desvio da linha oficial estabelecida. Qualquer discordância era frequentemente considerada traição ou sabotagem, o que levou à repressão interna e ao afastamento de outras correntes de esquerda. Foi assim na União Soviética e em todos os países sob sua influência, especialmente em Cuba.

A política, em *O homem que amava os cachorros*, é bastante explorada quando o narrador faz uma análise crítica sobre a falta de liberdade em Cuba. Mas é muito significativo que toda a narrativa do romance busque criticar também as fugas dos cubanos para outros países, ou seja, a narrativa não é do tipo aqui está ruim e poderia ser melhor se copiássemos outro modelo de política.

A busca pela liberdade em Cuba, conforme narrada, pode ser compreendida como anseio por maior abertura política, pelo respeito aos direitos humanos e pelo pluralismo ideológico. Isso não implica necessariamente abrir o país para invasão ou interferência externa, como a tentada pelo imperialismo estadunidense.

Existem diversas formas de buscar a liberdade e a democratização de um país. É possível promover a liberdade de expressão, o respeito aos direitos humanos, a diversidade de opiniões e a participação cidadã por meio de diálogo interno, do fortalecimento das instituições democráticas e da construção de consensos internos. O narrador fictício apresenta quadro muito crítico da realidade política e social em Cuba, mas não se deixa levar pelo senso comum quando se trata do futuro para o povo cubano.

É importante ressaltar que o narrador descreve a falta de liberdade em Cuba não entrando na polarização entre apoio irrestrito ao governo cubano ou à abertura total ao imperialismo estadunidense. Existem *nuances* e diferentes perspectivas dentro desse debate, e é necessário considerar as complexidades e os desafios específicos enfrentados pelo país. O romance é político em sua essência, mas não se filia a uma política vulgar, pois constrói

crítica ao real, expõe suas raízes político-ideológicas, mas não se rende aos encantos de uma fantasia chamada de democracia liberal ocidental. O romance é político por ser realista.

Ao retratar questões políticas de forma realista, o romance adquire uma base sólida para explorar e analisar o funcionamento dos sistemas políticos, as relações de poder e os conflitos sociais. A verossimilhança dos eventos e personagens permite que os leitores se engajem com a narrativa e compreendam a complexidade das questões políticas envolvidas.

Se a narrativa se afastasse do realismo, seria apenas mais uma obra moralista sobre essa parcela da história das lutas internas da esquerda no século XX e início do século XXI. Ao contrário, o romance de Leonardo Padura (2015) explora as ambiguidades e as contradições inerentes ao campo político através de personagens reais ou verossímeis. O seu realismo desperta a consciência política dos leitores.

4.5 A Revolução Russa e a vida em Cuba como referenciais de tempo e espaço

O tempo e o espaço são elementos fundamentais em um romance histórico e político como é o caso de *O homem que amava os cachorros*, em que esses elementos se entrelaçam para criar a narrativa e fornecer contexto aos eventos e personagens. O enredo central do romance é a história da Revolução Russa e sua degeneração no stalinismo, tendo como consequência o exílio e o assassinato de Leon Trotski, mas também a burocratização e a paralisia de regimes políticos aliados da URSS, como é o caso do regime político implantado pela Revolução Cubana.

A narrativa não segue cronologia linear e tem uma singularidade na medida em que o entrelaçamento de capítulos sobre as trajetórias do narrador, que é um personagem fictício, com as trajetórias de Leon Trotski e do seu assassino, Ramón Mercader, que são personagens históricos, cria tempo específico no romance e determina múltiplas linhas temporais saltando entre diferentes espaços e momentos históricos. Os cenários de cada evento narrado são de grande complexidade, pois esses acontecimentos estão em permanente mobilidade de um lugar para outro, mudam de países e de ambientes internos como se fossem um rio em plena correnteza e criam atmosfera que molda o comportamento dos personagens.

A maneira como a história, o tempo e o espaço se articulam e interagem, faz o leitor penetrar na história e se conectar emocionalmente com os personagens, imaginar comportamentos, julgar condutas e, sobretudo, rever seus pontos de vista sobre a história das lutas políticas no século passado, mas também as do século presente. Os saltos temporais que a narrativa apresenta entrelaça diferentes períodos históricos, fazendo o leitor ir de Cuba, no

início do século XXI, ao início da era stalinista na URSS, no início do século XX, materializada na deportação de Leon Trotski para uma cidade do Cazaquistão, de onde seria finalmente expulso para a Turquia. Esses saltos temporais constroem tempo próprio do romance, que nem é tempo cronológico, nem é tempo fictício, mas simplesmente o tempo de *O homem que amava os cachorros*.

O tempo do romance não é tempo histórico, no sentido que a historiografia atribui a esse termo como tempo interpretado, mas também não é tempo fictício arbitrário, por tratar de combinação de elementos objetivos e subjetivos de um movimento social determinado. É tempo que envolve a análise dos eventos, suas causas e consequências, e permite ao leitor buscar entender como os acontecimentos históricos se relacionam e se influenciam mutuamente.

Do mesmo modo que o tempo, os espaços narrados possuem característica singular, pois, embora sejam quase sempre espaços referentes às discussões políticas, como é próprio do romance histórico e político, também temos espaços onde ocorrem diálogos dentro dos personagens, em suas mentes criadas pelo autor, e muitos espaços simbólicos capazes de fazer o leitor imaginar as possíveis cenas que ali se passaram ou ainda se passarão. O romance tem uma narrativa baseada em espaços históricos autênticos, localizações onde os eventos aconteceram e foram registrados, ou seja, espaços cuja existência é real e incontroversa, mas expõe esses espaços com um grau de detalhe que os une aos personagens, reais ou fictícios, formando um conjunto narrado coerente. O leitor entra no romance fazendo viagem no tempo e no espaço, na história e na ficção, conectando os personagens e lhes atribuindo uma vida imaginária.

Paul Ricoeur (2010) sustenta que tanto a historiografia quanto a ficção têm uma dimensão temporal em comum, pois ambas estão preocupadas com a experiência humana ao longo do tempo. Ambas as formas narrativas podem explorar a maneira como os eventos passados moldam o presente e o futuro, assim como podem usar o tempo como um elemento central em sua estrutura narrativa. O autor afirma:

Quer se trate de afirmar a identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção, como nos esforçaremos por provar na segunda e na terceira partes, quer de afirmar o parentesco profundo entre a exigência da verdade dos dois modos narrativos, como faremos na quarta parte, um pressuposto domina todos os outros, a saber, que o desafio último, tanto da identidade estrutural da função narrativa quanto da exigência de verdade de toda obra narrativa, é o caráter temporal da experiência humana (Ricoeur, 2010, p. 9).

Podemos argumentar que, embora a historiografia e a narrativa de ficção possam compartilhar semelhanças superficiais em sua estrutura narrativa, elas são fundamentalmente distintas em sua finalidade e método. A historiografia busca reconstruir eventos passados de forma objetiva e baseada em evidências históricas confiáveis, enquanto a ficção busca entreter, explorar temas universais e transmitir visão particular do mundo, muitas vezes sem restrições de fidelidade histórica. Mas a narrativa do romance *O homem que amava os cachorros* segue rigorosamente a tese de Ricoeur (2010), quanto às relações entre a narrativa historiográfica e a narrativa de ficção.

Um romance cujo tema é a história das lutas internas na esquerda internacional, tendo como enredo principal o exílio e o assassinato do líder revolucionário russo Leon Trotski, não pode fugir do conjunto de informações, análises e interpretações da história desse movimento, que nunca foi consensual entre os diferentes historiadores ou correntes historiográficas, nem mesmo entre as correntes jornalísticas, muito menos pode a narrativa se distanciar dos fatos historicamente registrados. Mas o que também é muito importante levar em consideração é que o romance foi escrito e publicado após a queda da URSS e do fim da chamada Guerra Fria, e isso remete a um público leitor envolvido em outro contexto interpretativo dos acontecimentos. Isso também remete à ideia de tripla mimese defendida por Ricoeur (2010) quando expõe que a obra literária é enriquecida pela interação entre o contexto anterior a ela e percebido pelo autor, o contexto dela e nela descrito e o contexto do leitor em seu contato com ela. Essas temporalidades não podem ser entendidas separadamente, uma vez que uma interfere diretamente na outra. Diz Ricoeur:

O texto é um conjunto de instruções que o leitor individual ou o público executam de modo passivo ou criativo. O texto só se torna obra na interação entre texto e receptor. É nesse fundo comum que se delineiam as duas abordagens diferentes, a do ato de leitura e a da estética da percepção (Ricoeur, 2010, p. 132).

Aqui está uma forma mais clara de compreender as três mimeses propostas por Ricoeur (2010): a mimese anterior à obra, a mimese da produção da obra e a mimese da recepção ou refiguração. A mimese da produção diz respeito à criação do texto pelo autor, que, por meio de sua escrita, estabelece um conjunto de instruções para o leitor seguir. Essas instruções são transmitidas ao leitor, que as executa em ato de leitura.

O leitor pode executar essas instruções de modo passivo ou criativo. Essa distinção é crucial, pois reconhece que a leitura não é processo unidirecional, mas sim interação dinâmica entre o texto e o leitor. O leitor, ao se engajar ativamente com o texto, traz suas experiências,

conhecimentos prévios e perspectivas pessoais para a leitura, enriquecendo e dando vida à obra.

O texto só se torna obra na interação entre o texto e o receptor. Nesse “fundo comum”, que é o espaço de encontro entre o texto e o leitor, são delineadas as duas abordagens diferentes: o ato de leitura e a estética da percepção. O ato de leitura envolve a compreensão intelectual e a decodificação das palavras escritas, enquanto a estética da percepção se refere à experiência estética e sensorial proporcionada pela leitura. O leitor não apenas busca entender o conteúdo e o significado do texto, mas também se envolve emocionalmente e esteticamente com a obra, experimentando prazer estético, reflexão crítica e conexão emocional.

Ao narrar a história da degeneração da Revolução Russa no fenômeno do stalinismo, tendo como pano de fundo o exílio e o assassinato de Leon Trotski, o romance *O homem que amava os cachorros* emociona o leitor que conhece a história pela fidelidade e pela verossimilhança dos acontecimentos e do comportamento dos personagens. Mas também emociona o leitor que não conhece a história simplesmente pela riqueza de detalhes do confronto entre a mentira e a verdade, a dissimulação e a autenticidade, nas diferentes narrativas políticas realizadas pelos personagens protagonistas e coadjuvantes da trama.

Os diversos cenários descritos na narrativa do romance têm como referencial a Revolução Russa de 1917 e suas consequências ou reflexos em todos os países do mundo. Embora o enredo principal seja o exílio e assassinato de Trotski, todos os ambientes onde os personagens interagem fazem referência à Revolução Russa como origem ou ao regime político cubano como finalização de uma epopeia, inclusive, e especialmente, o ambiente de perseguição ideológica e espionagem política.

Até os personagens fictícios são afetados pelos eventos da Revolução Russa e pelo regime político cubano em um nível pessoal, refletindo as mudanças sociais e políticas de cada época. Também os dilemas morais, as lealdades divididas, os conflitos de classe, as lutas pelo poder e a perda ou busca de identidade em um ambiente de permanente conflito político e ideológico no mundo. Tudo se harmoniza com os tempos e os espaços referentes à Revolução Russa de 1917 e ao cotidiano em Cuba no século XXI.

Uma leitura possível do romance é a denúncia sobre a prisão temporal da sociedade cubana, que não consegue se desconectar de uma época ou de um tempo e de um espaço que já não existem mais. O tempo de Cuba é o tempo da Revolução Russa e do domínio absoluto do stalinismo como ideologia política totalitária que se pretendia universal, coisas tão fora do contexto contemporâneo que se parecem como fantasmas vagando sobre a realidade ou à margem dela.

O livro *O homem que amava os cachorros* estabelece uma conexão surpreendente e impactante entre a Revolução Russa após a hegemonia stalinista e o atual regime político cubano, sugerindo que Cuba está presa em um estado temporal estagnado. O romance explora a ideia de que o regime stalinista, representado pelo personagem de Ramón Mercader, assassino de Trotski, conseguiu aprisionar Cuba em sua própria cadeia eterna.

Ao entrelaçar as trajetórias do líder revolucionário Leon Trotski com a do seu assassino sob comando stalinista, Mercader, e com o personagem fictício Iván Cárdenas, esse último um escritor cubano que viveu no início do século XXI, a narrativa constrói um tempo e um espaço próprio do romance.

Além disso, o próprio cenário cubano retratado no romance parece congelado no tempo. A ilha permanece imersa em um suposto socialismo e no culto à personalidade dos líderes revolucionários. A população cubana vive sob regime político opressivo, com limitações à liberdade de expressão e um sistema que mantém o poder nas mãos de poucos. Essa descrição da realidade cubana sugere que, assim como o regime stalinista na URSS, o atual sistema político em Cuba conseguiu manter o país aprisionado em um tempo que se recusa a avançar.

Outro ponto importante é a exploração das semelhanças entre o poder exercido pelo regime cubano e o regime stalinista. Ambos os regimes centralizaram o poder em suas mãos, implementaram um sistema de vigilância e controle sobre a população e suprimiram a dissidência política. A alusão a essas características compartilhadas entre os dois regimes políticos reforça a ideia de que Cuba permanece presa em uma espécie de *loop* histórico, incapaz de escapar dos mesmos padrões autoritários que definiram a era stalinista.

Ao estabelecer essas conexões entre a Revolução Russa e o regime político cubano atual, o romance oferece reflexão profunda sobre o poder duradouro dos eventos históricos e como as ideologias podem moldar o destino de um país. Sugere que Cuba está aprisionada em um tempo imutável, como se o regime stalinista tivesse conseguido prender o país em sua própria cadeia eterna, mas, ainda assim, há quem pense de forma diferente nesse país. A obra nos leva a questionar a natureza dos regimes políticos autoritários e suas implicações duradouras, proporcionando uma perspectiva original sobre a história e a realidade cubana.

A Revolução Russa de 1917, a trajetória dos personagens históricos e a vida cotidiana em Cuba no início do século XXI ajudam a estabelecer a autenticidade histórica e a imersão do leitor no mundo retratado pelo romance. Esses elementos centrais da narrativa fornecem moldura temporal e geográfica que molda a trama e os eventos que se desenrolam, criando uma experiência mais rica e envolvente para o leitor.

4.6 A força do tempo no romance

O romance *O homem que amava os cachorros* não se restringe a uma mera representação factual do passado, mas é uma criação que combina elementos históricos, ficcionais e míticos. Ele estabelece um “terceiro-tempo” (Ricoeur, 2010) que transcende as limitações das perspectivas histórica e cósmica, explorando a complexidade do tempo e a interação entre a realidade histórica e a imaginação ficcional, sem mutilar os fatos históricos conhecidos. O tempo é manipulado de forma que a realidade da esquerda no início do século XXI se apresente como sucessora do seu passado no século XX.

Como diz Ricoeur (2010), a narrativa produz um tempo próprio, que não é o tempo do calendário nem o tempo histórico, mas um tempo mítico. Vejamos:

O tempo do calendário é a primeira ponte lançada pela prática historiadora entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Ele constitui uma criação que não depende exclusivamente de nenhuma das duas perspectivas sobre o tempo: embora participe de uma e de outra, sua instituição constitui a invenção de um terceiro-tempo. Esse terceiro-tempo, é verdade, em muitos aspectos é apenas a sombra projetada sobre o plano da prática historiadora por uma entidade muito mais considerável, à qual já não convém o nome de instituição, e ainda menos o de invenção: essa entidade só pode ser designada de maneira global e grosseira pelo termo tempo mítico (Ricoeur, 2010, p. 177).

Segundo Ricoeur (2010), o tempo do calendário é uma invenção que não depende exclusivamente dessas duas perspectivas sobre o tempo, ou seja, não depende do tempo vivido nem do tempo cósmico, mas constitui um “terceiro-tempo”. No entanto ele também afirma que esse “terceiro-tempo” é apenas a sombra projetada pela entidade do tempo mítico sobre a prática historiadora.

A narrativa de *O homem que amava os cachorros*, ao mesmo tempo que busca retratar e recriar um período histórico específico, também incorpora elementos fictícios, personagens inventados e tramas ficcionais. Ela cria um “terceiro-tempo” que transcende as fronteiras entre o tempo vivido e o tempo cósmico, cria o tempo da esquerda revolucionária do século XX. Isso fica bem evidente quando percebemos o ritmo dos acontecimentos envolvendo as trajetórias dos personagens protagonistas da trama, pois nada sugere que o tempo do calendário seja um fator determinante, mas o tempo da esquerda ou das correntes de esquerda em suas lutas internas e externas é que dita esse ritmo.

A narrativa se desenrola através de três linhas temporais distintas, conectando diferentes momentos históricos e diferentes espaços geográficos, mas sempre mantendo o

tema central das lutas de esquerda como pano de fundo. O autor utiliza habilmente essas diferentes temporalidades para criar um ritmo que acompanha o avanço dessas lutas, suas reviravoltas e seus desdobramentos.

O tempo interno da narrativa é marcado pelas experiências e reflexões dos personagens principais, que são construídos de forma profunda e complexa. Através de suas vozes e memórias, o leitor é transportado para os momentos cruciais das correntes de esquerda, como a Guerra Civil Espanhola, a Revolução Russa e a luta contra o autoritarismo em Cuba. O autor explora as motivações, os conflitos internos e as tensões ideológicas que permearam esses períodos, mergulhando nas lutas individuais e coletivas dos personagens.

Paralelamente, o tempo externo da narrativa é construído através dos eventos históricos que moldaram o cenário político e social da época. A trama acompanha as transformações e os confrontos entre as diferentes correntes de esquerda, desde os ideais utópicos e revolucionários até as divisões e desilusões que surgiram ao longo do século XX. Esses eventos históricos são retratados com detalhes minuciosos, proporcionando ao leitor compreensão mais ampla e contextualizada das lutas ideológicas e dos embates políticos.

É nesse entrelaçamento entre o tempo interno e o tempo externo que o ritmo da narrativa se revela. À medida que os personagens lutam com suas convicções, dilemas morais e traições, o leitor é envolvido por uma tensão constante, que reflete a intensidade e a complexidade dessas lutas. A alternância entre momentos de introspecção e ação, entre diálogos profundos e cenas de confronto, cria um ritmo pulsante que mantém o interesse e a expectativa ao longo da leitura.

A narrativa também coteja a ideia de que o tempo histórico se configura como sucessão de gerações, que, no caso do romance, é a sucessão das gerações da esquerda mundial. Uma leitura possível da obra é a história das relações entre a geração do início do século XX, cuja expressão maior foi aquela que participou da Revolução Russa de 1917, com a geração intermediária pós-Revolução Russa e, finalmente, com a atual geração do final do século XX e início do século XXI. Os conflitos internos da esquerda podem também ser vistos como os conflitos dessas gerações de militantes políticos.

Essa ideia do tempo como sucessão de gerações foi desenvolvida por Ricoeur (2010) e parece bem adequada para analisar o romance de Padura (2015). A sugestão de Ricoeur (2010) de que o tempo pode ser avaliado como sucessão de gerações oferece perspectiva interessante sobre a história e o tempo histórico. Sua noção enfatiza os aspectos biológicos da vida humana, como nascimento, envelhecimento e morte, e como eles contribuem para a

passagem do tempo. Além disso, ele menciona a idade média de procriação, o que garante a substituição dos mortos pelos vivos. Vejamos:

Mas como esse fenômeno afeta a história e o tempo histórico? De um ponto de vista positivo — senão positivista — a ideia de geração exprime alguns fatos brutos da biologia humana: o nascimento, o envelhecimento, a morte; decorre daí o fato, também ele bruto, da idade média de procriação — cerca de 30 anos que, por sua vez, garante a substituição dos mortos pelos vivos (Ricoeur, 2010, p. 187).

No contexto do romance, essa perspectiva pode ser aplicada de várias maneiras. Em primeiro lugar, fornece estrutura para entender a passagem do tempo dentro da narrativa. Ao focalizar as gerações de personagens, o autor consegue retratar as mudanças e evoluções que ocorrem ao longo do tempo. Cada geração representa uma época ou período histórico distinto no que diz respeito às políticas adotadas pelas correntes de esquerda, mas, sobretudo, pelas simpatias e antipatias que adquirem no cenário descrito na obra.

A geração dos revolucionários russos foi derrotada pelo stalinismo, que se adequou ao período pós-revolucionário e preliminar da Segunda Guerra Mundial. Mas o stalinismo perdeu para o tempo e para a história, sendo amplamente rejeitado pela nova geração, que, como repulsa a ele, se afastou de todas as correntes de esquerda. O conceito de gerações foi empregado para destacar a dinâmica intergeracional e os conflitos que moldam a história. Gerações diferentes geralmente possuem valores, crenças e aspirações diferentes, levando a confrontos e transformações sociais. O romance explora essas tensões geracionais, mostrando como elas contribuem para os eventos históricos narrados e a trajetória geral da sociedade.

Em muitas passagens da narrativa, o romance mostra que o tempo das correntes de esquerda e suas lutas internas e externas também precisa ser visto como uma sucessão de gerações. Quando o narrador descreve seu desencanto com os rumos do regime político cubano, faz isso em forma de lamento e diz:

Creio que nesses anos devemos ter sido, em todo o mundo ocidental civilizado e estudantil, os únicos membros de nossa geração que, por exemplo, nunca levaram à boca um cigarro de maconha e aqueles que, apesar do calor que nos corria pelas veias, mais tardiamente nos libertamos de atavismos sexuais, encabeçados pelo batido tabu da virgindade (nada mais próximo da moral comunista que os preceitos católicos). No Caribe hispânico, fomos os únicos a viver sem saber que nascia a música salsa ou que os Beatles (Rollings e Mamas too) eram símbolo da rebeldia e não da cultura imperialista, como tantas vezes nos disseram (Padura, 2015, p. 93).

O narrador sugere que sua geração era diferente das gerações anteriores e posteriores, especificamente em relação a certos comportamentos e influências culturais. Ela se destaca

por não ter participado do uso de maconha, prática comum entre muitos jovens da época, e também por ter levado mais tempo para romper com atavismos sexuais e tabus.

O narrador menciona a moral comunista e os preceitos católicos como influências próximas a eles, sugerindo que essas eram as principais forças que moldavam sua visão de mundo. Além disso, ele menciona a música salsa e os Beatles como símbolos culturais que não estavam presentes em sua vivência imediata.

Essa narrativa ilustra a ideia de que cada geração tem suas próprias experiências e influências culturais distintas. O avanço do tempo traz consigo mudanças nas atitudes, comportamentos e valores, conforme as novas gerações se desenvolvem e se adaptam ao ambiente em que vivem, e isso não é diferente quando se trata das lutas internas e externas das correntes de esquerda. O narrador destaca como sua geração foi singular em relação a certos aspectos, o que sugere consciência das diferenças entre eles e as gerações anteriores e posteriores.

Nesse particular, a obra de Padura (2015) dialoga com a ideia-chave para todas as correntes de esquerda, que é a ideia da possibilidade de um tempo novo, coisa a ser efetivada pelas novas gerações, cabendo à atual geração apenas preparar o terreno para tal desiderato. Essa ideia-chave está no chamado testamento de Trotski, como parte ou posfácio do livro *Diário do exílio*, e assim está escrita:

Natália acaba de chegar à janela e a abriu para que o ar possa entrar livremente no meu quarto. Posso ver a longa fileira de plantas verdes ao longo do muro, e o céu azul claro acima do muro, e a luz do sol iluminando tudo. A vida é bela. Que as gerações futuras a limpem de todo mal, de toda opressão e de toda violência, e que desfrutem dela plenamente (Trotski, 1980b, p. 124).

O trecho do texto mostra uma visão otimista da vida e expressa o desejo de um futuro livre de maldade, opressão e violência. Ele declara que a vida é bela e expressa a esperança de que as gerações futuras possam desfrutá-la plenamente. Isso mostra Trotski admitindo que o tempo pode ser avaliado pela sucessão das gerações, e não apenas pelo calendário. Claro que o pensamento de Trotski abrange ampla gama de questões políticas e sociais, e essa visão específica sobre o tempo e a sucessão das gerações devem ser consideradas dentro desse contexto mais amplo.

Contudo a crença em futuro melhor está bem articulada com a ideia de um tempo novo, ou seja, a ideia de que a humanidade está progredindo e o tempo é uma variável indiscutivelmente impulsionadora dessa evolução. O romance *O homem que amava os cachorros*, de Padura (2015), faz uma crítica implícita a essa noção quando mostra as

decepções da geração representada pelo narrador principal do livro. A obra retrata, de forma contundente, a crítica direta e indireta à ideia de certeza sobre um tempo novo e bom que virá. Ela expõe perversão da utopia e confronta as consequências amargas desse processo. O autor apresenta diferentes personagens que, em momentos distintos, acreditaram fervorosamente nas promessas de futuro melhor, nas transformações sociais e na criação de sociedade justa.

Essas ideias foram alimentadas por gerações passadas da esquerda, que nutriram esperanças e sonhos de mudança radical. Dessa forma, o autor destaca que as utopias pregadas pelas gerações passadas da esquerda não foram capazes de se concretizar. Essas ideias foram desvirtuadas pelo poder, pela corrupção e pela falta de coerência interna dos movimentos revolucionários, especialmente sob a hegemonia stalinista.

O romance evidencia que muitas pessoas se decepcionaram com a promessa de um tempo novo e bom, questionando a eficácia e a validade dessas ideologias. Por outro lado, há aposta em novas gerações e, assim, posto que a sucessão de gerações implica um tempo novo, a obra, ao mesmo tempo que critica os discursos anteriores das correntes de esquerda mundial, também defende que essa ideia de um tempo novo e bom não pode ser desprezada como fonte das motivações e boas perspectivas futuras para a humanidade.

4.7 A verossimilhança da narrativa pelos elementos objetivos e subjetivos descritos

A verossimilhança é uma qualidade fundamental em um romance histórico, pois torna a narrativa crível, plausível ou realista para o leitor. Trata-se da capacidade da obra de arte, seja romance, filme, peça teatral ou outras, de criar ou descrever um mundo que seja verossímil dentro de suas próprias regras e contexto. No caso de *O homem que amava os cachorros*, essa qualidade é rigorosamente observada. Os eventos, os personagens e os ambientes são retratados ou descritos de maneira precisa e autêntica, não violando a integridade dos fatos históricos conhecidos.

É possível perceber que a obra está fundamentada em vasta pesquisa documental de bases científicas, pois detalhes como os períodos climáticos, a cultura e a tecnologia de cada época descrita correspondem aos fatos históricos conhecidos, como nessa passagem sobre os primeiros dias após a deportação de Trotski para o Quirquistão.

A bruma gelada devorou o perfil das últimas choças, e a caravana penetrou novamente na vertigem daquela brancura angustiante, sem sentido nem horizonte. Foi nesse instante que Liev Davidovitch conseguiu compreender por que os habitantes daquele rincão áspero do mundo insistiam, desde a origem dos tempos, em adorar as pedras (Padura, 2015, p. 39).

Sabemos que o Quirquistão é lugar com invernos rigorosos, com formação de neves em determinados período do ano. Também sabemos que Trotski foi expulso do partido e mandado à força para essa república soviética na Ásia Central. Sabemos também que era uma das repúblicas soviéticas com população pobre, que ainda vivia embaixo de choças, moradia de grande parte dos habitantes locais. Assim, é tudo muito verossimilhante nessa narrativa.

Essa descrição da deportação é plenamente confirmada no livro *Minha vida* (Trotski, 1969), no qual está registrado como carta de Natália Sedova, esposa de Trotski, o seguinte texto:

A Frunze (Pischpek) chegamos de manhã cedo. É a última estação ferroviária. Fazia muito frio. A neve, iluminada pelo sol, era deslumbrante. Entregaram-nos pelicas de camponeses e sapatos de feltro. Sentia-me sufocada ao peso das roupas e, contudo, ainda sentia frio. O auto-ônibus avançava lentamente no caminho gelado, o vento gelado mordia-nos o rosto (Trotski, 1969, p. 448).

Podemos perceber facilmente que as duas descrições compartilham a presença de ambiente frio e gelado. Ambas mencionam neve ou bruma gelada, transmitindo uma sensação de baixas temperaturas. Além disso, as duas descrições evocam uma atmosfera de isolamento e desolação. Na primeira descrição, há referência a choças e um rincão áspero, enquanto, na segunda descrição, menciona-se a última estação ferroviária e o caminho gelado. Ambas as passagens criam sensação de solidão e amplidão, sem um horizonte claro ou sentido definido. Não há dúvida sobre a verossimilhança do texto narrado no romance.

Também quando descreve a chegada de Trotski em seu último exílio, no México, o romance é plenamente verossímil. Vejamos:

Enquanto o barco se aproximava do porto de Tampico, tornou-se visível a multidão agitada que se congregava nos arredores, salpicada pelos uniformes azuis da polícia mexicana. Embora Liev Davidovitch tivesse superado havia muito tempo o medo da morte, a turba exaltada fazia com que se lembrasse daquela que rodeara Lenin em setembro de 1918 e da qual saíra a mão armada de Fanny Kaplan. Mas um manto de alívio caiu sobre as suas apreensões quando descobriu, numa extremidade do cais, as feições de Max Shachtman, a figura maciça de George Novack e a leveza irradiante de uma mulher que não podia ser outra senão a pintora Frida Kahlo, companheira sentimental de Diego Rivera. Assim que atracaram, os Trotski foram envolvidos por um turbilhão de alegria. Vários amigos de Frida e de Rivera, juntamente com os correligionários norte-americanos vindos com Shachtman e Novack, envolveram-nos numa onda de abraços e felicitações que operaram o milagre de fazer Natália Sedova chorar (Padura, 2015, p. 270).

Essa descrição corresponde perfeitamente àquela feita na biografia de Trotski escrita por Service (2017), na qual se registra o seguinte:

O navio ancorou em 9 de janeiro de 1937 em Tampico, a grande cidade petroleira no litoral do golfo do México, 256 quilômetros a noroeste da Cidade do México. Os Trotski temeram que pudesse haver um assassino à sua espreita no cais. O comandante do navio, seguindo ordens do governo norueguês, tinha lhes negado o contato por rádio com seus amigos mexicanos. O casal não pudera nem ao menos descobrir os termos do visto que lhes estava sendo concedido pelo governo Cárdenas. Trotski falou rispidamente com o comandante e o induziu a enviar um telegrama ao cônsul norueguês em terra. Tomaram-se providências para que uma autoridade mexicana pegasse um barco para ir ao petroleiro buscar os dois refugiados. A bordo encontravam-se vários amigos e jornalistas. Diego Rivera estava ausente, por motivos de saúde, mas sua mulher, a também pintora Frida Kahlo, compareceu. Com ela havia dois trotskistas norte-americanos, Max Shachtman e George Novack (Service, 2017, p. 248-249).

As duas descrições mencionam o porto de Tampico, localizado no litoral do golfo do México e fazem referência à presença de multidões ou aglomerações nos arredores do porto. Mencionam ainda a presença de figuras históricas e conhecidas, como Frida Kahlo e Diego Rivera. Em ambas as descrições, há tensão ou apreensão em relação à segurança dos protagonistas, pois eles temem possíveis ameaças ou a presença de assassinos, e existe um momento de alívio quando os protagonistas encontram seus amigos e correligionários, envolvendo-os em abraços e felicitações.

Essas semelhanças não são meras coincidências, mas simplesmente a clareza com que o romance trata os referenciais históricos do seu enredo. A riqueza de detalhes nessa descrição romanesca, confirmada por uma narrativa da historiografia comum, atesta que a obra literária em estudo está bem enraizada em pesquisa histórica e que sua narrativa não é apenas ficção, mas conta história real, mesmo usando dos métodos próprios das narrativas literárias. A percepção da verossimilhança do romance em relação aos fatos históricos descritos na trama pode ser feita pela pesquisa histórica, pela comparação com as fontes confiáveis, o que, nesse caso específico, temos muitas dificuldades diante da ação de apagamento feita pelo stalinismo, como, aliás, é denunciado na própria obra, mas, sobretudo, pela análise crítica relacionando os contextos, os personagens e os ambientes descritos.

O romance usa da liberdade criativa para interpretar os fatos históricos e criar personagens e situações fictícias dentro desse contexto, ou seja, não deixa de ser uma obra literária de ficção baseada em fatos reais. Mas seu realismo e a verossimilhança da sua narrativa são os elementos mais impactantes na sua leitura para aqueles que conhecem a história das assim chamadas esquerdas comunistas ou marxistas.

A verossimilhança entre a narrativa literária do romance *O homem que amava os cachorros* e as narrativas históricas presentes em obras da historiografia mais conhecida e

aceita sobre os mesmos fatos tem sido motivo tanto de aceitação quanto de críticas contundentes. Essa dualidade de percepções é especialmente evidente entre pensadores de esquerda defensores ou próximos ao stalinismo.

A verossimilhança dessa abordagem literária é inegável, uma vez que o autor conduz pesquisa minuciosa e oferece visão vívida dos personagens e dos cenários envolvidos. No entanto é exatamente essa fidelidade à verossimilhança histórica que desperta críticas daqueles que defendem o stalinismo ou têm visão mais positiva do legado de Stalin. Para muitos militantes da esquerda, a sua memória e a sua influência na história são altamente controversas. Alguns o veem como líder revolucionário que desempenhou papel importante na derrota do nazismo e na construção de URSS industrializada. Portanto qualquer retrato que mostre os aspectos negativos de Stalin ou de seu regime é recebido com desconfiança e hostilidade.

Esses defensores ou simpatizantes do stalinismo muitas vezes recorrem a métodos de negação da história real para preservar uma imagem idealizada de Stalin. Eles argumentam que qualquer crítica à sua figura ou ao seu legado é tentativa de enfraquecer a luta revolucionária e de difamar o socialismo. Ao negar ou minimizar as violações dos direitos humanos e os crimes cometidos sob o regime stalinista, esses pensadores de esquerda acreditam estar defendendo a causa revolucionária e impedindo a propagação de uma visão distorcida da história.

Assim, quando o romance é publicado e ganha reconhecimento, trazendo à tona eventos e personagens históricos controversos, ele se torna alvo desses críticos. Eles veem a obra literária como tentativa de reescrever a história, destacando os aspectos mais sombrios do stalinismo e manchando a imagem de um líder que, para eles, ainda é figura importante e inspiradora.

No entanto é importante lembrar que a literatura tem o poder de explorar e questionar a história, revelando perspectivas alternativas e desconstruindo narrativas hegemônicas. O romance pode ser considerado uma contribuição valiosa para a compreensão dos eventos históricos e para a reflexão sobre as complexidades do stalinismo. Embora suscite críticas, ele também proporciona oportunidade de debater e revisitar a história, enriquecendo, assim, o nosso conhecimento coletivo sobre o passado.

O assassinato de Leon Trotski, ocorrido em 1940, quando ele estava exilado no México, não pode ser considerado mero acidente da história ou atribuído exclusivamente a um indivíduo fanático. Foi, na verdade, uma das mais graves violações dos direitos fundamentais do ser humano. Quando alguém tenta justificar esse assassinato sob o pretexto

de uma disputa ideológica, na verdade, está abrindo caminho para a aceitação de métodos fascistas ou nazistas, e não de uma ideologia libertária ou revolucionária. O assassinato de Trotski foi perpetrado por um agente da NKVD (Narodniy Komissariat Vnutrennikh Del; em português, Comissariado do Povo de Assuntos Internos), a polícia política soviética, agindo sob as ordens do regime stalinista.

O romance analisa e condena os abusos cometidos por qualquer regime autoritário, independentemente de sua suposta filiação ideológica, adotando um exemplo como enredo de sua narrativa. O assassinato de Trotski é exemplo claro de violação dos direitos fundamentais e não pode ser relativizado ou justificado em nome de uma suposta causa revolucionária. A defesa dos direitos humanos e da liberdade deve sempre estar acima de qualquer disputa política ou ideológica, e é fundamental se manter vigilante contra qualquer tentativa de justificar atos tão atroz quanto esse. Nisso, também reside a beleza de *O homem que amava os cachorros*.

O romance também narra as violações dos direitos humanos dentro de Cuba e, de forma inteligente, mostra que isso não está relacionado com a defesa da soberania cubana diante do imperialismo estadunidense. A repressão contra os homossexuais não encontra qualquer explicação na filosofia marxista na qual o regime cubano se diz inspirado. A narrativa desmascara essa pretensão do regime de justificar as violações aos direitos humanos como sendo parte da luta contra o imperialismo estadunidense, quando expõe essas violações por outro ângulo, como no caso da repressão aos homossexuais. Diz o narrador sobre a repressão sofrida por seu irmão William:

William era um tipo brilhante. Naquele verão terminara o primeiro ano da Escola de Medicina com notas tão altas como incomuns para o período, o mais árduo da licenciatura. Mas no início do segundo ano, em setembro, meu irmão e seu professor de Anatomia, com quem mantinha relações íntimas desde o ano anterior, foram acusados por outro professor de serem homossexuais, numa reunião do núcleo do Partido em que militavam ambos os professores. Como de hábito, criou-se uma comissão disciplinar composta por “todos os representantes”: Partido, Juventude Comunista, Sindicato, Federação de Estudantes e, apesar da falta de provas ou mesmo de suspeita de terem praticado na Escola as suas “aberrações”, como foram qualificadas, os dois foram submetidos a entrevistas em que o professor negou enfaticamente qualquer deslize homossexual. Mas William, depois de rejeitar durante semanas e com enorme veemência aquela acusação, lançou mão de uma coragem que eu desconhecia, revoltou-se contra uma clandestinidade desgastante e repressiva e disse que sim, que era homossexual, que desde os treze anos agia como tal, ativa e passivamente, embora tenha se recusado a confessar com quem tinha realizado semelhante atividade porque esse era um assunto privado que só interessava a ele e a mais ninguém. Ainda que não tenha sido possível relacionar as inclinações sexuais dos processados com suas atitudes como professor e estudante, apesar de os resultados laborais e docentes de cada um serem notáveis, a sentença estava decidida de antemão, e a comissão de representantes aplicou suas medidas: o professor seria expulso indefinidamente do Partido e do sistema nacional de ensino,

e William seria afastado por dois anos da universidade, mas definitivamente dos estudos de Medicina (Padura, 2015, p. 147-148).

Que o regime político cubano tenha política de repressão aos homossexuais ninguém duvida, mas o que há de especial nessa narrativa é que ela faz sutilmente, no contexto do romance, uma relação entre o assassinato de Trotski e esse tipo de comportamento dos regimes de orientação stalinista.

A verossimilhança não está neste ou naquele fato isolado ou mesmo numa coleção de fatos, mas na lógica da ideologia stalinista, que despreza os direitos fundamentais do ser humano e adota uma espécie de fundamentalismo ideológico. Quem despreza os direitos fundamentais do ser humano pode matar sem qualquer outra motivação além da motivação política e ideológica e, assim, também pode punir, excluir ou, de algum modo, reduzir os direitos de alguém pelo simples fato de ser um tipo diferente da suposta normalidade das pessoas definida como tal pelo regime político de plantão.

Nesse aspecto da narrativa, o romance conta a história não contada nos manuais oficiais, pois os métodos da narrativa literária estão livres para contar essas verdades da maneira que o autor entender mais conveniente ou mais adequado a sua própria proposta estética. A ficção substitui a história quando essa última não pode desempenhar livremente o seu papel.

Aqui a narrativa romanesca enfrenta a ausência da história e propõe uma outra forma de ler a realidade. Certeau (2015) destaca a relação intrínseca entre a pesquisa historiográfica e o contexto socioeconômico, político e cultural em que é produzida. Afirma que qualquer pesquisa histórica está enraizada em lugar específico de produção, que pode ser ambiente acadêmico, profissão liberal, cargo de observação ou ensino, ou até mesmo uma categoria de intelectuais. A narrativa histórica não é neutra, seja pelo que diz, seja pelo que não diz. Nas palavras desse autor,

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (Certeau, 2015, p. 47).

O historiador está inevitavelmente limitado pela sua posição e pelos interesses que a cercam, o que pode levar a lacunas e omissões na história contada. É nesse ponto que Certeau (2015) sugere que outros tipos de narrativas podem suprir essa omissão.

Essas outras formas de narrativas podem incluir narrativas individuais, memórias pessoais, tradições orais ou até mesmo narrativas ficcionais. Elas podem fornecer diferentes perspectivas e experiências que podem complementar e enriquecer a narrativa histórica oficial e também podem contraditá-la. Ao considerar essas múltiplas formas de narrativa, é possível obter uma compreensão mais abrangente e diversificada do passado, abrindo espaço para vozes marginalizadas e histórias alternativas.

Em sistemas políticos autoritários, as fontes para pesquisas históricas são, na maioria das vezes, inconfiáveis por serem limitadas quanto a certos temas. Nesses casos, caberá à literatura encontrar formas alternativas de contar a história verdadeira ou, pelo menos, minimizar os efeitos da censura e da supressão das fontes proscritas. Nesses contextos, é comum que a história oficial seja distorcida ou suprimida, a fim de justificar a dominação autoritária e a perpetuação no poder.

A primeira razão pela qual as fontes históricas em sistemas políticos autoritários são inconfiáveis é a limitação de certos temas. Regimes autoritários costumam criar narrativa oficial que exalta as realizações do líder ou do partido dominante, enquanto minimiza ou oculta atrocidades, violações dos direitos humanos e outros eventos que possam manchar a imagem do regime. A história é moldada de acordo com a visão política que o regime deseja impor, resultando em relato distorcido e parcial dos fatos.

Em tais sistemas, a censura e a supressão das fontes proscritas desempenham papel fundamental na limitação do acesso a informações históricas verdadeiras. Documentos, registros, testemunhos e outras fontes que contradizem a narrativa oficial são deliberadamente ocultados, destruídos ou proibidos. Isso cria uma lacuna no conhecimento histórico e impede que os pesquisadores tenham acesso a evidências confiáveis.

No entanto, apesar dos desafios impostos pela censura e pela manipulação das fontes históricas, a literatura pode desempenhar um papel crucial em encontrar formas alternativas de contar a história verdadeira ou, pelo menos, minimizar os efeitos da censura. Através da ficção, dos relatos pessoais e de outras formas literárias, é possível transmitir mensagens subversivas e contar histórias que revelem a realidade por trás da fachada autoritária.

A literatura tem a capacidade de explorar os espaços vazios deixados pela censura e de preencher as lacunas históricas. O livro de Padura (2015) recorre aos personagens fictícios, à

metáfora e a outros recursos literários para transmitir mensagens críticas de forma indireta, rompendo com a visão unidimensional imposta pelo regime político.

5 O EQUILÍBRIO ENTRE HISTÓRIA, FICÇÃO E BIOGRAFIA

5.1 O que une a história, a ficção e as biografias no romance

Uma narrativa romanesca pode ser composta por diversos elementos que se entrelaçam e se complementam para construir uma história rica e envolvente. No romance *O homem que amava os cachorros*, a presença de elementos da história real traz autenticidade à narrativa, ancorando-a em eventos e contextos históricos verídicos. Ao mesmo tempo, a ficção desempenha papel importante na narrativa, permitindo ao autor explorar a imaginação, criar personagens fictícios e desenvolver tramas que se entrelaçam com os elementos históricos. Além disso, a presença de elementos de biografia confere aspecto mais pessoal à narrativa romanesca. Por meio da incorporação de detalhes da vida de personagens reais ou fictícios, o autor pode explorar suas motivações, suas emoções e seu desenvolvimento ao longo do tempo. Essa abordagem biográfica acrescenta profundidade e complexidade aos personagens, aproximando o leitor de suas experiências individuais. Por fim, a introdução de elementos de política permite que a narrativa explore questões sociais, ideológicas e históricas relacionadas ao poder, às disputas e às dinâmicas sociais. A política serve como pano de fundo para a história.

Mas a história não é apenas fatos documentalmente comprovados, até porque os próprios documentos são construções humanas e, portanto, nem sempre verdadeiros. Essa relação entre história e verdade já foi, e ainda é, motivo de muitas discussões entre os diversos ramos das ciências sociais. Não há consenso sobre isso e, dependendo da corrente filosófica a que se filia cada escritor, a relação entre história e verdade tem conotação específica.

Como diz Schaff (1978), as narrativas podem partir dos mesmos materiais históricos e chegar a conclusões ou representações diferentes. Isso não significa dizer que uma narrativa é falsa e a outra é verdadeira, mas que são interpretações diferentes de uma mesma realidade ou de um mesmo passado. Nas palavras de Schaff,

No seu trabalho, o historiador não parte dos fatos, mas dos materiais históricos, das fontes, no sentido mais extenso deste termo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos de fatos históricos. Constrói-os na medida em que seleciona os materiais disponíveis em função de um certo critério de valor, como na medida em que os articula, conferindo-lhes a forma de acontecimentos históricos. Assim, a despeito das aparências e das convicções correntes, os fatos históricos não são, mas um fim, um resultado. Por conseguinte, não há nada de espantoso em que os mesmos materiais, semelhantes nisto a uma matéria prima, a uma substância bruta, sirvam para construções diferentes (Schaff, 1978, p. 307).

Segundo Schaff (1978), o historiador não parte diretamente dos fatos, mas sim dos materiais históricos disponíveis, ou seja, das fontes. Essas fontes podem assumir diversas formas, desde documentos escritos até artefatos e testemunhos orais. Portanto os fatos históricos não são simplesmente uma realidade pré-existente que o historiador descobre, mas sim um resultado do trabalho de seleção, interpretação e organização dos materiais históricos.

Uma das principais conclusões de Schaff (1978) é que os mesmos materiais históricos podem ser utilizados para construir narrativas históricas diferentes. Assim como uma matéria-prima bruta pode ser transformada em produtos finais distintos, os materiais históricos podem ser interpretados e organizados de maneiras diversas, resultando em diferentes construções dos fatos históricos. Essa perspectiva destaca a importância da subjetividade e da interpretação na prática histórica. Ela nos lembra que a história não é uma ciência exata e objetiva, mas sim uma disciplina que envolve escolhas, interpretações e construções.

A narrativa dos grandes acontecimentos políticos, especialmente aqueles de natureza revolucionária, é permeada tanto pela história quanto pela ficção independentemente da obra se declarar de uma ou de outra filiação literária. A história tradicionalmente tem sido escrita pelos vencedores, pelos que detêm o poder e os recursos para documentar e transmitir suas versões dos eventos. Essas narrativas oficiais frequentemente apresentam uma perspectiva unilateral, destacando os aspectos que reforçam a legitimidade e os méritos dos vencedores. Não há a história universal verdadeira e absoluta. É importante reconhecer que a história também é permeada por conflitos de interesse e subjetividades.

Uma revolução política e social implica a ruptura radical com o *status quo*, desafiando as estruturas de poder existentes. Nesse contexto, diferentes atores políticos e sociais têm motivações e objetivos divergentes, o que influencia suas interpretações dos eventos e molda as narrativas que produzem, tanto as ditas históricas quanto as ditas literárias. Os revolucionários, por exemplo, podem pintar imagem gloriosa de suas lutas, destacando sua resistência heroica e a busca por justiça social. Por outro lado, os que se opõem à revolução podem retratá-la como ameaça aos direitos históricos conquistados por um povo ou como a degeneração dos costumes sociais.

Os escritores, os artistas e os cineastas têm a liberdade de explorar diferentes perspectivas, dar voz aos marginalizados, contar histórias não documentadas e oferecer visões alternativas dos eventos revolucionários. A ficção permite que as *nuances* e complexidades da realidade sejam exploradas de maneiras que a história tradicional pode não capturar totalmente. Ela pode revelar os dilemas éticos, os sofrimentos individuais, as contradições e as consequências humanas dos acontecimentos políticos, oferecendo uma compreensão mais

profunda das experiências vividas por diferentes grupos e indivíduos envolvidos. A ficção também pode funcionar como uma crítica às narrativas históricas estabelecidas.

Enquanto a história busca documentar e analisar os fatos com base em evidências, a ficção oferece interpretações alternativas, explorando as subjetividades, os conflitos de interesse e as vozes silenciadas. Ambas desempenham papel essencial na construção de uma compreensão mais abrangente e contextualizada do passado, ajudando-nos a refletir sobre o presente e a moldar o futuro.

Ricoeur (2010) mostra com muita clareza que a relação entre história e ficção é complexa e profunda, e uma necessita da outra em qualquer narrativa sobre o passado. Os elementos históricos se entrecruzam com os elementos da ficção formando um todo narrado.

A interpretação que proponho aqui do caráter “quase histórico” da ficção evidentemente coincide com aquela que proponho do caráter “quase fictício” do passado histórico. Embora seja verdade que uma das funções da ficção, misturada com a história, é liberar retrospectivamente certas possibilidades não efetuadas do passado histórico, é por meio do seu caráter quase histórico que a própria ficção pode exercer a posteriori a sua função libertadora. O quase-passado da ficção torna-se assim o detector dos possíveis escondidos no passado efetivo. O que “poderia ter acontecido” — o verossímil segundo Aristóteles — abarca tanto as potencialidades do passado “real” como os possíveis “irreais” da pura ficção (Ricoeur, 2010, p. 327).

Ricoeur (2010) argumenta que uma das funções da ficção, quando misturada com a história, é liberar retrospectivamente possibilidades não efetuadas do passado histórico. Em outras palavras, a ficção pode explorar o que poderia ter acontecido, utilizando caminhos alternativos e potenciais que não se concretizaram no curso real da história. Ao fazer isso, a ficção desempenha um papel libertador, permitindo que essas possibilidades sejam consideradas e imaginadas retroativamente.

Porém, Ricoeur (2010) destaca que é por meio do seu caráter “quase histórico” que a própria ficção pode exercer essa função libertadora. O termo “quase histórico” implica que a ficção se aproxima da história, mas não é idêntica a ela. A ficção incorpora elementos da história, mas também inclui elementos que são puramente produto da imaginação. Essa mistura de elementos reais e fictícios na ficção possibilita que ela desempenhe sua função de explorar retrospectivamente possibilidades não efetuadas.

Ricoeur (2010) argumenta ainda que o caráter “quase fictício” do passado histórico está relacionado a essa ideia. Isso significa que o passado histórico também possui elementos de construção narrativa, interpretação e até mesmo de imaginação. O passado histórico é moldado pela forma como é interpretado e narrado pelos historiadores, e nem sempre pode ser totalmente reconstruído de maneira objetiva e factual. Assim como a ficção, o passado

histórico é permeado por elementos que não são puramente “reais”, mas envolvem interpretação e construção narrativa.

O romance *O homem que amava os cachorros* apresenta uma visão crítica e desconfiada da história oficial sobre eventos como a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, o assassinato de Trotski e a Revolução Cubana, oferecendo nova versão dos acontecimentos por meio do desenvolvimento da trama e da construção dos personagens. Ao longo da narrativa, Padura (2015) questiona a versão oficial dos fatos históricos, levantando dúvidas e destacando as contradições presentes nas narrativas oficiais. O autor explora os conflitos de interesse, as motivações ocultas e os jogos de poder que permeiam as narrativas sobre alguns eventos históricos e reconstrói os bastidores das lutas internas na esquerda, revelando *nuances* e perspectivas negligenciadas pela história oficial.

Através da construção dos personagens, o autor cria uma nova versão dos acontecimentos históricos. Os heróis e vilões são apresentados de forma muito humana, numa postura de colocar a bondade e a maldade como produção social humana, e não como simples perversão de mentes diabólicas. Ao fazer isso, ele desafia a visão simplista da história oficial.

Através do narrador principal, o personagem Iván Cárdenas, Padura (2015) dá voz aos excluídos e marginalizados pela história oficial, permitindo que suas histórias sejam ouvidas e suas perspectivas sejam consideradas. Ele enfatiza a importância de questionar as narrativas históricas estabelecidas e examinar as motivações por trás delas. E isso deve ser feito não só observando os dramas políticos próprios dos eventos revolucionários, mas suas consequências e seus resultados para quem deles participou ou por eles foi incorporado independentemente das vontades pessoais.

O romance escrito por Padura (2015) pode ser considerado uma composição de duas biografias, a de Leon Trotski e a de Ramón Mercader, entrelaçada com uma narrativa fictícia centrada em Iván Cárdenas, o narrador da história.

A primeira parte do livro se concentra na vida de Trotski, um importante líder revolucionário russo e fundador do Exército Vermelho. Padura apresenta uma biografia detalhada desse personagem, desde sua participação na Revolução Russa até seu exílio e posterior assassinato. Essa parte do livro é baseada em fatos históricos reais e em extensa pesquisa biográfica sobre a vida dele. É uma biografia de um líder político com características de intelectual.

A segunda parte do romance é dedicada a Ramón Mercader, o assassino de Trotski. Padura explora a vida de Mercader, desde sua infância até sua participação na organização responsável pelo assassinato do revolucionário. Novamente, essa parte é baseada em fatos

reais e em informações disponíveis sobre a vida dele. É uma biografia existencialista de um assassino.

Entrelaçada com essas duas biografias está a história fictícia de Iván Cárdenas, o narrador do livro. Cárdenas é personagem fictício criado por Padura para conectar as narrativas de Leon Trotski e Ramón Mercader. Ele é um homem comum que se encontra com Mercader em Havana, décadas após o assassinato. Através de suas interações com ele, Iván começa a investigar e descobrir a verdade por trás do assassinato. A história de Cárdenas, embora seja ficcional, serve como um fio condutor para unir as duas biografias principais e oferecer uma perspectiva pessoal e reflexiva sobre os eventos históricos retratados no livro.

Portanto podemos afirmar que *O homem que amava os cachorros* é uma composição de duas biografias reais, a de Trotski e a de Mercader, enriquecida com uma história fictícia que envolve o narrador Iván Cárdenas. Essa estrutura narrativa complexa permite a Padura explorar não apenas os eventos históricos, mas também os aspectos psicológicos e humanos dos personagens, proporcionando uma leitura envolvente e profunda. A singularidade de *O homem que amava os cachorros* está em narrar biografias sem ser apenas romance biográfico, descrever fatos e personagens históricos sem ser apenas romance histórico e apresentar discurso político e ideológico sem ser apenas romance político, conseguindo ser tudo isso ao mesmo tempo.

Sobre biografias, François Dosse (2015) mostra que é um gênero híbrido, com regras próprias, e que envolve tanto a história quanto a ficção, como é a narrativa do romance de Leonardo Padura (2015). Diz Dosse:

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional (Dosse, 2015, p. 55).

A afirmação de Dosse (2015) destaca a natureza híbrida do gênero biográfico, situando-o em uma tensão constante entre a vontade de reproduzir um passado real e a liberdade imaginativa do biógrafo. Segundo Dosse (2015), a biografia busca retratar um vivido real passado, seguindo as regras da mimésis, que se referem à imitação da realidade. No entanto o biógrafo também tem a tarefa de recriar um universo perdido, baseando-se em sua intuição e talento criativo.

Essa tensão não é exclusiva da biografia, mas também é encontrada no trabalho do historiador em geral, que se esforça para fazer história de forma precisa e fiel aos eventos passados. No entanto, no gênero biográfico, essa tensão é elevada ao máximo. Isso ocorre porque a biografia depende tanto da dimensão histórica, ou seja, dos fatos e eventos reais que ocorreram, quanto da dimensão ficcional, que envolve a interpretação e a criação artística do biógrafo.

A dimensão histórica da biografia requer pesquisa minuciosa, análise de documentos, entrevistas e outras fontes para reconstruir a vida e as experiências do indivíduo em questão. A precisão dos fatos é fundamental, pois os biógrafos são responsáveis por apresentar uma narrativa que seja fundamentada, e fundamentada nos eventos reais.

No entanto a dimensão ficcional da biografia entra em jogo quando o biógrafo precisa preencher as lacunas deixadas pela falta de informações precisas ou pela impossibilidade de acessar certos aspectos da vida do biografado. Aqui, o biógrafo precisa usar sua intuição, criatividade e habilidades literárias para imaginar e dar vida a esses momentos desconhecidos ou ausentes da história.

Essa tensão entre a dimensão histórica e a dimensão ficcional torna a biografia um gênero complexo e desafiador. O biógrafo deve equilibrar a fidelidade aos fatos com a necessidade de preencher as lacunas de forma plausível e convincente. É essa interseção entre história e imaginação que torna a biografia uma forma de arte e uma oportunidade para o biógrafo exercer sua criatividade na recriação de um passado perdido.

A chave encontrada por Padura (2015) para recriação do passado e, ao mesmo tempo conectá-lo ao presente, foi a criação do personagem Iván Cárdenas. Um homem comum e aspirante a escritor, vivendo em Cuba em condições de grandes necessidades, decepcionado com os rumos da política em seu país, mas, ao mesmo tempo, determinado a contar a história das lutas revolucionárias e das lutas internas na esquerda, na tentativa de recriar o passado para entender o presente e projetar o futuro.

5.2 A história e a ficção presentes nos processos revolucionários e nas lutas internas na esquerda

A história da Revolução Russa e sua subsequente transformação no regime stalinista foi processo complexo, que não pode ser interpretado como uma obra planejada pelos revolucionários. É errado considerar que o stalinismo era o único desdobramento possível da revolução, pois outros caminhos também poderiam ter sido desenvolvidos, como apontado

por alguns historiadores e romancistas que exploraram esse tema. O romance *O homem que amava os cachorros* permite uma interpretação de forma mais favorável aos ideais revolucionários.

Os revolucionários, liderados principalmente pelos bolcheviques, tinham como objetivo estabelecer uma sociedade socialista e igualitária na Rússia. No entanto, uma vez que assumiram o poder, o país enfrentou desafios enormes. A guerra civil, a intervenção estrangeira, a devastação econômica e a instabilidade política criaram um contexto extremamente difícil para a consolidação do poder revolucionário.

Foi nesse cenário conturbado que Lenin e Trotski conseguiram manter a conquista revolucionária, mas não conseguiram evitar a sua degeneração posterior. Joseph Stalin emergiu como líder. Ele se aproveitou das lutas internas dentro do Partido Comunista e, gradualmente, concentrou cada vez mais poder em suas mãos. O stalinismo, caracterizado por um regime autoritário, repressivo e centralizado, acabou por se impor na URSS, exercendo um impacto significativo na história do país e do mundo.

No entanto é importante ressaltar que o stalinismo não foi a única possibilidade de desenvolvimento após a Revolução Russa. Outros grupos e líderes políticos poderiam ter assumido o controle e adotado diferentes abordagens para a construção de uma nova sociedade. Alguns historiadores e romancistas têm explorado essas alternativas em suas obras, imaginando cenários em que outros caminhos foram seguidos.

A Revolução Russa influenciou toda uma geração. Consequentemente, todos os processos revolucionários, tentados ou realizados, tiveram, na Revolução Russa ou no seu regime político, uma referência, e assim não foi diferente com a Revolução Cubana. Essa teve um impacto profundo e duradouro em todo o movimento de esquerda mundial, especialmente na América Latina. Sua vitória contra a ditadura de Fulgencio Batista, em 1959, inspirou milhares de pessoas ao redor do mundo e despertou um fervor revolucionário sem precedentes. No entanto a forma como o regime cubano evoluiu e se alinhou com o stalinismo criou um dilema para a esquerda, dividindo as percepções e desafiando sua postura crítica.

A Revolução Cubana foi um exemplo inspirador de uma luta popular bem-sucedida contra um regime autoritário apoiado pelos EUA. Seus líderes, como Fidel Castro e Che Guevara, se tornaram símbolos de resistência e esperança para aqueles que buscavam uma transformação social e política. A revolução demonstrou que era possível desafiar o domínio imperialista e estabelecer um sistema político e econômico alternativo.

No entanto, à medida que o regime cubano se consolidava, começaram a surgir preocupações em relação ao seu caráter autoritário e à restrição das liberdades individuais. O

alinhamento com o stalinismo trouxe consigo um sistema político centralizado e uma economia cem por cento estatizada, características que levaram a um controle estatal rígido e à supressão da dissidência. Essas ações levantaram questionamentos sobre a compatibilidade entre os ideais revolucionários e a realidade do regime cubano.

A esquerda mundial enfrentou então o dilema de como apoiar a Revolução Cubana sem deixar de fazer críticas ao autoritarismo do regime. Muitos viam a conquista revolucionária como um triunfo do socialismo e uma inspiração para suas próprias lutas. Ao mesmo tempo, reconheciam a importância de defender os direitos humanos e a democracia, mesmo em espaços sob governos progressistas.

Essa divisão de percepções gerou debates intensos dentro da esquerda. Alguns argumentavam que era necessário oferecer solidariedade e apoio incondicional a Cuba, enfatizando a resistência contra a agressão imperialista e a promoção de justiça social. Outros, porém, consideravam crucial manter uma postura crítica e exigir o respeito aos direitos civis e políticos, a fim de fortalecer as lutas revolucionárias em todo o mundo.

Essa tensão persiste até os dias de hoje, e a história da Revolução Cubana continua a ser debatida e interpretada de diferentes maneiras. É importante reconhecer que a esquerda não é homogênea e que existem diversas correntes e abordagens dentro do movimento. O desafio consiste em encontrar um equilíbrio entre o apoio à transformação social e a defesa dos valores democráticos, evitando a polarização que possa enfraquecer as lutas revolucionárias em todo o mundo.

Temos assim um dos elementos mais importantes para a leitura do romance *O homem que amava os cachorros* como um manifesto político, defendendo a causa da democracia e dos direitos humanos sem colocar a abertura para o mercado capitalista como uma condição necessária e suficiente para tanto. O manifesto é sobre as formas políticas de controle do poder e a necessidade de não esquecermos que não foi apenas uma questão econômica que fez o sonho socialista sofrer sua grande derrota, mas foi a forma política que adotou a causa maior desse fracasso.

Fazendo uma avaliação da carta que recebera de Ramón Mercader sobre sua vida, o narrador tece os seguintes comentários:

Enquanto lia, senti que o horror me inundava. Segundo o homem que amava os cachorros, depois daquele encontro casual, Ramón fora lhe contando os pormenores que eu já conhecia acerca da sua entrada no mundo das trevas, sua transformação espiritual e mesmo física e suas ações sob a pele de Jacques Mornard e Frank Jacson. Mas também lhe confiara tudo o que, com os anos, tinha conseguido saber sobre si próprio e sobre as maquinações e os objetivos mais sinistros dos homens

que o levaram até Coyoacán e lhe colocaram uma picareta nas mãos. Se antes eu tinha pensado que López excedia com frequência os limites da credibilidade, o que contava naquela longa missiva superava o concebível, apesar de tudo o que, desde o nosso último encontro, eu pudera ler acerca do mundo obscuro, mas tão bem encoberto do stalinismo (Padura, 2015, p. 336).

Essa passagem do romance, e muitas outras, se parece com manifesto político contra o stalinismo e seus resquícios dentro da esquerda mundial. O autor expressa sensação de horror ao ler o relato do personagem Ramón Mercader sobre sua entrada no “mundo das trevas” e sua transformação espiritual e física. Esse personagem não é apenas o personagem histórico, mas a representação de muitos militantes de esquerda stalinista que, como ele, estiveram, e alguns ainda estão dispostos a entregar sua vida para cometer crimes, até mesmo contra outros membros da esquerda não stalinista, em nome de uma suposta libertação da humanidade do chamado jugo capitalista. Mas o romance não é apenas manifesto político, embora também o seja, é narrativa sobre os riscos do fundamentalismo ideológico, venha de onde vier, ou seja, alerta sobre os riscos que ainda corremos no início do século XXI.

O stalinismo criou uma ficção sobre si mesmo e, como todo fundamentalismo, construiu narrativa fundamentada na existência de inimigo maior presente e ameaçador, a quem o grande líder combate. Em função desse combate travado, com seus símbolos e narrativas preparados, o líder não pode ser contestado e as divergências políticas devem ser suprimidas. Isso é coisa comum em todos os regimes em tempos de guerra ou de graves crises, especialmente nos regimes autoritários e com concentração de poder, mas o stalinismo teve a capacidade de ir além e de transformar isto numa banalidade e numa prática do cotidiano para os militantes da esquerda.

Padura (2015) mostra como a manipulação da história, a criação de verdades oficiais, a criação de inimigos internos e externos e outras narrativas do gênero não são coisas que se iniciaram com as novas tecnologias de comunicação no século XXI, nem tampouco são coisas exclusivas da direita reacionária, mas tão somente coisas da política quando se afasta de qualquer controle ético ou legal e acaba por atingir as liberdades coletivas e individuais.

Nas lutas internas dentro da esquerda mundial, há indiscutível disputa de narrativas sobre a própria história da esquerda, e é disso que também trata o livro de Padura (2015). Não para defender ou condenar esta ou aquela corrente, mas simplesmente para expor essa forma de luta intelectual sob a bandeira da verdade histórica. Claro que as correntes mais vinculadas ao stalinismo se sentirão mais atingidas com a narrativa do romance que as correntes que se vinculam ao trotskismo, mas o fio condutor da narrativa não é o julgamento do stalinismo,

embora também o seja, mas a exposição de um método usado pelo stalinismo no seu limite de maldade.

O problema exposto é claramente sobre como as pessoas aderem e se envolvem com essas narrativas fundamentalistas e passam a adotá-las como suas verdades, das quais não podem abrir mão. Esse é um risco que ronda a humanidade e que já assumiu muitas formas em toda a história recente. O romance é, assim, grande alerta sobre o que ainda possa vir, espreitando sobre qual forma virá, pois é muito provável que mais uma vez virá como deformação da razão e como narrativa que se pretende uma verdade absoluta, como tantas outras vezes se apresentou ao mundo.

5.3 A história e a ficção controladas pelo poder

O romance *O homem que amava os cachorros*, sendo narrativa de história e de ficção, faz crítica sobre como esse tipo de narrativa, quando usada na política, pode angariar adeptos e mobilizar massas. Como o stalinismo conquistou a hegemonia na esquerda mundial e como a manteve durante muito tempo senão por esse tipo de narrativa? Como isso se aplica em Cuba e em outros países independentemente de serem mais ou menos democráticos, no sentido de democracias como as conhecemos hoje? Essas são perguntas implícitas no livro.

A história e a ficção têm relação intrínseca e complexa quando se trata de formar as narrativas que mobilizam as massas populares em torno das grandes questões políticas. Embora sejam distintas em sua natureza, essas duas formas de narrativa se entrecruzam e se influenciam mutuamente, desempenhando um papel fundamental na criação de discursos políticos que despertam o interesse do público em geral, seja no sentido de acreditar em algo, seja no sentido de temer algo.

A história, por si só, não é suficiente para atrair e envolver as massas. Por isso, a ficção desempenha um papel crucial nos processos de mobilização popular. A ficção permite a criação de personagens, cenários e tramas cativantes, que podem se conectar emocionalmente com o público. Por meio da ficção, é possível explorar experiências humanas universais, criar narrativas emocionalmente envolventes e transmitir ideias políticas de forma mais acessível e atraente.

Os discursos políticos, por sua vez, são uma mescla de história e ficção. Os líderes políticos e os movimentos sociais muitas vezes recorrem à construção de narrativas que combinam elementos históricos com elementos fictícios para mobilizar e persuadir o público.

Eles selecionam eventos históricos que reforçam sua visão e utilizam técnicas narrativas da ficção para transmitir sua mensagem de forma envolvente e impactante.

Ao combinar história e ficção, os discursos políticos conseguem apelar tanto à razão quanto à emoção. Eles fornecem um contexto histórico para legitimar suas ideias e propostas, mas também utilizam elementos ficcionais para criar uma conexão emocional e despertar o interesse do público. Essa combinação habilidosa de história e ficção permite que os discursos políticos sejam poderosos instrumentos de mobilização, capazes de influenciar e engajar as massas em torno de questões políticas.

No entanto é importante reconhecer que, embora a história e a ficção sejam componentes fundamentais das narrativas políticas, elas também podem ser manipuladas e distorcidas para fins de propaganda e manipulação. A construção de narrativas políticas requer uma análise crítica e uma busca constante pela verdade, a fim de evitar a propagação de desinformação e garantir a participação informada dos cidadãos na esfera política. O romance *O homem que amava os cachorros* expõe esses tipos de problemas enfrentados por quem se propõe a participar ativamente das lutas políticas, como é o caso do narrador.

O livro de Padura (2015) mostra como a combinação de elementos de história com elementos de ficção pode gerar a emoção mobilizadora de um público. E faz isso não apenas pela sua narrativa e sua estética particular, mas mostrando como esse entrecruzamento entre história e ficção não foi apenas utilizado para conquistar o poder, mas ainda é utilizado para mantê-lo. Essa narrativa mesclando história e ficção, quando utilizada pelo poder de estado para construir verdades oficiais, é algo muito danoso e perigoso para a humanidade.

O caso específico do regime stalinista implantado na antiga URSS após a morte de Lenin e a ascensão de Stalin ao poder central, é um exemplo de como a história, a ficção e até as biografias dos líderes da revolução de 1917 foram manipuladas pelo poder estatal com a clara intenção de criar uma verdade oficial, única e indiscutível, marginalizar pessoas e, enfim, centralizar o poder e eliminar opositores. A prosa de Padura (2015) nos leva a refletir sobre esse tipo de narrativa, que, ao mesmo tempo que é tão contemplada e aceita nas obras de arte, é tão repudiada quando usada pelo poder para construir a chamada história oficial.

Após a morte de Lenin em 1924, Stalin iniciou processo de reinterpretação e reescrita da história revolucionária russa, conhecido como “culto à personalidade”. Ele estava determinado a se estabelecer como o herdeiro legítimo e verdadeiro discípulo de Lenin e, para isso, precisava controlar a narrativa em torno da figura desse líder.

Stalin manipulou documentos, discursos e escritos de Lenin para criar uma imagem de proximidade ideológica e sucessão direta. Enfatizou sua lealdade a Lenin, exaltou a figura

dele como líder infalível e alegou ser o único a entender e seguir corretamente seus princípios revolucionários, estabelecendo a ideia de que era o único capaz de interpretar corretamente os seus ensinamentos.

Stalin também reescreveu as obras de Lenin e publicou novas edições, eliminando passagens que poderiam contradizer sua própria visão política ou revelar divergências com as políticas que ele estava implementando. Ele literalmente moldou a história à sua conveniência, a fim de justificar sua política de industrialização forçada, coletivização agrícola e repressão política.

Essa manipulação da biografia de Lenin por Stalin não só serviu para consolidar seu poder, mas também para ele justificar suas ações e políticas, mesmo quando elas eram contrárias aos princípios originais da Revolução Russa. A criação de uma narrativa oficial em torno de Lenin permitiu que ele silenciasse a oposição e garantisse sua própria legitimidade como líder supremo.

É importante destacar que essa manipulação da biografia de Lenin não ocorreu apenas durante o período de Stalin. A narrativa oficial estabelecida por Stalin continuou a ser promovida durante décadas na URSS, mesmo depois da sua morte em 1953. Somente após a era stalinista é que historiadores e pesquisadores começaram a questionar e desmontar essa imagem construída, revelando a manipulação política e ideológica que ocorreu.

No prefácio do seu livro *A revolução desfigurada*, Trotski (1981, p. 14) escreve o seguinte: “Mostrarei como as mesmas pessoas deram, dos mesmos acontecimentos, das mesmas ideias e dos mesmos militantes, uma opinião diametralmente oposta enquanto Lenin era vivo e depois da sua morte”. Essa obra é repleta de citações e documentos para provar que a história da Revolução Russa e do partido bolchevique estava sendo alterada por uma narrativa construída com a finalidade de concentrar o poder nas mãos de Stalin, o que acabou acontecendo.

Padura (2015) mostra semelhante situação ocorrendo em Cuba com os contos do seu narrador Iván Cárdenas, quando registra o que sofreu por ter tentado publicar um conto minimamente realista sobre a situação no país. Diz o narrador:

No fim de janeiro de 1973, assim que terminamos os exames do primeiro semestre, escrevi a última versão do conto e levei as páginas datilografadas à mesma revista universitária na qual um ano e meio antes tinha sido publicado outro dos meus relatos, avalizado por um editorial onde se falava de mim como de uma promessa literária nacional, quase internacional, devido às minhas soluções realistas e à minha visão socialista da arte. Receberam a nova obra com entusiasmo e disseram-me que poderiam publicá-la, com certeza, no número de março ou, no mais tardar, em abril. Mas não tive de esperar tanto tempo para saber como fora recebido e lido o meu

melhor conto. Passada uma semana, o diretor da revista marcou uma entrevista comigo em seu gabinete e ali sofri o segundo — e creio que o mais doloroso — tombo da minha vida. Assim que entrei, o homem, furioso, disparou a pergunta: como você se atreve a nos entregar isto? Isto eram as páginas do meu conto, que o basilisco, eu diria que enjoado, tinha nas mãos, ali, atrás da escrivãzinha... Ainda hoje o esforço antinatural para recordar o que me disse aquele homem investido de poder, seguro da sua capacidade para infundir medo, é para mim demasiado lacerante. Uma vez que a minha história se repetiu tantas vezes, com muitos outros escritores, vou sintetizá-la: aquele conto era inoportuno, não publicável, completamente inconcebível, quase contrarrevolucionário — e ouvir aquela palavra, como devem calcular, provocou em mim um arrepio, evidentemente de pavor. Mas, apesar da gravidade do assunto, ele, como diretor da revista, e os companheiros (sabíamos todos quem eram e o que faziam os companheiros) tinham decidido não tomar outras medidas em relação a mim, tendo em conta meu trabalho anterior, minha juventude e minha evidente confusão ideológica, fazendo todos de conta que aquele conto nunca tinha existido, nunca tinha saído da minha cabeça (Padura, 2015, p. 95-96).

Temos aqui uma narrativa na qual o autor mostra como a história, a ficção e as biografias podem ser manipuladas pelo poder estatal de forma que tanto a história como a própria ficção, enfim, qualquer tipo de narrativa, poderão estar sob o controle do Estado, aprisionadas dentro de uma fórmula global, e, por isso mesmo, sendo uma falsa história, uma falsa ficção e uma falsa biografia, apesar de serem oficialmente classificadas como tais. A prosa de Padura (2015) questiona a validade de todas as narrativas que são produzidas sem que seus autores, ou produtores, tenham a liberdade de narrar.

O romance sugere que a liberdade de escrever obra de ficção é igualmente tão valiosa quanto a liberdade de narrar um acontecimento histórico. Ambas as formas de expressão criativa têm papel crucial na sociedade e são fundamentais para o desenvolvimento de compreensão mais profunda e rica do mundo em que vivemos.

No entanto é importante ressaltar que a liberdade de escrever obra de ficção não implica criar histórias que se passem como fatos reais. A distinção entre ficção e realidade é fundamental e deve ser claramente estabelecida. Os escritores de ficção têm a liberdade de criar universos imaginários, personagens e eventos, mas é crucial que eles sejam transparentes sobre a natureza ficcional de sua obra.

Por outro lado, a narrativa de acontecimentos históricos também requer liberdade para que os historiadores investiguem, interpretem e apresentem os fatos de maneira crítica e objetiva. A liberdade de pesquisa histórica e de expressão é essencial para a produção de narrativas confiáveis e abrangentes. Os historiadores devem ter a liberdade de explorar diferentes perspectivas, analisar evidências, questionar interpretações prévias e revelar a complexidade dos eventos históricos.

A conexão entre a liberdade de escrever ficção e a liberdade de narrar eventos históricos está no fato de que ambas exigem a autonomia do autor para expressar sua visão de mundo, desafiar convenções e explorar novas ideias. A censura ou a restrição da liberdade criativa em qualquer uma dessas esferas compromete a capacidade dos escritores e historiadores de contribuir para um diálogo rico e diversificado na sociedade.

A liberdade de escrever ficção e a liberdade de realizar pesquisas históricas desempenham papel crucial na articulação coerente do passado, do presente e do futuro. Essas liberdades permitem que a história seja explorada de maneira criativa e aberta, possibilitando um processo contínuo de revisões e reinterpretções.

Paul Ricoeur (2010) defende que é importante compreender a relação entre passado, presente e futuro para se obter entendimento mais profundo da história. Ele ressalta que é necessário reconhecer a interação dialética entre o passado e o futuro e como essa dinâmica se manifesta no presente. Para compreendermos a história, é fundamental analisar como eventos, ideias e ações do passado influenciam e moldam o presente, bem como as expectativas e as aspirações que orientam as sociedades em direção ao futuro. O passado é a base sobre a qual o presente é construído, uma vez que os eventos históricos, as escolhas feitas e as consequências resultantes têm um impacto significativo nas condições atuais.

Padura (2015) faz exatamente essa releitura do passado através de sua obra de ficção, mas o faz com critérios e uma rigorosa pesquisa documental, por isso, o romance *O homem que amava os cachorros* é, ao mesmo tempo, história, ficção, política e biografia.

Padura (2015) mostra ainda que a relação entre passado e presente não é unidirecional. Da mesma forma que o passado influencia o presente, o presente também molda a interpretação e a compreensão do passado. As perspectivas e as necessidades do presente, bem como os avanços teóricos e metodológicos, podem levar a uma reinterpretação dos eventos históricos, proporcionando uma visão mais abrangente e crítica.

Além disso, é importante reconhecer que a história não é uma entidade objetiva e imutável, mas sim construção social. A forma como a história é escrita, ensinada e interpretada está sujeita a influências sociais, culturais, políticas e ideológicas. As narrativas históricas são construídas por meio da seleção de eventos, interpretações, omissões e ênfases, refletindo as perspectivas e os interesses dos que escrevem e contam a história.

Ao mesmo tempo, a liberdade de realizar pesquisas históricas é essencial para o processo de compreender o passado de forma mais precisa e contextualizada. Os historiadores têm a oportunidade de investigar documentos, registros, artefatos e outras fontes históricas para reconstruir eventos e narrativas do passado. Através da pesquisa meticulosa, os

historiadores podem oferecer uma visão mais completa e precisa dos acontecimentos passados, ajudando a elucidar as conexões com o presente.

No entanto é importante destacar que tanto a ficção quanto a pesquisa histórica devem ser realizadas com base em critérios de rigor, responsabilidade e integridade. A liberdade de escrever ficção não deve ser usada como uma desculpa para distorcer ou deturpar intencionalmente a história. Da mesma forma, a pesquisa histórica deve ser conduzida com base em métodos e abordagens rigorosos, levando em consideração a análise crítica das fontes e a consulta a diferentes perspectivas.

Além disso, o reconhecimento de que esse processo está aberto a constantes revisões é fundamental. A história é um campo dinâmico, em que novas descobertas, interpretações e perspectivas podem surgir ao longo do tempo. A liberdade de visitar, questionar e reavaliar constantemente o conhecimento histórico é o que permite que a história evolua e se desenvolva, à medida que novas informações e perspectivas são integradas.

Numa resposta que Trotski dá aos seus inquiridores do partido bolchevique sob o comando de Stalin, registra o seguinte:

Um dos “historiadores marxistas” do novo estilo esforçou-se recentemente por descobrir divergências entre Lenin e eu a respeito das jornadas de julho. Cada um se esforça por contribuir com o seu óbolo para que lhe seja retribuído multiplicado. É necessário vencer-se a repugnância para refutar tais falsificações (Trotski, 1981, p. 26).

Aqui é insofismável uma das fontes de inspiração do romance *O homem que amava os cachorros*, ou seja, os debates sobre verdades históricas e como isso pode ser manipulado pelo poder estatal e influenciar na política e na consciência das pessoas. A história construída por supostas pesquisas junto com narrativas, ora ditas como históricas, ora ditas como de ficção, forma um juízo de valor e um tribunal especial sobre as pessoas. A narrativa de Padura (2015) é uma demonstração de coragem para enfrentar essa verdade, inclusive, dentro do mundo dos escritores.

Engana-se quem pensa que a falsificação da história somente acontece pela falsificação dos documentos ou das fontes históricas. Ela também se produz pelas narrativas ditas ficcionais, pelas obras de artes encomendadas e até por aquelas feitas por artistas e escritores engajados em construir uma realidade paralela. É contra esse tipo de narrativa que o romance de Leonardo Padura (2015) se impõe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos importante, no final da tese, refletir sobre horizontes que a obra de Padura (2015) indica como possibilidade de pesquisas futuras, pelo fato de sua obra estar nessa fronteira, do início ao fim, da história e da literatura, constituída, assim, pelo ficcional e pelo documental. Historiografia e ficção literária, como apresentadas em páginas anteriores, são forças que confluem, sem deixar as tensões de fora, no desenvolvimento da obra.

A obra de Padura (2015) propõe acessos singulares ao real e à memória na historiografia. Não pelo fato de querer concorrer com as provas documentais, mas por expandir as possibilidades de significação dos eventos, e fazer o passado ter, novamente, vigência, transformar-se em interlocução das novas gerações, também das passadas, que ainda não abandonaram a história narrada como portadora de sentidos, de lutas, quem sabe de futuro.

A literatura do autor cubano questiona qualquer sentido demiúrgico do historiador, assim também coloca sob juízo crítico qualquer interpretação como portadora de algum significado inquestionável. Não existe, portanto, somente diversidade interpretativa após o evento, as biografias, os acontecimentos. Não é o depois interpretativo que é polissêmico, mas o próprio acontecimento, a biografia, as trajetórias carregam as equivocidades e as contradições. Não é interpretação da vida de Trotski que pode ser diversa, mas a sua própria vida foi constituída por diferentes forças e potências. Os acontecimentos, quaisquer que sejam, são repletos de interesses, enfrentamentos, e sua ocorrência é feita dentro de comunidades interpretativas com suas chances e limites, com seus ideais honrosos, mas também com suas mesquinhas éticas, políticas, ideológicas. Dizendo de forma emblemática, as biografias, os acontecimentos carregam consigo as dubiedades e equivocidades. Não são as hermenêuticas que fundam os conflitos, elas expandem, mas o acontecimento é feito de estrutura de camadas nem sempre unificadas. A história, apesar das tentativas, sempre fracassadas, de ideologias totalitárias, nunca é linear, una, inequívoca.

Outro aspecto importante na obra de Padura (2015), que abre horizontes para posteriores reflexões, é o fato de a política ser questionada quando se torna tentativa de unificar ações, pensamentos, emoções e percepções de mundo. O autor recupera a ideia de política como produtora de conflitos, não de unificação de ideias, que sempre desembocam em totalitarismos. A política como produtora de conflitos, ideia que encontramos em Deleuze (2009) mas também como pressuposto fundamental nos marxismos não totalitários, se torna pressuposto fundamental na narrativa da obra de Padura (2015).

Narrar, como Padura (2015) o faz, assume a tarefa de ressaltar os muitos fios conflitivos de uma história que tem detalhes biográficos, ideologias que se enfrentam, personagens com interesses pessoais, sem deixarem de ser representativos de articulações coletivas.

Por fim, para o que emerge da tese, é importante refletir sobre a história como escolha, como produção, não mera reunião de acontecimentos passados, antes como criação dos acontecimentos pelos caminhos escolhidos em suas leituras. Quer dizer, narrar a história sob perspectivas prévias como evidência de que a história se fabrica, não simplesmente acontece. Ela não é somente evento e posterior interpretação, antes é construída todas as vezes que é narrada, feita por novas mãos, tecidas por inauguradoras narrativas.

Padura (2015) assume essa tarefa de produzir história, ao contá-la, ao produzi-la em novos horizontes de leitura, e faz isso em romance histórico, político. Resgata, mais uma vez, para a literatura, esse papel de nada rejeitar, tudo incluir. Assume as muitas vozes sem os preconceitos que sempre dificultam enxergar os muitos protagonismos. O autor não subalterniza os personagens, deixa-as falar, produz a narrativa como movimento constante da própria história, trazendo-a à Cuba contemporânea, aos leitores contemporâneos muito além de Cuba, União Soviética. A literatura é a expansão da historiografia.

Padura (2015) convida o leitor que se encontra fora do eixo histórico dos acontecimentos (URSS, México, Cuba), fora de relação direta ou ideológica com os personagens do romance, a pensar em si mesmo como produtor de novas histórias a serem narradas. Sim, porque o sentido não é origem ou princípio, é produção, descoberta, intervenção. “O sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto, restaurado, re-empregado, mas algo a produzir por meio de maquinações” (Deleuze; Guattari, 2007, p. 74).

O trabalho de Padura (2015) se torna especialmente relevante por assumir esse papel de agregar, reunir, tensionar, expandir as leituras, por mostrar as muitas relações, por convidar a que possamos expandir a própria história e suas muitas memórias. Por isso, o romance de Padura (2015) assume esse papel de produzir, segundo Walter Benjamin (2020), “curtos-circuitos iluminadores” do que se viveu, para que as histórias não sejam somente memórias da barbárie coletiva, mas novas aparições, emergências de mundos novos, capazes de congregiar esperanças, sem desconhecer os muitos fracassos vividos.

O homem que amava os cachorros é uma obra multifacetada que transcende os limites tradicionais dos gêneros literários, combinando elementos de romance histórico, político e

biográfico. Além disso, o livro se posiciona como um manifesto em defesa de uma sociedade democrática, igualitária e livre de toda opressão.

Primeiramente, como um romance histórico, a narrativa de Padura (2015) se entrelaça com eventos reais, centrando-se em figuras históricas como León Trotski e Ramón Mercader. A meticulosa reconstrução dos acontecimentos que levaram ao assassinato de Trotski oferece ao leitor uma visão detalhada e autêntica do contexto histórico, desde a Revolução Russa até o exílio do revolucionário em várias partes do mundo. Padura (2015) utiliza uma vasta pesquisa documental para recriar os ambientes e as circunstâncias da época, permitindo que os leitores compreendam melhor as complexas dinâmicas políticas e sociais do século XX.

No âmbito do romance político, a obra explora as profundas implicações ideológicas e as crises dentro do movimento comunista. Padura (2015) analisa criticamente a evolução do stalinismo e suas repercussões, expondo a brutalidade e a desumanização resultantes do regime. A narrativa destaca como a política pode corromper e destruir vidas, revelando as tensões e contradições internas dos sistemas totalitários. Através dos personagens, o autor discute a perda de ideais e a manipulação política, oferecendo uma reflexão sobre o poder e suas consequências.

Como romance biográfico, *O homem que amava os cachorros* proporciona um olhar íntimo sobre a vida de seus protagonistas, especialmente Trotski e Mercader. Padura (2015) humaniza essas figuras históricas, explorando suas motivações, medos e dilemas pessoais. Ao dar voz aos personagens, o autor permite que os leitores se conectem emocionalmente com suas trajetórias, compreendendo as complexidades de suas existências e as escolhas que fizeram. Essa abordagem biográfica confere profundidade e autenticidade à narrativa, tornando-a mais envolvente e impactante.

Para além de suas qualidades como romance histórico, político e biográfico, *O homem que amava os cachorros* se posiciona como um manifesto em defesa de uma sociedade democrática, igualitária e livre de toda opressão. Através de sua crítica ao totalitarismo e à opressão política, Padura (2015) exalta os valores da liberdade e da justiça social. A obra denuncia as atrocidades cometidas em nome de ideologias distorcidas e clama por um mundo onde os direitos humanos e a dignidade sejam respeitados. O autor sugere que a verdadeira revolução deve ser baseada na igualdade e na democracia, repudiando qualquer forma de tirania ou autoritarismo.

O homem que amava os cachorros se destaca não apenas por sua narrativa envolvente e bem pesquisada, mas também por seu compromisso com a defesa de princípios democráticos e igualitários. Ao mesclar história, política e biografia, Leonardo Padura cria

uma obra que ressoa profundamente com os leitores, incentivando-os a refletir sobre o passado e a lutar por um futuro mais justo e livre.

O romance não apenas oferece uma profunda exploração histórica e política, mas também se revela extremamente relevante para entender o atual contexto político mundial. A narrativa de Padura (2015), que dissecou a transformação de uma utopia igualitária em um regime totalitário e opressor, espelha as tendências contemporâneas de correntes políticas autoritárias que buscam impor severas restrições às liberdades individuais sob a justificativa de proteger a liberdade.

Padura (2015) examina como a promessa de uma sociedade mais justa e igualitária, como aquela sonhada por Trotski durante a Revolução Russa, pode ser pervertida pelo autoritarismo. O stalinismo, com sua brutal repressão e controle absoluto, representou uma traição aos ideais revolucionários originais, substituindo a liberdade e a igualdade por uma ditadura implacável. Essa transformação é central para entender como regimes podem se desviar de seus princípios fundadores, utilizando a retórica da liberdade para justificar atos de opressão.

Essa dinâmica é visivelmente paralela ao que observamos no cenário político mundial contemporâneo. Muitos governos e movimentos autoritários, sob o pretexto de defender a liberdade, promovem agendas que visam restringir direitos e controlar o comportamento das pessoas. Esses regimes frequentemente buscam impor padrões morais e religiosos rígidos, limitando a expressão pessoal e a diversidade cultural. O discurso de defesa da liberdade é, na verdade, uma cortina de fumaça para a implementação de políticas repressivas que minam a verdadeira liberdade individual.

Um exemplo contemporâneo é a ascensão de movimentos populistas e nacionalistas que clamam pela restauração de valores tradicionais e pela proteção contra ameaças ideológicas. Esses movimentos frequentemente se posicionam como defensores da liberdade contra a globalização e a modernidade, mas, na prática, promovem políticas que restringem a liberdade de expressão, os direitos das minorias e a autonomia individual. A retórica de proteção frequentemente mascara uma agenda de controle e supressão, remanescente das táticas empregadas por todos os regimes autoritários dos quais se tem notícia, conforme descrito no romance de Padura (2015).

Além disso, muitos desses regimes autoritários contemporâneos utilizam a tecnologia para monitorar e controlar suas populações, justificando essas medidas como necessárias para a segurança e a liberdade. Esse uso da tecnologia para a vigilância e o controle social é uma

perversão moderna da promessa de uma sociedade mais segura e livre, similar à forma como a utopia revolucionária foi pervertida pelo totalitarismo no século XX.

A obra de Padura (2015), portanto, serve como um alerta atemporal sobre os perigos de regimes autoritários que, sob a bandeira da liberdade, buscam impor severas restrições à vida das pessoas. *O homem que amava os cachorros* nos lembra que a verdadeira liberdade e igualdade só podem ser alcançadas através da resistência ao autoritarismo e da vigilância constante contra as forças que buscam subverter esses valores. Em um mundo onde correntes políticas autoritárias continuam a ganhar terreno, o romance de Padura (2015) é um manifesto poderoso em defesa da liberdade e da justiça social, reiterando a importância de lutar contra qualquer forma de opressão.

Padura (2015) apresenta uma narrativa profundamente realista, não apenas por incorporar certas características do movimento literário realista, mas principalmente por sua verossimilhança com a realidade histórica da época e dos acontecimentos que relata.

Primeiramente, é importante considerar as características do movimento literário realista que são evidentes na obra. O realismo, como movimento literário, busca retratar a vida de maneira fiel e objetiva, sem idealizações ou exageros. No romance de Padura (2015), essa abordagem é visível na forma como os personagens são construídos com complexidade e profundidade psicológica. Eles são retratados com todas as suas contradições, falhas e virtudes, o que os torna figuras palpáveis e humanas. Além disso, a narrativa é repleta de detalhes minuciosos e descrições precisas, que recriam com rigor os ambientes e contextos históricos, reforçando a sensação de autenticidade.

No entanto a verossimilhança da narrativa com a realidade da época e dos acontecimentos narrados é o que confere ao romance seu caráter realista mais robusto. *O homem que amava os cachorros* entrelaça a vida de três personagens principais: Iván Cárdenas, um escritor cubano frustrado; Ramón Mercader, o assassino de Leon Trotski; e o próprio Trotski, um dos líderes da Revolução Russa. Padura (2015) utiliza uma vasta pesquisa histórica para reconstruir os eventos que culminaram no assassinato de Trotski, ocorrido na Cidade do México em 1940.

O romance aborda questões políticas e ideológicas complexas, explorando as motivações e dilemas enfrentados por cada personagem em um período turbulento da história. A maneira como Padura (2015) integra eventos históricos reais com a ficção demonstra uma meticulosa atenção aos detalhes históricos, criando uma narrativa que não só se alinha com os fatos conhecidos, mas também ilumina aspectos menos explorados da história. Por exemplo, as descrições dos bastidores do assassinato de Trotski, incluindo a formação e a manipulação

de Ramón Mercader pela NKVD, são narradas com uma precisão que traz à tona a brutalidade e a intriga política da época.

Além disso, a obra não se limita a uma simples reconstituição histórica, mas também oferece uma reflexão crítica sobre o impacto desses eventos na vida dos indivíduos e na sociedade. Iván, vivendo na Cuba pós-revolucionária, representa as desilusões e os desafios enfrentados por aqueles que viveram sob regimes totalitários, reforçando a relevância contemporânea da narrativa. Essa intersecção entre história pessoal e coletiva confere ao romance uma dimensão de realismo que transcende a mera reprodução dos eventos, destacando a conexão íntima entre o passado e o presente.

Assim, *O homem que amava os cachorros* é um exemplo notável de narrativa realista, não apenas pela adoção de características do movimento literário realista, mas principalmente pela verossimilhança e pela profunda conexão com a realidade histórica e social dos acontecimentos narrados. A obra de Padura (2015) se destaca por sua capacidade de transformar a história em uma narrativa viva e envolvente, que ressoa com a experiência humana e os dilemas universais enfrentados ao longo do tempo. O autor cubano enfrenta o antigo dilema de relacionar história e ficção, conseguindo demonstrar a pertinência da tese de Paul Ricoeur (2010), segundo a qual história e ficção se entrecruzam de tal forma que a história é quase ficção e a ficção é quase história.

Sua obra se desdobra em três narrativas entrelaçadas. Ao articular essas narrativas, o Padura (2015) não apenas reconstitui eventos históricos com precisão, mas também os entremeia com elementos ficcionais, criando uma teia narrativa rica e multifacetada. A abordagem do autor exemplifica a tese de Ricoeur (2010) sobre as semelhanças entre história e ficção. Ricoeur (2010) argumenta que tanto a narrativa histórica quanto a ficcional são construções narrativas que empregam técnicas similares de seleção e interpretação de eventos. Em *O homem que amava os cachorros*, essa intersecção é claramente visível. Através de uma pesquisa metódica e detalhada, Padura (2015) consegue recriar com fidelidade o contexto histórico da era stalinista, os eventos que levaram ao assassinato de Trotski e as subsequentes repercussões políticas. Contudo é na profundidade psicológica e na complexidade emocional dos personagens que a narrativa alcança uma dimensão ficcional poderosa, proporcionando uma compreensão mais íntima e humana dos eventos históricos.

A figura de Ramón Mercader, por exemplo, é trabalhada não apenas como um agente histórico, mas como um indivíduo com conflitos internos, motivações pessoais e dilemas morais. Ao explorar esses aspectos, Padura (2015) dá vida a Mercader de uma maneira que os registros históricos não conseguem fazer, criando uma simbiose entre fato e ficção. Da mesma

forma, a reconstituição da vida de Trotski não se limita aos fatos documentados, mas também inclui interpretações e suposições que humanizam a figura histórica, tornando-a acessível e compreensível para o leitor moderno.

Além disso, a narrativa de Iván Cárdenas serve como um elo contemporâneo que conecta o passado ao presente, reforçando a ideia de que os eventos históricos têm uma ressonância duradoura e continuam a influenciar vidas e sociedades. A experiência de Iván, marcada pela desilusão e pela repressão na Cuba pós-revolucionária, ecoa os temas de traição, idealismo e sacrifício explorados nas histórias de Trotski e Mercader, destacando a continuidade e a relevância dos dilemas humanos através do tempo.

Dessa maneira, *O homem que amava os cachorros* exemplifica a tese de Paul Ricoeur (2010) ao mostrar como a história e a ficção se entrelaçam em uma narrativa que é, ao mesmo tempo, factual e imaginativa. A obra de Padura (2015) não apenas relata eventos históricos, mas os reinterpreta e os recontextualiza, utilizando a ficção para preencher lacunas, explorar motivações e dar voz às experiências humanas subjacentes aos fatos históricos. Essa abordagem híbrida não só enriquece a compreensão do passado, mas também ilumina o presente, demonstrando como a história e a ficção, longe de serem domínios separados, se complementam e se reforçam mutuamente na criação de narrativas significativas e profundas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

BERTON, Lucas. O significado histórico do romance O homem que amava os cachorros. **Esquerda Diário**, 7 jun. 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/O-significado-historico-do-romance-O-homem-que-amava-os-cachorros>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2007. v. 3.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GUERRA, Bruna Tella. **O socialismo e o intelectual em Cuba: negociações e transgressões no jornalismo e na literatura de Leonardo Padura (1979-2018)**. 2019. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492490>. Acesso em: 30 jan. 2023.

HOWE, Irving. **A política e o romance**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIMA, Gabriel Cordeiro dos Santos. **Ruínas de um sonho: desilusão e ressentimento em um thriller histórico de Leonardo Padura**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-08032017-135952/publico/2017_GabrielCordeiroDosSantosLima_VCorr.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

NEVES, Michele Sodré das. **Mário Conde e Iván Cárdenas: personagens-testemunhas da narrativa pós-soviética de Leonardo Padura**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) –

Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33123>. Acesso em: 30 jan. 2023.

PADURA, Leonardo. O homem contemporâneo está cada vez mais sozinho. [Entrevista cedida a] Marcelo Lins. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 16 maio 2014. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2014-mai-16/ideias-milenio-leonardo-padura-autor-homem-amava-cachorros>. Acesso em: 24 maio 2023.

PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

PIRES, Fernando Prudêncio. **A história da história: Cuba de Leonardo Padura em El hombre que amaba a los perros**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/225375>. Acesso em: 24 maio 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – o tempo narrado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. t. 1 e 3.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SERVICE, Robert. **Stalin: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2022. Kindle.

SERVICE, Robert. **Trotsky: uma biografia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TROTSKI, Leon. **A revolução desfigurada**. São Paulo: Global, 1981.

TROTSKI, Leon. **A revolução traída**. São Paulo: Global, 1980a.

TROTSKI, Leon. **Diário do exílio**. São Paulo: Edições Populares, 1980b. (Obras Completas, v. 1).

TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TROTSKI, Leon. **Minha vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.